

LÍDICE MARIA SILVA DE ARAUJO

TRABALHO, SOCIABILIDADE E EXCLUSÃO
SOCIAL: O CASO DOS "BAGULHADORES"
DO LIXÃO DE AGUAZINHA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE MESTRADO EM ANTROPOLOGIA CULTURAL

Recife, 1997

LÍDICE MARIA SILVA DE ARAUJO

TRABALHO, SOCIABILIDADE E EXCLUSÃO
SOCIAL: O CASO DOS BACULHADORES
DO LIXÃO DE AGUAZINHA

*Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Antropologia Cultural da Universidade
Federal de Pernambuco, como parte dos
requisitos para obtenção do título de Mestre em
Antropologia, sob orientação do Prof. Paulo
Henrique N. Martins.*

Recife, 1997

PE-00027672-9

Universidade Federal de Pernambuco
BIBLIOTECA CENTRAL
CENTRO UNIVERSITÁRIO
50.070-901 - Recife-Pernambuco-Brasil

1593/25/04/97

ARAUJO, Lídice Maria Silva de.

Trabalho, sociabilidade e exclusão social: o caso dos *bagulhadores* do lixão de Aguazinha / Lídice Maria Silva de Araujo. Recife, 1997.

198 folhas

Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Antropologia, 1997.

Inclui bibliografia e anexo.

1. Antropologia. 2. Pobreza urbana. 3. Exclusão social. I. Título. II. MARTINS, Paulo Henrique (orientador).

ACERVO: 172424

IV.06

**TRABALHO, SOCIABILIDADE E EXCLUSÃO SOCIAL:
O CASO DOS *BAGULHADORES* DO LIXÃO DE AGUAZINHA**
LIDICE MARIA SILVA DE ARAUJO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Paulo Henrique N. Martins

Prof. Russel Parry Scott

Profa. Anita Aline Albuquerque Costa

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar o fenômeno da exclusão social, os elementos e circunstâncias que contribuem para esse processo na sociedade atual. Parti do suposto que a exclusão é o resultado da conjunção de dois vetores: a precarização do trabalho e a ruptura do vínculo social. As dificuldades de inserção profissional, a ausência de perspectivas de acesso a um emprego estável, a degradação do mercado de trabalho e o desemprego, são circunstâncias que alimentam a fragilidade das redes de sociabilidades - particularmente no âmbito familiar -, e podem conduzir aqueles que vivenciam tal situação a profundos sentimentos de angústia, inferioridade e humilhação, ao isolamento social e, por fim, à exclusão. Pretendi demonstrar essa hipótese através de uma pesquisa etnográfica realizada com um grupo de catadores de lixo que trabalham e moram dentro de um *lixão* num bairro da periferia da Região Metropolitana do Recife, submetidos a um cotidiano de limites e restrições. Através dos dados obtidos tracei um perfil dos catadores e mostrei as condições de vida, como se constituem as relações sociais e as identidades na periferia do mercado de emprego.

R É S U M É

L'objectif de cette étude est d'analyser le phénomène de l'exclusion sociale, les éléments et circonstances qui contribuent à ce processus dans la société actuelle. Je fais l'hypothèse que l'exclusion est l'effet de la conjonction de deux vecteurs: la précarité du travail et la rupture du lien social. Les difficultés d'insertion professionnelle, l'absence de perspectives d'accès à un emploi stable, la dégradation du marché du travail et le chômage sont des circonstances qui alimentent la fragilité des réseaux de sociabilité - surtout au sein de la communauté familiale -, et peuvent conduire ceux qui font cette expérience à des sentiments d'angoisse, d'infériorité et d'humiliation, à l'isolement social et, enfin, à l'exclusion. Je prétends vérifier cette hypothèse par une recherche ethnographique réalisée avec des personnes dont la vie est faite de limites et restrictions: elles survivent des matériaux retirés de l'ordure et habitent sur l'un terrain où sont jetés les décharges publiques de l'ordure, dans un quartier de la périphérie de la Région Métropolitaine de Recife. À partir des données obtenues, j'ai tracé un profil de ces personnes et montré leurs conditions de vie, la façon dont se constituent les identités et les rapports sociaux à la périphérie du marché de l'emploi.

A G R A D E C I M E N T O S

- Ao meu orientador, Professor Paulo Henrique Martins, pela liberdade que me concedeu para definir as características deste trabalho ;
- Ao Professor Parry Scott que encontrou tempo para conversar comigo e, com cuidado e discernimento, realizou inúmeras leituras do manuscrito ;
- À Professora Anita Aline A. Costa, que me forneceu referências bibliográficas valiosas para a montagem do quadro teórico e que aceitou, de imediato, participar da banca examinadora para discutir algumas idéias contidas neste trabalho ;
- À CAPES, pela concessão da bolsa no decorrer do curso, e à agência canadense IDRC (International Development Research Centre) do Programa de Pesquisas em Desastres Urbanos (UFPB-University of Manitoba), que financiou parte da pesquisa ;
- Aos *bagulhadores* de Aguazinha, sem os quais este trabalho não teria sido possível.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1 - A PROBLEMÁTICA DA EXCLUSÃO SOCIAL	16
1 A sociedade em mutação: da desigualdade à exclusão	16
2 As ciências sociais e o problema inserção x exclusão	27
3 As transformações excludentes da sociedade atual	39
3.1 A precariedade do trabalho	39
3.2 A fragilidade dos vínculos sociais	43
CAPÍTULO 2 - A CONSTRUÇÃO DA EXCLUSÃO URBANA NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE (RMR)	48
1 Cidade, pobreza, degradação ambiental: a visibilidade da exclusão	48
2 RMR: os mecanismos de produção da exclusão	53
3 Do desemprego ao <i>lixão</i> : o itinerário da exclusão?	57
CAPÍTULO 3 - O LIXÃO E OS BAGULHADORES - O CENÁRIO E SEUS HABITANTES	67
1 Localização, história e propriedade: onde, porquê e como surgiu o lixão	67
2 O antropólogo em campo	70
3 O perfil urbano da área: condições de vida e trabalho	80
3.1 O retrato do <i>bagulhador</i>	80
3.2 As condições de vida: uma experiência comum	85
3.3 O trabalho: uma experiência diferente	92
3.4 Os <i>bagulhadores</i> em seu cotidiano	96
CAPÍTULO 4 - BAGULHADORES: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES	102
1 Fotografia e etnografia	102
2 Fotografia e pesquisa antropológica	105
3 Fragmentos e imagens	110
3.1 A fragilidade no mundo do trabalho	113
3.1.1 <i>Bagulhadores</i> : trabalhadores-sem-trabalho	115
3.1.2 As estratégias para “conjurar o fracasso”	133
3.2 A sociabilidade e as estratégias de distinção social	144
3.2.1 As relações familiares	144
3.2.2 A sociabilidade local	155
3.3 Os fatores de desqualificação social e a construção de identidades negativas	160
CONCLUSÕES	171
ANEXO	182
BIBLIOGRAFIA	190

I N T R O D U Ç Ã O

"A vida tornou-se angustiosa para Mário. Mas o que deveras comia era a coisa terrível, denominada pão-que-o-diabo-amassou. Mistura horrível, composta de dias de fome, noites insones e sem luz, lar sem fogo, semanas sem trabalho, futuro sem esperanças, cotovelos rotos, insolências do porteiro, zombarias dos vizinhos, humilhações, dignidade ofendida, desgostos, amargura, e por fim, o esmorecimento."

Victor Hugo. Os miseráveis.

Este trabalho tem o objetivo de contribuir para uma compreensão mais ampla do significado da exclusão social e dos elementos e circunstâncias que contribuem para esse processo na sociedade atual.

A exclusão é comumente vinculada à expulsão do mundo econômico. Numa sociedade voltada para o progresso e o trabalho, todos os que se recusam ou são incapazes de participar do mercado são percebidos como excluídos. A *pobreza* que significa a incapacidade de participar do mercado de consumo e o *desemprego*, a incapacidade de participar do sistema produtivo, aparecem, portanto, como elementos de exclusão. Segundo esse raciocínio, e exercitando o pensamento classificatório, pode-se, então, fazer uma lista de pessoas "excluídas": indigentes, mendigos, vagabundos, velhos e doentes sem recursos, crianças orfãs, sem-teto, sem-terra, desempregados, enfim, pobres de maneira geral.

De um ponto de vista mais culturalista, no entanto, pode-se juntar a essa lista novas categorias de excluídos: os toxicomaníacos, as minorias étnicas, os homossexuais, as prostitutas etc. Como se vê, a lista é longa, diversa e pode ser prolongada indefinidamente, pondo em evidência o caráter impreciso do termo.

A exclusão confunde-se com conceitos mais ou menos próximos como pobreza, desigualdade, marginalidade e estigma ou, ainda, com processos de discriminação e segregação, aparecendo ora como algo novo, ora como um fenômeno tão antigo quanto a

própria humanidade. Apesar da reconhecida importância do problema, persistem grandes divergências sobre suas causas, contornos e tendências. O que um vagabundo e um desempregado, por exemplo, têm em comum, sem falar nas dificuldades materiais que enfrentam? Como vivem, quais as formas de participação na vida coletiva e a percepção que têm do mundo, aqueles que vivenciam a exclusão? O que é ser um excluído na atual conjuntura? E o que essa conjuntura tem de inédito, fazendo emergir, no campo nacional e internacional, a problemática da exclusão? Para responder a essas questões, vários estudos tem sido produzidos tomando como ponto de partida a análise dos processos contemporâneos da exclusão e as formas que ela assume em diferentes sociedades¹.

Essa é, também, a preocupação central deste trabalho. Numa perspectiva sócio-antropológica tomo como objeto de estudo um grupo de catadores de lixo que, em razão de sua prática produtiva, é comumente referido à condição de "excluído". Através dos depoimentos e da observação do cotidiano desse grupo procuro identificar e analisar como se dá sua inserção na atividade produtiva e como estabelecem os vínculos sociais, seus padrões de sociabilidade e suas representações sociais, resgatando aspectos de sua identidade social que referenciam o processo de inclusão/exclusão.

¹ Ver, por exemplo, BOUGET, Denis & NOGUES, Henry. *Observatório Europeu das políticas de luta contra as exclusões sociais. Relatório consolidado*. Relatório apresentado à Comissão das Comunidades Européias. Paris/Recife/ Brasília:IRFED/TGI/UNB, 1992; TELLES, Vera da Silva. *Cidadania inexistente: incivilidade e pobreza. Um estudo sobre trabalho e família na Grande São Paulo*. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia:FFLCH/USP, 1992; NASCIMENTO, Elimar P. *Projetos nacionais e exclusão social*, in *Planejamento e políticas públicas*. Brasília:IPEA, 1993; *Hipóteses sobre o problema da nova exclusão social no Brasil*. Mimeo, 1994; *A exclusão social na França e no Brasil: situações (aparentemente) invertidas, resultados (quase) similares?*, in DINIZ, E., LOPES J. S. e PRANDI, R. (Org.). *O Brasil no rastro da crise: partidos, sindicatos, movimentos sociais, Estado e cidadania no curso dos anos 90*. São Paulo:Hucitec, 1994; *Exclusão: a nova questão social*, in *Revista Proposta*, nº 61, ano 22. Rio de Janeiro:FASE, junho, 1994; XIBERRAS, Martine. *Les théories de l'exclusion*. Paris:Meridiens Klincksieck, 1993; PAUGAM, Serge. *La disqualification sociale - essai sur la nouvelle pauvreté*. 3a ed. Paris:PUF, 1994; CASTEL, Robert. *Les métamorphoses de la question sociale - une chronique du salariat*. Paris:Fayard, 1995; WACQUANT, Loic J.D. *Proscritos da cidade*, in *Novos Estudos CEBRAP*, nº 43, novembro de 1995; IRMÃO, José Ferreira. *Município de Bezerros: um estudo de caso sobre exclusão social*. Trabalho apresentado no Seminário sobre Exclusão Social, promovido pela OIT/UFPE. Recife, 1995. PAUGAM, Serge (Dir.). *L'exclusion - L'état des savoirs*. Paris:La Découverte, 1996.

Para o conhecimento e a análise do processo de exclusão social vivenciado pelos catadores, estabeleci os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar como se dá a inserção dos catadores no mercado de produção ;
2. Identificar as redes de relações sociais, na família e nas diversas instâncias da sociedade civil ou política, que sustentam o grupo ;
3. Examinar as representações dos entrevistados sobre suas experiências no mundo do trabalho e na vida social ;
4. Analisar como se constitui, sob a influência da estrutura social, a identidade dos catadores.

Visando atingir os objetivos propostos, o trabalho, além desta introdução, apresenta 4 capítulos, seguidos da conclusão. No Capítulo 1 procuro focalizar historicamente as variações que ocorrem na concepção do fenômeno da exclusão, chamando a atenção para as principais diferenças sob a influência dos aspectos conjunturais. De uma perspectiva diacrônica, pretendo demonstrar que, embora a exclusão seja um fenômeno antigo, sua lógica está inscrita na própria dinâmica da sociedade e, por isso, a problemática nos dias atuais comporta *especificidades e diferenças* que lhe conferem um aspecto de "novidade".

Observam-se, atualmente, a precariedade de trabalho e a degradação das condições de vida de um número crescente de pessoas. Com toda certeza não há nada de inédito nessa situação, pois sempre se considerou a existência de uma pobreza "residual". No entanto, as transformações postas pela atual revolução científica e tecnológica, criam uma situação de desemprego estrutural, mudando a "questão social" predominante entre os séculos XVII e XIX, antes resumida na intenção de transformar as "classes perigosas" em "classes laboriosas", indivíduos indisciplinados e improdutivos em trabalhadores comportados e orientados pela lógica do mercado. O pobre de hoje, expulso do mundo do trabalho, pois carece de uma preparação adequada, torna-se "desnecessário" economicamente.

A discussão permite esclarecer que a *exclusão* não se confunde com a realidade objetiva de carência material da pobreza, mas vem instituindo-se como imaginário, relacionado às *representações sociais em relação ao pobre*. Na sociedade urbana, voltada

para a valorização social da riqueza, o pobre, desprovido de laços materiais e dos comprometimentos da propriedade, suscita sentimentos de medo e pavor, sendo visto com antipatia, desprezo e preconceito.

Se a sociedade, antes, assumia o propósito de reforma social e moral desses indivíduos - com vistas à fortalecer a solidariedade coletiva e o sentimento de pertencimento à sociedade, neutralizando, assim, uma tendência para a desorganização social ou ruptura -, atualmente a identidade do pobre é cada vez mais relacionada à do bandido, imprimindo um julgamento moral que se confunde com a exclusão.

Assim, embora os excluídos de hoje ocupem uma posição na estrutura social homóloga à dos excluídos de antes (vagabundos, mendigos, pobres em geral), e os processos que produzem essa situação sejam comparáveis, as concepções e manifestações do problema são diferentes.

O Capítulo 2 volta-se para a realidade sócio-econômica da Região Metropolitana do Recife, permitindo ao leitor visualizar as condições de vida dos pobres no mundo urbano e identificar os fatores que confirmam o surgimento de uma "nova" exclusão social: a precariedade do trabalho e a fragilidade do vínculo social. Essa dupla vulnerabilidade pode ser avaliada a partir do estudo de caso dos *bagulhadores*² do *lixão* de Aguazinha³, cujo surgimento em cena pública é relatado, ainda, nesse segundo capítulo.

O Capítulo 3, fundamentado tanto nos dados obtidos através do questionário e das entrevistas realizadas na área, quanto nas informações colhidas via observação participante, realizada no período de dezembro/94 a maio/95, traz a descrição da área de estudo, o perfil da população pesquisada e a vivência cotidiana no *lixão*. Em abril de 1994, a crônica jornalística local anunciou que no *lixão* de Aguazinha, os catadores e suas famílias alimentavam-se de vísceras e órgãos humanos (mamas, braços, pernas etc.) retirados do lixo

² A palavra *bagulhador* vem de *bagulho*, coisa que não presta, lixo. *Bagulhadores* é como se autodenominam aqueles que trabalham no *lixão* de Aguazinha, retirando do lixo materiais reaproveitáveis, vendendo-os para garantir sua subsistência e de suas famílias.

³ Aguazinha é um bairro situado na periferia do Recife (PE).

hospitalar depositado no local pelo caminhão de coleta da prefeitura. A imprensa local e nacional ressaltou que os catadores, fustigados pela fome e pela miséria, não hesitavam em comer carne humana, transformando-se em "canibais"⁴. Nas entrelinhas, insinua-se a vinculação de um modo de vida anti-social a uma negação consciente da ordem social e do sistema de normas e comportamentos. Durante o trabalho de campo verifiquei uma forte vinculação dos *bagulhadores* com as condições sociais e econômicas onde vivem. Representam-se como *trabalhadores* e, também, como *vítimas*, ora submissos à vontade de Deus, ora revoltados contra a morosidade de providências do Governo para melhorar as condições de trabalho. Entre os elementos apontados para justificar sua condição de pobreza estão as *injustiças* e os *privilégios sociais*, perpassando uma crítica política àqueles que "exploram a situação" sem procurar entendê-la.

E, finalmente, no Capítulo 4, procuro entender, por meio da análise das representações dos *bagulhadores*, como se dá sua inserção no trabalho, como se constituem suas relações sociais - particularmente no espaço familiar -, de que maneira percebem a realidade e constroem suas identidades.

As Conclusões deste trabalho salientam a precariedade econômica e a vulnerabilidade relacional da população estudada. Chamou minha atenção alguns aspectos da vida cotidiana dos catadores: a ausência de um emprego estável ou de um intervenção social regular do tipo assistencial por parte do Estado; a busca de um equilíbrio de vida em uma atividade extremamente precária; a moradia numa área desqualificada no espaço urbano; a perda do controle sobre sua representação e identidade coletiva; os recursos do imaginário para lidar com os sentimentos de fracasso, inferioridade e humilhação. Apesar das dificuldades, os entrevistados demonstram um forte desejo de ascensão social, de superar sua condição precária e "melhorar de vida". Recusam, com veemência, a imagem negativa e desvalorizada que lhes atribuem "os de fora", buscando o reconhecimento da sociedade, traduzido na

⁴ *Jornal do Commercio*, de 17.04.94, p. 1 e 20; de 21/04/94, *Cidades*, pp. 1-2; de 22/04/94, *Cidades*, p. 3; *Diário de Pernambuco*, *Vida urbana*, de 24.04.94, p. B-2; *Revista ISTOÉ*, nº 1315, de 14/12/94.

elaboração de estratégias de distinção/diferenciação social. Nesse sentido se pode pensar que os *bagulhadores* vivenciam um processo de inserção social e não de ruptura dos vínculos sociais, de dessocialização ou exclusão social.

A abordagem metodológica assumida nesta pesquisa, privilegiou instrumentos de coleta de dados que permitem a descrição e análise de certas características dessa situação particular, esclarecendo ao mesmo tempo a natureza, a composição e os processos que a constituem. Para a análise do processo de exclusão vivida pelos catadores, e no intuito de descobrir novas problemáticas, tentei apreender a totalidade das situações vividas pelo grupo, tendo para isso recorrido a variadas técnicas de coleta de dados. Dentre os recursos técnicos disponíveis na captação de informações, utilizei o questionário, a observação participante, a entrevista e a fotografia, além, do diário de campo.

A partir dos objetivos já apresentados - compreender as experiências vividas pelos catadores, em situação de precariedade econômica e social - a posição de observador-participante me pareceu indispensável. O grupo pesquisado era relativamente restrito, composto por 13 famílias. Eu queria partilhar da vida cotidiana dessas pessoas, compreender e descrever "do interior" suas experiências. Assim, passei a frequentar o *lixão* de maneira regular, três vezes por semana, aproximadamente, e passava toda a manhã ou a tarde com eles. Conheci, assim, muitos momentos cotidianos: desde a saída para o trabalho à comercialização dos produtos coletados, durante as refeições, os afazeres domésticos e os momentos de descanso.

De acordo com minha prática metodológica e minha ética, escolhi estabelecer com os catadores uma relação de troca e não de hierarquia. Eu pretendia não apenas extrair deles o máximo de informações, mas estabelecer uma relação pessoal sem ter a obrigação imediata de retribuir. Muitas vezes pressionada a assumir o papel paternalista que a Igreja local - e, por vezes, o Estado - lhes oferecia, preferi diluir qualquer expectativa nesse sentido no decorrer da pesquisa: eu não lhes traria nada, nem comida, nem roupas, nem empregos, nem dinheiro. Aceitar essa expectativa paternalista seria reconhecer o estabelecimento de uma relação desigual e impessoal, quase mercantil. O don sem contrapartida veicula uma

hierarquia, uma relação desigual com o outro⁵. Um don exige um contra-don equivalente - embora isto não seja explicitamente declarado -, mas esse contra-don não pode ser revestido de um ganho material imediato, nem regido pela desejo egoísta de "levar vantagem". No sistema do don as coisas valem o que vale a relação - e a alimentam. A troca implica uma relação igualitária, um don e um contra-don recíprocos. Escolhi, então, trocar com os *bagulhadores*, não dar sem esperar uma contrapartida ou receber sem me sentir devedora.

Tendo em vista meus modestos recursos financeiros, eu não podia lhes oferecer presentes de grande valor material, eles, por outro lado, também não se sentiam grandes devedores. A reciprocidade estava estabelecida. Assim, trocamos idéias, pequenos presentes, objetos que pode-se chamar de "supérfluos" - frequentemente ofereci bombons e brinquedinhos para as crianças; às vezes, um bolo de aniversário ou frutas para alguém doente. E eles me concederam as entrevistas, me falaram de suas vidas, sonhos e esperanças. Com o ritual de "tirar retrato", toleraram minha intromissão visual em momentos-chave de seu cotidiano e, sobretudo, me confiaram sua imagem - embora com muita reserva e cautela, traduzidas na pose, simulações e composições deliberadas que os fotografados imprimiam à imagem.

Inicialmente pensei em utilizar a fotografia como técnica complementar, apenas um meio de aproximação do universo pesquisado, mas os próprios fotografados me revelaram a importância da análise e interpretação do registro fotográfico. A bibliografia consultada me proporcionou indicações significativas para a utilização da fotografia como meio de retenção e transmissão do conhecimento⁶. A foto nos conduz para fora, para o outro. Mas de pouco

⁵ Ver sobre o tema MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa:Edições 70, 1988; MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. Coleção Os Pensadores. São Paulo:Ed. Abril, 1978; LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis:Vozes/EDUSP, 1976.

⁶ Ver COLLIER, John. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo:ÉPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1973; SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. Rio de Janeiro:Arbor, 1981; BARTHES, Roland. *A câmara clara*. 4a ed. Rio de Janeiro:Nova Fronteira, 1984; MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular - introdução à fotografia*. Rio de Janeiro/São Paulo: FUNARTE/Brasiliense, 1984; LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família - leitura da fotografia histórica*. São Paulo:Editora da Universidade de São Paulo, 1993. KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo:Ática, 1994; DUBOIS, Philippe, in *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas, SP:Papirus, 1994.

vale a técnica e o método, quando não existe sensibilidade no olhar que se debruça sobre esse outro e se faz uma leitura direta do conteúdo da foto, procurando na imagem uma reprodução exata da realidade. Na fotografia, as imagens precisam ser traduzidas por palavras e seus significados, em alguns casos, são construídos pelos elementos de produção e/ou por sua contextualização no momento de produção. Ela pode revelar por meio de suas características - tamanho, formato, enquadramento, nitidez, planos - comportamentos, valores, sentimentos, as relações sociais e representações daqueles que contribuíram para a sua produção, mas é, antes de tudo, um recorte de alguma coisa existente, uma forma de interpretação do real - ambígua e ideológica - que precisa ser complementada por outras fontes de informação.

Resolvi, então, associar a fotografia aos depoimentos dos catadores. Por intermédio das entrevistas com as fotos pude perceber os diversos níveis do imaginário dos informantes. O valor positivo associado ao trabalho e à família; as críticas às condições de vida local; a recusa em ser identificado a um ambiente degradado fisicamente e a uma população desvalorizada socialmente; as atitudes de distanciamento e as estratégias de diferenciação social; o repúdio a uma situação marginal e, ao mesmo tempo, a introjeção de definições aviltantes, reveladoras de uma identidade negativa.

As contribuições resultantes desta pesquisa permitem, de um lado, o exame aprofundado das experiências vividas pelas populações em situação de precariedade econômica e social⁷. As condições sociais objetivas, as relações que se instauram entre essas população e o resto da sociedade, a constituição da identidade, são dimensões a partir das quais me parece heurísticamente fecundo uma análise da experiência de exclusão social. De outro lado, o estudo permitiu, também, que se vislumbrasse a importância da fotografia como recurso de pesquisa e seu potencial de registro sócio-cultural. No entanto, torna-se imperioso salientar que para viabilizar a aproximação entre os campos da antropologia e da fotografia é preciso que o antropólogo, ao mesmo tempo, domine a linguagem e a técnica fotográfica, e tenha os pressupostos teóricos e as maneiras de olhar consagradas pela antropologia.

⁷ É preciso, contudo, muita cautela no que se refere a generalizações a partir de um estudo de caso, como é o caso deste trabalho.

A PROBLEMÁTICA DA EXCLUSÃO

1 A sociedade em mutação: da desigualdade à exclusão social

A transição da sociedade feudal para a sociedade moderna foi estimulada pelo progresso técnico, pela expansão do mercado e por um intenso processo de urbanização. Com efeito, como a literatura especializada demonstra exaustivamente, a abolição das corporações e seus tradicionais métodos de produção e comercialização; os novos inventos técnicos e científicos; o aumento na demanda de mercadorias; as transformações na estrutura fundiária; a migração em massa do camponês para a cidade, o surgimento de novos valores - o dinheiro, a acumulação, o individualismo -, tudo isso veio contribuir para a construção da noção de "modernidade"¹.

À medida que a cidade se tornava o centro de gravidade de interesses político-econômicos, suas atividades se diversificaram com as possibilidades promovidas pelo planejamento urbano e pela indústria². A cada dia surgiam novas máquinas, fábricas, lojas,

¹ A idéia de "modernidade" surge vinculada, basicamente, a duas características: 1) uma incontrolável tendência ao crescimento, à concentração, à mobilidade; 2) a exaltação da razão instrumental sobre a história e a comunidade. Para uma discussão mais extensa dessas características ver BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986; HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1993; 1994; CHESNEAUX, Jean. *Modernidade-mundo*. Petrópolis: Vozes, 1995.

² É extensa e variada a literatura que trata sobre o desenvolvimento da cidade moderna e de seus problemas. Economistas, sociólogos, antropólogos, filósofos e poetas escreveram sobre ela. Ver, por exemplo, VELHO, Otávio G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967; WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989; PECHMAN, Robert Moses. *A invenção do urbano: a construção da ordem na cidade*, in PIQUET, Rosélia & RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Brasil, território da desigualdade: descaminhos da modernização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./Fundação José Bonifácio, 1991; MARTINS, Paulo Henrique. *Contra o feitiço patrimonial: a alforria das cidades*. Mimeo, 1993; BRESCIANI, Maria Stella. *A cidade das multidões, a cidade aterrorizada*, in PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994; KONDER, Leandro. *Um olhar filosófico sobre a cidade*, in PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

armazéns, ampliava-se o espaço de circulação de pessoas e de veículos mediante a construção de avenidas, calçava-se e iluminava-se as ruas. Subjacente a todas essas transformações, a cidade torna-se também palco de circulação de pessoas de distintas origens sociais. Na mesma calçada cruzam-se cotidianamente o "aristocrata" e o "burguês"; o trabalhador e o indigente; os intelectuais e uma multidão rotulada depreciativamente de "ralé".

A concentração da população num mesmo espaço, o movimento alucinante de pessoas nas ruas, o leva-e-traz permanente da "arraia-miúda", de pessoas e formas de expressão diversas, originou uma nova sociabilidade. Misturam-se os comportamentos tradicionais - enraizados no mundo das guildas de ofícios, nas capelas e catedrais -, que espelham valores tais como, a ajuda mútua, a solidariedade, a vida comunitária, o respeito ao bem-estar coletivo, aos comportamentos modernos, orientados para o progresso, a acumulação e a produção sem limites. Emergem confrontos culturais, manifestações declaradas de preconceito, a impessoalidade na relação entre os proprietários e seus trabalhadores, as tensões de uma acirrada luta de classes, a exploração econômica, a pobreza dos trabalhadores, impondo a ruptura dos laços de solidariedade³.

Esse entrecruzar caótico e pouco regulamentado de tipos humanos diferentes fez surgir, também, um fascínio especial e uma inexplicável preferência pelos bares, tavernas, cafés, teatros, salões de dança e cabarés -, ambientes até então pouco popularizados, lugares "à margem", frequentados por um público "mundano".

Por outro lado, a opinião pública se dividia em relação a essa "ralé": de um lado, havia aqueles que a consideravam fonte de perigos sociais, focos de disseminação de doenças, de degradação moral, de desordens que conduziam à desorganização da sociedade

³ Ver HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. 21a ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986; HOBBSBAWN, E. *A era das revoluções*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979; THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

e criavam obstáculos à marcha civilizatória⁴. De outro, aqueles que acolhiam essa massa heterôgena e pauperizada com simpatia.

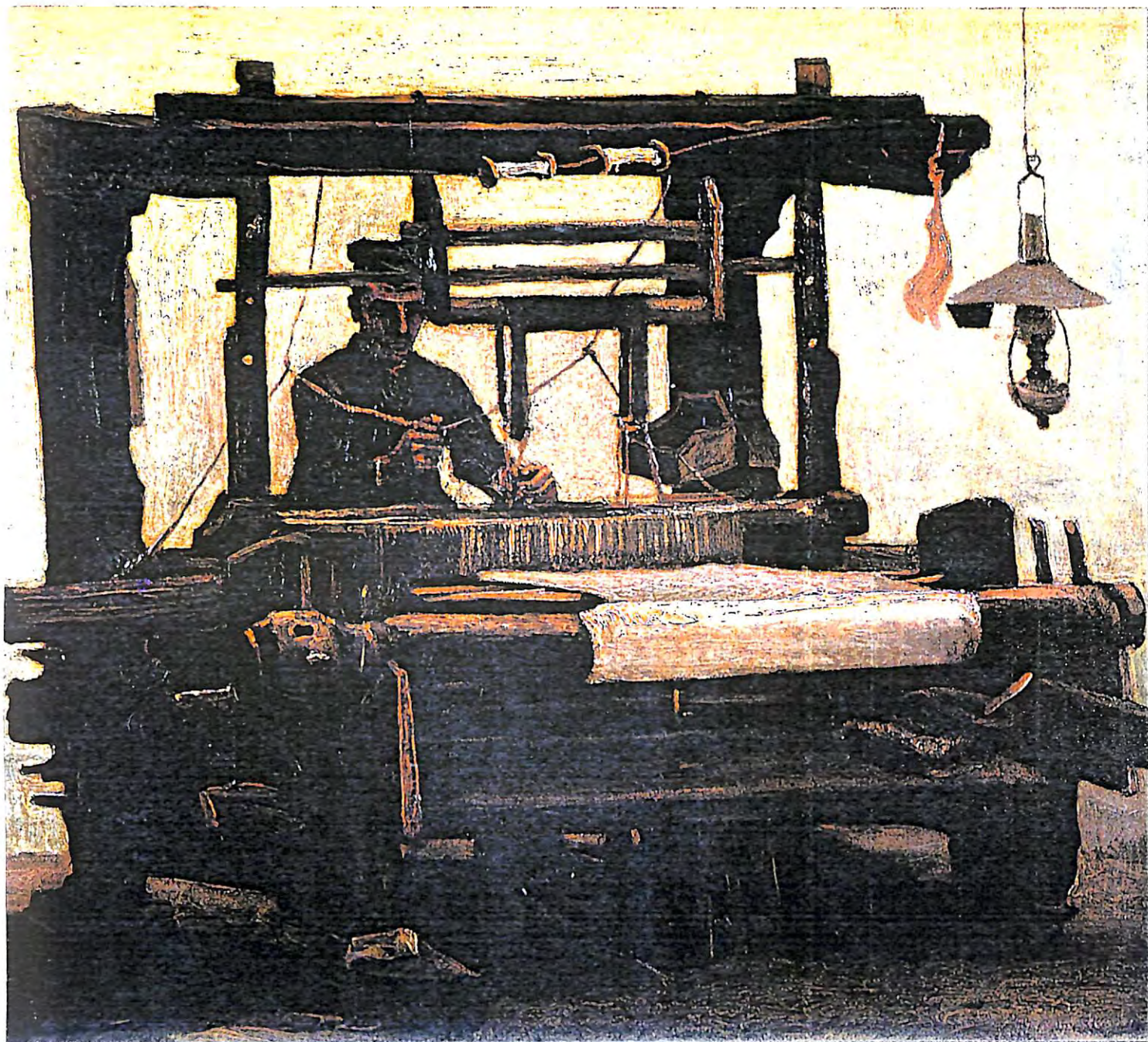
Nesse grupo se incluíam, sobretudo, os intelectuais. Foi das ruas, becos e vielas da cidade moderna, repletas de pessoas que muitas vezes habitavam as fronteiras da legalidade - prostitutas infelizes ou de sucesso, vagabundos, bandidos, bêbados, falidos, músicos não reconhecidos e loucos - que poetas, literatos e artistas retiraram a matéria-prima de suas obras-primas. Ao destacar com sensibilidade o lado sujo e sórdido da vida daquelas pessoas, suas dores e agruras, a crescente pauperização e expropriação - condição estrutural do capitalismo industrial - a que estavam sujeitos, pode-se dizer que concorriam para criar uma cadeia de significantes em torno da pobreza. Trata-se, evidentemente, de significações socialmente construídas que, juntamente às representações de outros segmentos e instituições da sociedade, cristalizam um imaginário social da pobreza.

Van Gogh, por exemplo, causou sensação e críticas, quando em suas primeiras obras elegeu como figuras preferidas representantes do proletariado rural, retratando em suas telas, pessoas anônimas do povo - camponeses, tecelões, mineiros, operários -, como se pode ver em *Tecelão ao tear*, de 1884.

⁴ A multidão é frequentemente vinculada à promiscuidade, ao caos e às qualificações negativas da ordem. Gustave Le Bon, o criador da moderna psicologia das multidões, em sua *La psychologie des foules*, de 1855, apresenta a multidão como irracional, instável, irritável, destrutiva, rebaixada moralmente, formada pelas classes mais baixas da sociedade: criminosos, degenerados, ladrões, prostitutas e vadios. Ver LE BON, Gustave. *Psicologia das multidões*. São Paulo: Edições Roger Delraux, 1994. Freud, num texto escrito em 1921, prolonga a traição conservadora e baseia-se nas proposições lebonianas para fornecer uma concepção intelectualista do social. Lamenta a existência de grupos sociais que tendem à perturbação da ordem e afirma que o ideal era que a sociedade fosse formada pelo homem racional antimassa. FREUD, Sigmund. *Psicologia de grupo e análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Ver também a esse respeito. RUDÉ, George. *A multidão na história - estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra, 1730-1848*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991; BRESCIANI, Maria Stella. Op. cit., 1994.

Tecelão ao tear

Amsterdã, Rijksmuseum Vincent Van Gogh



A decisão de representar a gente pobre, que não era bonita, de revelar sem simulação o mundo da miséria social - tão diferente da realidade de boas aparências a que estava acostumado o público burguês - impulsionaram Van Gogh à criação de uma nova estética. Era a "estética do feio"⁵: as figuras de seus quadros apareciam deformadas: braços curtos, rostos extenuados, magros e pálidos ou balofos e desproporcionais, como se pode ver em quadros como *Os comedores de batatas*, de 1885.

Os comedores de batatas

Amsterdã, Rijksmuseum Vincent Van Gogh



⁵ Ver TASCHEN, Benedikt. *Van Gogh - 1853-1890. Visão e realidade*. Tradução de Maria Odete Gonçalves-Koller. Köln: Benedikt Taschen Verlag GmbH, 1990.

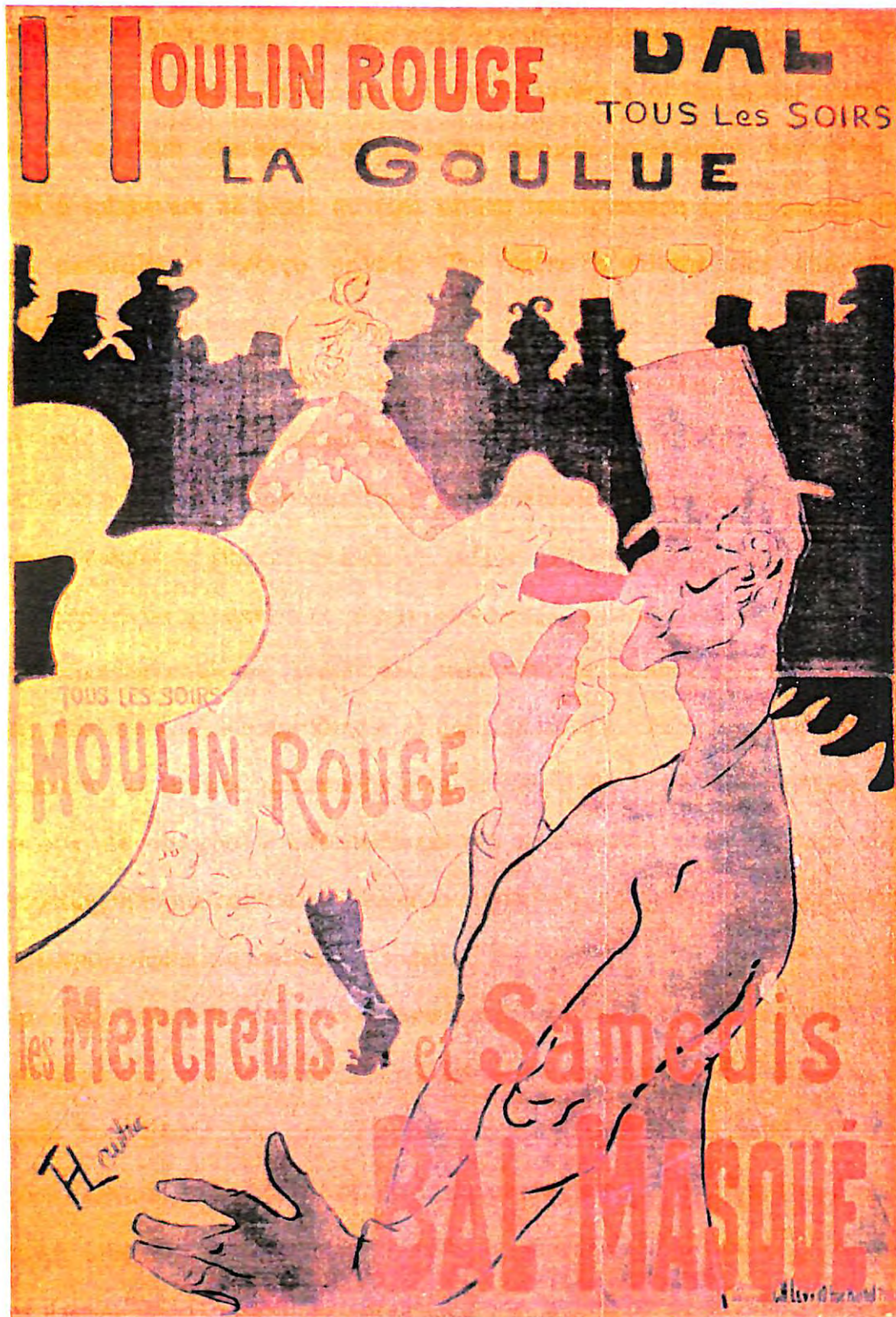
Mas foi Henri de Toulouse-Lautrec, um aristocrata atormentado com a própria deformidade física, quem melhor revelou as alegrias, as tragédias, a realidade inquietante e abrupta de uma gente - como ele próprio - banida, marginalizada e excluída.

Através de suas pinturas, vívidas e nada convencionais, imortalizou os tipos que viviam nas sombras, nos lugares "à margem" - *cabarets* esfumaçados, casas noturnas, prostíbulos, bares, antros e locais de dança - e que, segundo as convicções da época, pervertiam a ordem. Eram artistas de terceira categoria, homens insignificantes, com expressões estúpidas, prostitutas, lésbicas, mulheres de reputação duvidosa - indivíduos à deriva, heróis degradados do mundo industrial.

Lautrec mostrou seus hábitos, seu comportamento, seu jeito de ser, seus breves relâmpagos de vida, seu lado sublime, aquilo que eles tinham de comum com o resto da sociedade. Transformou a dança popular em objeto de sua pintura e desdenhou dos valores morais da burguesia, pintando a libertinagem das dançarinas do cançã do *Moulin Rouge* - o maior e mais popular teatro de variedades de Montmartre. Essas mulheres dançavam loucamente e levavam o prazer da dança ao seu ponto máximo: rodopiando na pista, as pernas para o alto, exibiam os seios fartos, as coxas nuas acima da liga, os babados das roupas íntimas, o coraçãozinho bordado nas costas das calças. Com seus apelidos provocativos - *La Goulue* (A Gulosa); *Grille d'Egout* (Grade de Bueiro); *La Môme Fromage*, (A Queijeira) - atraíam um público indiferenciado, curioso e ávido por seus atrativos sexuais - proletários, empregados de lojas, vendedores de flores, balconistas, lavadeiras, faxineiras e, especialmente, muita gente com dinheiro, representantes da "boa sociedade"⁶.

Em *La Goulue* - o primeiro e mais famoso de todos os cartazes de Toulouse-Lautrec, feito em 1891 -, por exemplo, o pintor homenageou o teatro de variedades e as dançarinas que lhes forneceram tantos assuntos. Armado de pincéis, revelou a hipocrisia da sociedade: nesse lugar proibido e mal-afamado, chapéus-côco e cartolas se cruzam - convivem, lado a lado, a ralé pernicioso e as pessoas respeitáveis do *high society*.

⁶ HARRIS, Nathaniel. *A arte de Toulouse-Lautrec*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1987.



Esses tipos "diferentes" depunham contra as possibilidades de edificar uma ordem urbana regida por leis inflexíveis e reconhecidas por todos, uma sociedade harmônica de proprietários e trabalhadores, onde não mais haveria comandos arbitrários, porém virtudes da associação consentida. Eram eles que inviabilizavam a ordem social competitiva em emergência, criavam obstáculos a formação daquele trabalhador devotados à razão industrial e solapavam as bases de uma ordem fundamentada na autonomia individual, coragem particular e esforço privado. Foi *sobre e contra* eles que o "impulso modernizador" incidiu.

Embora o processo de industrialização/urbanização tenha surgido como uma força capaz de mudar o homem, oferecendo-lhe a liberdade individual, a destruição de estruturas seculares que promoviam a desigualdade, a prosperidade econômica, enfim a "civilização", o desenvolvimento da riqueza através da cidade não se deu de forma igualitária como queriam aqueles que apostavam no progresso, na prosperidade e na harmonia social⁷.

A sociedade moderna, apesar das promessas de democracia e igualitarismo, na realidade, não fez mais que aprofundar as desigualdades e manter a exclusão. O privilégio do nascimento foi apenas substituído pelo privilégio do dinheiro. Forma-se, então, no caleidoscópio de situações e circunstâncias que se desenvolviam no espaço urbano, um grande contingente que contraria o "espírito moderno", antagonizando com seus ideais de unidade, homogeneidade e mobilidade social.

Na virada do século, o espaço urbano apresenta duas imagens antagônicas que vão se tornar familiares no mundo capitalista ocidental: de um lado, a existência de um espaço organizado, homogêneo, com uma população estável, ordeira, trabalhadora, ciente de suas obrigações e deveres, sequiosa de produzir riquezas e de poder desfrutá-las. De outro lado, o crime, a loucura, as doenças, a miséria, a humanidade aviltada, o espetáculo de "desorganização" e de "desordem", propiciado por uma massa de pessoas pouco inclinadas

⁷ Voltaire, com sua filosofia iluminista, via Londres como "a Atenas da Europa moderna" e exaltava a industrialização, inexistente nos Jardins do Éden e desconhecidas pelos gregos da idade do ouro: "A eles faltavam indústria e prazer: isto é virtude? Não: pura ignorância". Ver WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, p.202.

a se sujeitar à disciplina, ao controle, ao ritmo, enfim, à ordem social fundada no modelo político-jurídico liberal.

A despeito da diversidade de situações e de modos de vida adotados por essa massa de "não-integrados", todos estavam inexoravelmente atados por um destino comum: a *pobreza*, reveladora de paradoxos imponderáveis. Mas, ao mesmo tempo em que esse era um requisito da sociedade capitalista em marcha, possibilitava o aparecimento de adversidades que impediam a formação do social e a consolidação da ordem contratual, fundada na lei, numa concepção de direito, justiça e reciprocidade social⁸. Antes de tudo, a pobreza urbana criava uma fragmentação social incurável, traduzindo não apenas uma situação de inferioridade na escala sócio-econômico, mas, sobretudo, a exclusão dessa escala. *A pobreza passa a ser a antítese da integração.*

Uma nova concepção se impõe diante das significações apontadas. É indispensável conferir ordem a uma população multifacetada e disforme; promover o saneamento moral e higiênico da cidade, regulamentar as habitações, a prática do amor, a circulação nas ruas, as ligações entre as pessoas, inculcar novos hábitos de recato moral e de identidade pessoal, assegurando a distância entre as pessoas e as fronteiras entre personalidade íntima e personalidade pública, consideradas fundamentos éticos da formação do cidadão devoto às razões do Estado e da pátria⁹.

No Rio de Janeiro e em São Paulo, por exemplo, tal como ocorrera em outras cidades do mundo ocidental, as adversidades na construção de uma ordem social moderna, urbana, industrializada e próspera, cristalizam-se na ocupação desordenada dos espaços públicos e privados da cidade, cujo efeito mais visível era a proliferação dos cortiços¹⁰.

⁸ Cf. ADORNO, Sérgio. *A gestão filantrópica da pobreza urbana*, in São Paulo em Perspectiva, vol. 4, n° 2. São Paulo: Fundação SEADE, 1990.

⁹ SENNET, R. *O declínio do homem público - as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

¹⁰ Em 1867 existiam no Rio de Janeiro 502 cortiços, onde moravam aproximadamente 15 mil pessoas. Em 1888, esse número já havia se elevado para 1.331, com 46 mil moradores. O próprio Conde d'Eu, marido da princesa Isabel, era proprietário do mais célebre cortiço da cidade o Cabeça de Porco, que chegou a abrigar cerca de 4 mil pessoas. Cf. NEVES, Margarida de Souza. *O povo na rua*, in PECHMANN, R. *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

Abominado pela classe alta e pelos poderes públicos, o cortiço era identificado, na fala de técnicos urbanos e higienistas, com o atraso, a miséria, a sujeira, a doença, a disseminação de epidemias e a degradação moral. Nele se misturavam trabalhadores incorporados a um parque industrial ainda bastante incipiente e acanhado, os integrantes do setor informal do mercado de trabalho, assim como aqueles que desenvolviam atividades ilícitas, vagabundos, famílias e solteiros, negros, brancos e mulatos, bem como portugueses, espanhóis e italianos¹¹.

Aluísio de Azevedo num romance publicado em 1881, transforma o cortiço no personagem principal de sua obra, descrevendo-o com detalhes sórdidos: *"acanalhado ... torpe ... abjeto ... viveiro de larvas sensuais ... paraíso de vermes; brejo de lodo quente e fumegante, donde brota a vida brutalmente, como de uma podridão"*¹². Alguns aspectos do comportamento social da pobreza são salientados pelo autor, enquanto revela os conflitos e as contradições da cidade, quando contrapõe o espaço degradado do cortiço ao luxo e à ostentação das livrarias, lojas finas e confeitarias da Rua do Ouvidor, onde passeavam os elegantes da época. Um café, local transformado em ponto de encontro da aristocracia carioca, é assim descrito: *"Lá dentro (...) grupos de senhoras, vestidas de seda, faziam lanche com vinho do Porto. Respirava-se um cheiro agradável de essências e vinagres aromáticos, havia um rumor quente e garrido, mas bem-educado; namorava-se forte, mas com disfarce, furtando-se olhares no complicado encontro dos espelhos (...)"*¹³.

Os cortiços ameaçavam a fachada de modernidade que a cidade teimava em construir e traduziam as ambiguidades de uma organização que pretendia ser algo distinto do que podia efetivamente ser. Assim, em nome do progresso, da saúde, da beleza e da civilização,

¹¹ Ver KOWARICK, Lúcio & ANT, C. *Cem anos de promiscuidade: o cortiço na cidade de São Paulo*, in KOWARICK, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1988, pp. 49-71; ROLNIK, R. *São Paulo, início da industrialização: o espaço e a política*, in KOWARICK, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1988, pp. 75-94.

¹² AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo:Moderna, 1993, cap. 23, p. 179.

¹³ *Idem, Ibidem, Cap. 23, p. 179.*

o governo empreende, entre 1850 e 1906, uma verdadeira guerra contra os cortiços e sua população, numa tentativa de controlar ou eliminar não apenas o espaço físico, mas também os espaços simbólicos de manifestações populares tais como: os cultos e ritmos africanos, os jogos, os pregões etc¹⁴, uma ameaça, certamente, à *integração* idealizada.

No que diz respeito à vida pública, essas medidas profiláticas visavam, sobretudo, reconstruir os vínculos entre os indivíduos e as instituições para assegurar a preservação da ordem social. Alguns haviam sido rompidos e desgastados com a dissolução do mundo tradicional. Outros necessitavam ser criados, como os vínculos dos indivíduos com o aparelho industrial de produção. Era imperativo costurar a ordem social fraturada, *integrar* ao modelo contratual de organização societária, àquela massa de gente que Louis Chevalier¹⁵ identificou como "classes perigosas" - em geral, trabalhadores da economia informal, vagabundos, delinquentes, prostitutas, etc., que não se constituíam em força de trabalho assalariada e que compreendiam o mundo social de outro modo, segundo parâmetros diferentes e divergentes daqueles pregados pela lógica de mercado¹⁶.

Nesse contexto, o problema da *coesão/integração/exclusão* social vai se revelar profundamente perturbador. Desde então, os cientistas sociais passaram a analisar os fatores que enfraquecem a *coesão social*, deterioram a identidade dos grupos, desorganizam as relações sociais, enfim, que conduzem à *exclusão social*¹⁷.

¹⁴ Cf. NEVES, Margarida de Souza. *O povo na rua*, in PECHMANN, R. Olhares sobre a cidade. Rio de Janeiro:Ed.UFRJ, 1994.

¹⁵ CHEVALIER, Louis. *Classes laborieuses et classes dangereuses*. Paris:Plon, 1958.

¹⁶ Cf. ADORNO, Sérgio. *Op. Cit.*

¹⁷ Ver PAUGAM, Serge. *La constitution d'un paradigme(Introduction)*, in PAUGAM, Serge (Dir.). *L'Exclusion l'état des savoirs*. Paris La Découverte, 1996; SCHNAPPER, Dominique. *Intégration et exclusion dans les sociétés modernes*, in PAUGAM, Serge (Dir.). *L'Exclusion l'état des savoirs* Paris La Découverte, 1996.

Como venho mostrando, a noção de pobreza/exclusão social tem seu enraizamento nas condições sociais e econômicas e, ao longo do tempo, esse processo é informado pelo imaginário instituído e pelas representações sociais construídas historicamente no jogo de interesses sociais, econômicos, políticos e culturais. Neste estudo, importa compreender as significações sociais de indivíduos que vivenciam o processo, na pressuposição de que o representam diferentemente no seu mundo simbólico.

Do ponto de vista da pesquisa antropológica, esse é o melhor caminho para a abordagem do objeto de estudo. Mas, para um olhar mais consistente e fundamentado sobre esse objeto faz-se necessário um referencial teórico que me dê sustentação, capaz de explicitar suas relações com as condições objetivas de onde provêm e que lhe dão sentido. Com essa preocupação, procuro introduzir as abordagens teóricas sobre a exclusão social numa tentativa de eleger os principais tópicos a serem considerados na prática e nas representações sociais do grupo investigado.

2 As ciências sociais e o problema inserção x exclusão

Como restaurar os laços sociais nas sociedades fundadas sobre a soberania do indivíduo? Como conservar a coesão intelectual e moral, que asseguraria a religião e a prática religiosa, quando a organização social se caracteriza pela diferenciação extrema de funções e de atividades? Como reestabelecer a homogeneidade das convicções e condutas? Estas eram as dúvidas que marcaram o nascimento da sociedade moderna e balizaram o pensamento dos intelectuais, filósofos e sociólogos do século passado.

A antropóloga Martine Xiberras¹⁸, em seu livro *Les théories de l'exclusion*, aborda as diversas teorias sociais que tratam o fenômeno da exclusão. A autora começa apresentando as idéias daqueles a quem ela denominou de "pais fundadores" da sociologia: Émile Durkheim e Max Weber, e chama a atenção para o fato de que esses autores, embora não

¹⁸ XIBERRAS, Martine. *Les théories de l'exclusion*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1993.

estudem especificamente a população de excluídos, nem o problema da exclusão em si, apontaram o caminho para sua análise.

Segundo Xiberras, os "pais fundadores" partem do sistema de representações coletivas para fundar os princípios da coesão e da ordem social. Para Durkheim, o conceito de consciência coletiva permite o ordenamento dos valores e o surgimento de uma espécie de cimento social natural: a solidariedade mecânica. Ainda de acordo com Xiberras, para Weber, as representações coletivas, ou usando as palavras do próprio Weber, "o conjunto de sentimentos e de crenças comuns", através dos quais os homens conferem significado as suas ações, permite esclarecer a natureza do laço político (esclarecendo as razões pelas quais os homens se submetem à autoridade e à dominação, e as relações entre mando e obediência) e do laço social. Ou seja, o laço que liga os homens a uma autoridade que os submete e o que os liga entre si, não é fundamentado simplesmente numa força de fora, exterior, mas repousa sobre os sentimentos, as crenças, os valores e a fé desses homens¹⁹.

Com efeito, segundo Durkheim²⁰, nas sociedades tradicionais, prevalece a *solidariedade mecânica*, que se exprime naturalmente ou mecanicamente, tendo em vista a pouca diferenciação entre os indivíduos. Membros de uma mesma coletividade, eles se assemelham, têm os mesmos sentimentos, os mesmos valores e reconhecem os mesmos objetos como sagrados e cada indivíduo é o que são os outros. Na consciência de cada um prevalece os sentimentos comuns a todos, os *sentimentos coletivos*, por isso a sociedade se mantém coesa e coerente. Quantos mais fortes os sentimentos comuns, maior a consciência coletiva, maior a densidade moral e mais fortalecido o laço que liga os indivíduos à coletividade.

Nas sociedades modernas, ocorre o contrário: os indivíduos não se assemelham, são diferentes e prevalece a *solidariedade orgânica*. Cada indivíduo exerce uma função

¹⁹ XIBERRAS, Martine. *Op. Cit.*

²⁰ As considerações que se seguem estão baseadas em ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo/Brasília: Martins Fontes/Unb, 1982; DURKHEIM, Émile. *A divisão do trabalho social*, e DURKHEIM, Émile. *O suicídio*, extraídos de RODRIGUES, José Albertino (org.). *Émile Durkheim: sociologia*. São Paulo: Ática, 1984.

específica e, embora não se pareçam e postulem uma individualidade, são partes integrantes da sociedade, assim como os órgãos de um organismo vivo que, diferentes entre si, são igualmente indispensáveis à vida.

Essa diferenciação de indivíduos e de profissões faz parte do desenvolvimento normal das sociedades humanas e é, sem dúvida alguma, diz Durkheim, um acontecimento necessário à própria sobrevivência do homem, pois permite que cada um tenha um papel, uma função diferente que contribui para a vida de todos, reduzindo o nível de competição entre os indivíduos e evitando a eliminação de alguns. Além disso, a diferenciação social permite ao indivíduo libertar-se das tradições e, guiando-se pela Razão, alcançar uma certa autonomia de julgamento e de ação, assumir responsabilidades próprias, não se submetendo tão cegamente aos imperativos sociais.

Mas, observa Durkheim, embora a diferenciação social contribua para a liberdade individual, ela é também responsável pela debilidade dos sentimentos e valores comuns. Nas sociedades onde aparece a diferenciação de funções, o grupo, a coletividade, perde seu poder sobre o indivíduo que passa a agir conforme suas preferências e a priorizar seus sentimentos pessoais face aos valores coletivos, colocando-se acima do grupo. Há, então, um enfraquecimento das reações coletivas contra a violação das proibições sociais, ou seja, uma redução da densidade moral e, conseqüentemente, um relaxamento dos laços. Paira, então, sobre a sociedade a ameaça de desintegração.

Como reação à insuficiente integração do indivíduo na coletividade, à fragmentação dos grupos sociais integradores (religiosos, domésticos e/ou políticos), ao individualismo exacerbado, à ampliação das rivalidades, enfim, às numerosas situações de decepções oferecidas pelas condições peculiares da vida moderna, surgem uma série de sintomas patológicos - o suicídio anômico, por exemplo. Para restaurar a integração do indivíduo na coletividade e fazer desaparecer os riscos de desintegração social ou "anomia", Durkheim afirma que é preciso que os indivíduos consintam em disciplinar seus desejos, limitem suas aspirações, regulem suas necessidades e obedeçam às regras e normas impostas pela sociedade.

Max Weber, de uma outra perspectiva, vai se preocupar em compreender o comportamento do homem na sociedade, tentando apreender a significação, organizar e explicar o sentido subjetivo de suas ações e de suas relações sociais. Segundo ele a existência humana é, essencialmente, criação e afirmação de valores e o importante é a reconstrução e a compreensão das escolhas humanas pelas quais um universo de valores foi edificado²¹.

Com o objetivo de explorar os valores da sociedade moderna e descrever o funcionamento do laço social da modernidade, Weber, além de estudar as relações de autoridade, dominação e poder, vai se voltar para dois outros grandes aspectos do social: o econômico e a religioso. Em um estudo clássico²², esse autor tenta elucidar as relações entre o espírito do capitalismo e a ética protestante, com o objetivo de demonstrar que o laço econômico, que assume importância destacada na sociedade moderna, pode estar fundamentado no sistema de crenças e valores que animam os indivíduos e que são partilhados por toda sociedade.

Weber vai utilizar frequentemente o conceito de "espírito" do capitalismo para descrever justamente o conjunto de sentimentos e valores que predominam entre os membros da sociedade moderna e aos quais eles aceitam se submeter. Esse "espírito" se caracteriza pela organização racional do trabalho e da produção, visando o maior lucro possível. Lucro e disciplina racional, nisso consiste o "espírito" do capitalismo. Esses elementos, segundo Weber, são comuns à economia capitalista e às crenças protestantes. A ética protestante postulava o trabalho como uma atividade, em si, redentora. O homem, ser de pecados, deve trabalhar para a glória de Deus, devendo, também, adotar um comportamento ascético: evitar o consumismo desenfreado e poupar. O êxito econômico era encarado um sinal de graça divina, indício de salvação, por isso transformou-se numa meta em si. Trabalhar, tendo em vista lucro, é uma atitude necessária ao desenvolvimento

²¹ Ver FREUND, Julien. *Sociologia de Max Weber*. 3a ed. Rio de Janeiro:Forense/Universitária, 1980; ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo/Brasília:Martins Fontes/Unb, 1982.

²² WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 4a ed.. São Paulo:Livraria Pioneira Ed., 1985.

do capitalismo. A ética protestante, portanto, justificava a acumulação e a busca do lucro máximo²³.

Weber, no entanto, afirma que a sociedade moderna - burocrática e racional, orientada para o crescimento indefinido da produção e para a acumulação ilimitada - sufoca os valores que tornam a vida digna de ser vivida: a consciência da responsabilidade, a ação, a fé²⁴.

Assim, o saber científico divide a sociedade em duas porções antagônicas: a parte sã, que trabalha e produz valores, e a parte corrompida, "anômica", que não se adequa aos padrões sociais - de trabalho, de vida familiar, de comportamentos, de práticas, etc., - e que não se submete às normas da sociedade "civilizada". Ou seja, o mundo do excluído se inseria numa realidade à parte: bem delimitado em termos de espaço, de organização social, de regras morais e elementos culturais, que os separavam do resto da sociedade.

Nesse quadro, a educação, a religião e a moral, teriam como função mudar os homens: livrá-los do ócio, dos vícios, tentações e pecados - idéias contrárias à paz social e ao bem comum -, mostrar-lhes valores "superiores", neutralizando uma tendência para a desorganização social ou ruptura. Só assim seria possível construir uma nova sociedade (e uma nova cultura).

É nesse sentido que Xiberras, em sua obra já citada, vai destacar nas idéias dos "pais fundadores" uma clara lógica de *integração social*: o excluído é aquele que, por uma dificuldade individual, não compartilha dos mesmos sentimentos que os outros, nem adere ativamente às representações normalizantes da sociedade, permanecendo num "mundo à parte", "não-integrado".

A idéia de exclusão, então, surge como uma quebra no processo de integração social, apontando para a divisão da sociedade, para a produção de fronteiras que demarcam o *dentro* e o *fora* do social, sugerindo uma diferença essencial entre os homens. Enuncia-se, então, um duplo pólo de referência: "nós", os cidadãos laboriosos - guardiões do

²³ *Idem, Ibidem.*

²⁴ *Ver FREUND, Julien. Op. cit.; ARON, Raymond. Op. Cit.*

conhecimento, possuidores de valores superiores, detentores de uma extraordinária força moral -, e os "outros", os "excedentes", incapazes de "aderir" aos valores instituídos pela sociedade moderna (progresso, êxito econômico, racionalidade produtiva), em ruptura com as idéias fundadores dessa sociedade, de unidade, universalidade e mobilidade social.

Como a sociedade moderna é organizada em torno do primado da produção de riquezas, a realidade social é tecida pelas trocas ligadas à vida econômica. Nesse quadro, ressalta-se a exclusão econômica de grande parte da população, impossibilitada, por exemplo, de aceder a um emprego, ao mercado de consumo, aos processos globais de desenvolvimento e "modernidade" - com todas as ambiguidades que este conceito comporta.

Este modelo economicista e desenvolvimentista corresponde ao modelo histórico-social da modernidade europeia e, posteriormente, dos Estados Unidos. Assim, nos países chamados "periféricos", inclusive na América Latina²⁵, a literatura social que se debruçou sobre os fatores de desagregação e as formas de exclusão apontou, insistentemente, a necessidade de *integração e participação* de todas as parcelas da sociedade no processo de desenvolvimento econômico. Acreditava-se que o desenvolvimento econômico asseguraria o passaporte para o bem-estar social, erradicaria a pobreza e as desigualdades entre grupos e/ou países ricos e pobres tenderiam a diminuir gradativamente. No melhor estilo evolucionista, professava-se uma fé no progresso e num futuro melhor que o presente: a integração se daria, mais cedo ou mais tarde. Os excluídos eram vistos como os deserdados temporários do progresso.

Após a Segunda Guerra Mundial, a crescente pauperização de uma parcela da população e sua consequente exclusão das benesses do desenvolvimento prolongou a idéia de que a *não-integração* decorria de um "defeito" individual, sem se levar em consideração o contexto histórico e social no qual viviam esses "excluídos".

²⁵ Sobre os efeitos perversos da modernização na América Latina ver QUIJANO, Anibal. *Modernidad, identidad y utópia en América Latina*, in Cadernos de sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Programa de Pós-Graduação em sociologia, vol. I, nº 1, maio/jul, 1989; SOARES, Maria Suzana Arrosa. *(Re)Pensando a modernidade Latino-Americana*, in Cadernos de Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Programa de Pós-Graduação em sociologia, vol. I, nº 1, maio/jul, 1989.

Essa tendência vai aparecer, por exemplo, na corrente da chamada "cultura da pobreza". Os trabalhos vinculados a essa abordagem, foram amplamente empregados tanto nos Estados Unidos, como na América Latina, com grande repercussão no Brasil. Segundo essa corrente, no contexto de uma sociedade urbana, estratificada e individualista, como a capitalista moderna, os pobres desenvolvem certos traços de personalidade disfuncionais que se perpetuam mediante o processo de socialização, originando uma cultura própria e exclusiva das populações pobres. Esses traços são basicamente negativos, se comparadas aos padrões de comportamento da classe média idealizada, como caracterizou Oscar Lewis:

*"(...) falta de participação efetiva e de integração dos pobres nas instituições de vulto da sociedade em geral; desconfiança; apatia; cinismo; um mínimo de organização além do núcleo da família e parentes; alta incidência de abandono da mulher e dos filhos fortes sentimentos de marginalidade; desamparo, dependência, inferioridade, falta de controle dos impulsos; acentuada orientação no sentido do momento presente, com capacidade relativamente reduzida de adiar a satisfação e planejar para o futuro; um senso de resignação e fatalismo; e alta tolerância em relação a todo tipo de patologia psicológica"*²⁶.

Lewis, principal teórico da cultura da pobreza, sugere a existência de uma disposição mental do indivíduo que prevalece sobre as circunstâncias concretas. Assim, mesmo depois de alterações objetivas nas circunstâncias econômicas e sociais, esses padrões de comportamento persistem, perpetuando a cultura da pobreza. Nesse sentido, Lewis afirma que *"a eliminação da pobreza em si, talvez não seja suficiente para eliminar a cultura da pobreza"*²⁷.

Implícita nesta postura está a impossibilidade dos indivíduos que Lewis descreve de reagir a condições cambiantes e produzir um estoque simbólico próprio. Além disso, alguns traços ressaltados na caracterização dos pobres - desorganização social e desagregação

²⁶ LEWIS, Oscar. *La vida: una familia puertorriqueña en la cultura de la pobreza: San Juan Y Nueva York*. México: Editorial Joaquín Mortiz S.A., 1975 (Introdução).

²⁷ *Idem, Ibidem.*

familiar, por exemplo - apenas revelam a estranheza, dos que escreveram sobre a pobreza, diante de costumes diferentes do seu.

Orientado por essa lógica de integração, a CEPAL - a principal escola em pensamento social latino-americano - vai atribuir ao modelo primário-exportador os determinantes da pobreza e da exclusão social. Segundo a análise cepalina²⁸, a incapacidade do setor primário exportador de crescer continuamente limitava a incorporação de mão-de-obra na parte moderna da economia, que operava com tecnologia avançada e com altos níveis de produtividade. Assim, grande parcela da população permanecia no setor tradicional, que atuava com baixos níveis de produtividade e com tecnologias arcaicas, o que condenava essas populações a precários padrões de consumo e miseráveis condições de vida. A superação da pobreza só era possível mediante um caminho: a industrialização em larga escala, o que permitiria a inserção de um maior número de pessoas no setor moderno.

No Brasil, à semelhança de outros países latino-americanos, a passagem para a modernidade impôs o problema da integração/participação no desenvolvimento econômico-social, revelando a "crise", e o dilema, que assola todos os países abaixo do Rio Grande²⁹.

Assim, nos anos 50/60, os cientistas sociais brasileiros, tendo como pano de fundo uma sensação coletiva de transição, voltam seus estudos para o descompasso entre uma parte da sociedade pobre, atrasada e desigual e outra parte industrializada, urbanizada e universal, já decididamente integrada à modernidade³⁰.

Nesse contexto, os estudiosos, tomando como modelo os países de industrialização clássica e utilizando os termos da conceituação marxista, se voltam para os trabalhadores

²⁸ Ver, por exemplo, PREBISH, R. *Interpretação do processo de desenvolvimento econômico*, in Revista Brasileira de Economia, ano 5, nº 1, março 1951.

²⁹ A esse respeito ver os textos de MARTINS, Paulo Henrique. *Carochas contra profetas: os economistas e a desarticulação do imaginário desenvolvimentista no Brasil*. Mimeo, s/d.; *A morte dos mitos brasileiros: imaginário e desenvolvimento*. Mimeo, 1993; *República patrimonial e modernização conservadora*. Mimeo, 1994.

³⁰ A desigualdade econômica e cultural interna sustentou a visão dualista, oferecida pela teoria da modernização, apesar das críticas do pensamento marxista, que integrava as duas partes como faces do mesmo processo de desenvolvimento.

pobres urbanos: os proletários. A imagem que salta dos textos acadêmicos, salienta a diversidade interna dos trabalhadores, agravada pela migração rural-urbana, a falta de "consciência de classe", a falta de coerência e racionalidade, a falta de aptidão para a coletivização, enfim, práticas de sociabilidade, trabalho e associação opostas àquelas esperadas idealmente como compondo uma classe operária³¹.

Nos anos 70, a tendência dual da sociedade brasileira é sintetizada na famosa imagem de *belíndia* criada por Edmar Bacha, onde se combinariam uma pequena e próspera Bélgica e uma Índia vasta e pobre³².

Na mesma lógica integracionista, mas no sentido de denunciar o processo de estigmatização das populações pobres, Janice Perlman³³, em sua pesquisa com favelados do Rio de Janeiro, tenta destruir o que ela denominou de "mito da marginalidade", criticando a visão que apresenta os pobres como "passivos", "primitivos", "desintegrados". As conclusões de seu trabalho apontam para a coesão e organização dos favelados, ressaltado sua completa integração à sociedade, o que nega qualquer autonomia de organização e pensamento da população estudada, deixando de apreender sua diversidade e riqueza cultural.

O "dualismo social" em nossa sociedade adquire maior destaque a partir da segunda metade dos anos 80 com o bloqueamento da expansão das atividades produtivas e da ascensão social³⁴. As grandes e inegáveis conquistas da década - a democratização do espaço da política, o lançamento da reforma agrária, o início dos trabalhos da Constituinte - acabaram esquecidas diante do recrudescimento da pobreza no país. As discussões, antes

³¹ *Sobre a representação negativa das "classes populares" no discurso sociológico ver SADER, Eder & PAOLI, Maria Célia. Sobre "classes populares" no pensamento sociológico brasileiro (Notas de leitura sobre acontecimentos recentes), in DURHAM, Eunice R. et al. A aventura antropológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.*

³² *BACHA, Edmar. Política econômica e distribuição de renda. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.*

³³ *PERLMAN, Janice. O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.*

³⁴ *EICHEMBERG Silva, Luiz Carlos (Coord.). O que mostram os indicadores sobre a pobreza na década perdida. Texto para Discussão. Rio de Janeiro: IPEA, agosto, 1992.*

centrada na "integração" dos pobres ao crescimento/desenvolvimento do país, foram deslocadas para a temática da pobreza e as formas de combatê-la³⁵.

A pobreza transborda e invade outros espaços: desloca-se do campo para a cidade, concentrando-se na periferia das grandes metrópoles³⁶, consideradas os pólos mais dinâmicos da economia brasileira; invade o mundo do trabalho³⁷, com a explosão do desemprego e a aceleração da rotatividade da mão-de-obra, comandada pela reestruturação da atividade produtiva.

À essa altura uma observação faz-se necessária: embora o sentimento de exclusão perpassasse todos os trabalhos analisados até o momento, até os anos 80 o termo *exclusão social* ainda não era utilizado no Brasil³⁸. Para designar as contradições de nossa vida social, os cientistas falavam em dualização (traduzida na famosa expressão de *Belíndia* utilizada para definir o país) em desigualdade (diante da concentração de renda existente), em pobreza (a partir da visibilidade da pobreza que se transformava de rural em urbana e desta em metropolitana, e da paralisia do processo de ascensão social).

É a partir de meados dos anos 80 que a expressão torna-se predominante nos meios acadêmicos e fora dele. Um nome significativo nesse debate é o de Hélio Jaguaribe. Esse autor opõe o setor moderno, industrial e minoritário da sociedade e o arcaico, primitivo e

³⁵ Ver, por exemplo, ABRANCHES, S.H. *Política social e combate à pobreza: a teoria da prática*, in ABRANCHES, S.H.; SANTOS, W.G. & COIMBRA, M.A. *Política social e combate à pobreza*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987; SPOSATI, Aldaiza. *A vida urbana e a gestão da pobreza*. São Paulo: Cortez, 1988.

³⁶ Ver CALDEIRA, Teresa. *A política dos outros - o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984; ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta - as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985; DURHAM, Eunice Ribeiro. *A sociedade vista da periferia*, in Revista da ANPOCS, nº 1, vol. 1, junho, 1986.

³⁷ Ver LOPES, Juarez Brandão & GOTTSCHALK, Andréa. *Recessão, pobreza e família: a década mais do que perdida*, in São Paulo em perspectiva. São Paulo: Fundação SEADE, vol. 4, nº 2, abr/jun, 1990, pp. 100-109; MONTALI, Lília. *Família e trabalho na conjuntura recessiva*, in São Paulo em perspectiva. São Paulo: Fundação SEADE, vol. 5, nº 1, jan/mar, 1991, pp. 72-84; TELLES, Vera da Silva. *Cidadania inexistente: incivilidade e pobreza. Um estudo sobre trabalho e família na Grande São Paulo*. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia: FFLCH/USP, 1992; BORGES, Angela & DRUCK, Maria da Graça. *Crise global, terceirização e a exclusão do mundo do trabalho*, in Caderno CRH, nº 19. Salvador: Centro de Recursos Humanos/UFBA, 1993.

³⁸ Cf. NASCIMENTO, Elimar. *Exclusão: a nova questão social*, in Revista Proposta, nº 61, ano 22. Rio de Janeiro: FASE, junho, 1994;

majoritário, numa inter-relação entre a pobreza que fornece mão-de-obra desqualificada, a baixos custos, e os segmentos mais ricos, que fornecem o capital e o trabalho qualificado. Segundo ele, este dualismo é um entrave à retomada do desenvolvimento social, ao processo de modernização e, conseqüentemente, à integração social. O desafio a ser enfrentado pela sociedade é o de integrar os "deserdados do progresso" à parte moderna da sociedade, mediante a retomada do desenvolvimento e do processo de modernização³⁹.

Persiste a idéia de dualidade econômica e social: de um lado, uma minoria privilegiada, detentora de altos padrões de consumo e qualidade de vida e, de outro, grandes massas "excluídas" do progresso, à margem da sociedade. No entanto, nas formulações do autor a exclusão ganha especificidade e ares de novidade: surge como resultado do fracasso do modelo econômico implantado no país desde os anos 30. Mas, como as causas da exclusão são colocadas em nossa "falta" de modernidade, faz-se urgente superar esse *déficit* e retomar o desenvolvimento econômico.

Cristóvam Buarque radicaliza a posição de Jaguaribe e promove uma contundente crítica ao "projeto de modernidade" nacional, torpedeando nossas teorias sobre o progresso e nossa esperança de que no futuro próximo todos os problemas serão resolvidos⁴⁰. À modernidade o autor vincula não apenas a exclusão, mas a deterioração da qualidade de vida (dos "incluídos" e dos "excluídos"), a destruição ambiental, a dependência, alienação e opressão de grande parte da população.

A partir da heterogeneidade de formas de pobreza surgidas no bojo de nossa "modernidade, Buarque na presente década criou o termo "apartação social". Segundo o autor a combinação dualidade social/autoritarismo político, observada a partir de 1964, transformaram a economia dual numa economia de *apartação*⁴¹.

³⁹ JAGUARIBE, Hélio et alii. *Brasil: reforma ou caos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

⁴⁰ BUARQUE, Cristovam. *O colapso da modernidade brasileira e uma proposta alternativa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

⁴¹ BUARQUE, C. *O que é apartação?* São Paulo: Brasiliense, 1993.

A idéia de dualização é evidente e as provas da apartação encontra-se por toda parte: as classes médias que lutavam pela integração dos pobres ao mercado interno, nos anos 60, hoje erguem muros para separar-se; os bares e comércios saem das ruas para lugares fechados, protegidos; a indústria e segurança floresce e os espaços fechados crescem: *shopping centers*, condomínios, *beach-parks*, etc.

A análise das idéias sobre o problema da exclusão até aqui apresentadas, evidencia que, de maneira geral, e entre nós particularmente, tal fenômeno é abordado de uma perspectiva predominantemente economicista.

Confundida com o a pobreza - apesar de diferentes entre si - a exclusão, é vista apenas como destituição de bens materiais. No cerne do debate está a idéia de que o desenvolvimento econômico erradicaria a pobreza e que as desigualdades entre grupos e/ou países ricos e pobres tenderiam a diminuir gradativamente. Nesse sentido, os pobres são vistos como "excluídos" - deserdados temporários do progresso.

No entanto, o fenômeno contemporâneo da globalização originou novas formas de exclusão. Com o desenvolvimento tecnológico atual, uma massa crescente de pessoas não tem mais possibilidades de obter empregos, pois não estão capacitados. Observa-se, então, a convivência de formas tradicionais de pobreza - populações que nunca chegaram a integrar o chamado mercado de trabalho moderno - e de novas formas de precariedade de vida, que atingem os assalariados do setor organizado da economia. Qual a especificidade da exclusão de hoje? É possível ainda acreditar no progresso técnico como antídoto contra a exclusão? Existem pontos comuns entre a precariedade vivenciada pelo *bas fond* na virada do século e a precariedade dos excluídos de hoje?

3 As transformações excludentes da sociedade atual

3.1 *A precariedade do mundo do trabalho*

O mundo de hoje não é mais o de 40 anos atrás. Assiste-se nesse fim de milênio a uma enormidade de transformações. Na virada do século XVIII para o XIX, a máquina a vapor personificou a idéia de desenvolvimento e progresso. Atualmente, celebra-se as maravilhas da eletrônica e as técnicas de vanguarda - a informática, a robótica, a telemática, a cibernética, as biotecnologias, a engenharia genética -, que alteram as noções de espaço e tempo, o cotidiano das pessoas, a economia, a vida política⁴².

A vida cotidiana se desembaraçou dos trabalhos cansativos e repetitivos graças à máquina de lavar, ao forno microondas, à alimentação industrial. Tudo parece possível: a colonização dos planetas; a fecundação *in vitro*; a programação genética das qualidades intelectuais e morais de uma criança que vai nascer. É possível hoje conhecer, quase instantaneamente, o que se produz - livros, filmes, vídeos, pinturas - em qualquer lugar do mundo. Os meios de comunicação, transformados em entidades fetiches e fortalecidos em seu poder de fascinação, invadem o universo mental das pessoas e o campo cultural, anunciando o advento de uma "cultura global"⁴³.

O entrelaçamento econômico entre os países progride na velocidade da luz: o produtor compra matéria-prima em qualquer lugar do mundo onde ela seja melhor e mais barata; instala a fábrica nos países onde a mão-de-obra fique mais em conta, tanto faz se no Vietnã ou no Brasil, e vende a mercadoria para o mundo inteiro. O consumidor hoje não compra exatamente produtos de um país estrangeiro. O que ele consome é um produto sem pátria, sem identidade nacional. Por exemplo: o novo carro da Fiat, o Palio, será fabricado, simultaneamente, em Minas Gerais, Argentina, Colômbia, Venezuela, Índia, Marrocos e

⁴² CHESNEAUX, Jean. *Op. Cit.*

⁴³ Ver MATTELART, Armand. *Comunicação-mundo: história das idéias e das estratégias*. Petrópolis: Vozes, 1994.

China, no entanto, será montado com peças importadas da Venezuela, Marrocos, Equador, Egito, Argélia e Vietnã⁴⁴. A origem da tecnologia, da matéria-prima e do trabalho não tem a menor importância, desde que seu custo seja baixo e a qualidade alta. Resultado: a economia global torna-se cada vez mais interconectada e as economias nacionais perdem importância relativa⁴⁵.

A integração acelerado dos mercados, o advento de novas tecnologias, as transformações nos meios de comunicação e transporte, inserem os indivíduos no interior de uma sociedade globalizada, da qual se tende a destacar os aspectos da produção de riquezas e consumo.

No entanto, a globalização não revela necessariamente a universalização do bem-estar. A imagem idílica desse processo é arranhada pelas contradições do mundo contemporâneo. Suas vantagens parecem ser sentidas apenas em alguns países - detentores do *know-how*, da superioridade econômica e da técnica global - como os Estados Unidos, Japão e na Comunidade Européia. E mesmo nesses países apenas alguns grupos de cidadãos podem usufruí-la. Por outro lado, há uma exclusão maciça dos países da periferia, desprovidos de capital e tecnologia.

Uma das principais consequências da globalização é a profunda transformação do mundo do trabalho. O incremento da tecnologia e do índice de automação implica na redução do número de empregos disponíveis. A sociedade globalizada parece prescindir do trabalho humano: as fábricas robotizadas não precisam mais de tantos operários e os escritórios informatizados podem dispensar a maioria de seus datilógrafos, contadores e gerentes. Dos 90 milhões de empregos fornecidos pelo setor privado nos Estados Unidos, 25 milhões poderão ser suprimidos; na Alemanha, do total de 33 milhões de empregos existentes, 9 milhões desapareceriam *"se as técnicas e os métodos mais avançados fossem*

⁴⁴ Cf. Revista VÊJA, abril, 1996.

⁴⁵ CHESNEAUX, Jean. Op. Cit.

aplicados em todos os lugares onde são aplicáveis"⁴⁶. Segundo a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), nos próximos anos a indústria poderá empregar apenas 2% da população ativa e a agricultura apenas 1%⁴⁷.

A informatização e robotização permite assegurar um mesmo volume de produção, com reduções no montante de capital e do número de trabalhadores. O desemprego agora não é mais causado por recessões que, cedo ou tarde, passavam; o que ocorre é que a esfera da produção capitalista não tem uso para uma proporção crescente de riqueza⁴⁸, provocando o que Adam Schaff⁴⁹ denominou de "desemprego estrutural".

Numa contradição evidente, a globalização orienta-se para a produção e o consumo a nível planetário e, ao mesmo tempo, corta o emprego e a renda das pessoas. O resultado desse novo modelo de organização é a diminuição do número de empregos, e mais: o aumento da insegurança quanto à permanência no mundo do trabalho, o surgimento de novas formas de precarização do emprego.

Essa breve análise da conjuntura atual, mostra o vínculo entre exclusão e os processos de globalização e às transformações na esfera do trabalho. Ao contrário do que se acreditava, o progresso técnico não é mais capaz de distribuir riquezas e proporcionar trabalho e renda para a maioria da população. Nesse caso, a exclusão tende a progredir: aumentam os contingentes populacionais que não encontram espaço no mercado e vagam pela cidade sem emprego e a maioria sem teto, fazendo emergir um grupo social que não é mais necessário à reprodução do capital e que são vistos como um obstáculo às leis do mercado.

A situação não é de todo nova. A pobreza residual sempre existiu e os eternos excluídos de toda formação social - vagabundos, prostitutas, pessoas com ocupações

⁴⁶ Cf. GROZ, André. *Saindo da sociedade do trabalho assalariado*, in São Paulo em Perspectiva, vol. 9, nº 3. São Paulo: Fundação SEADE, jul-set, 1995.

⁴⁷ *Idem, Ibidem.*

⁴⁸ *Idem, Ibidem.*

⁴⁹ SCHAFF, Adam. *A sociedade informática*. São Paulo. UNESP/Brasiliense, 1990.

instáveis e ocasionais, trabalhadores de rua -, atravessam a história e seus traços já eram reconhecidos nos quadros de Van Gogh e Toulouse-Lautrec, como mostrei no início desse capítulo. A novidade da situação é que se antes o excluído era exortado a compartilhar do modelo de representações dominantes, e a sociedade empenhava-se em conscientizá-lo dos valores "superiores", visando sua reintegração ao quadro social, hoje o "exército de reserva", para usar a linguagem marxista, torna-se desnecessário e transforma-se em "lixo tecnológico"⁵⁰.

Esses excluídos representam, na economia, o ponto de ruptura com a relação de trabalho, ressurgindo como homólogos dos vagabundos - *"inúteis ao mundo"* - do apogeu da sociedade industrial. No entanto, eles não são residuais, nem temporários, compõem o exército de "desempregados estruturais", como denominou Schaff, e estão sujeitos não apenas à repressão, como os vagabundos do século XIX, mas à simples extinção: os excluídos modernos, diz Elimar Nascimento, não são apenas expulsos da economia (já que são desnecessários), nem dos nossos espaços sociais (porque são perigosos), mas *"arriscam a se transformarem em um grupo social a ser eliminado"*⁵¹. Aponta-se assim para um novo aspecto da exclusão: aquele relacionado com a sociabilidade.

É claro que a exclusão não pode ser reduzida exclusivamente à dimensão econômica. Ela não implica apenas em ausência de renda, não participação na esfera do consumo, não inserção no mundo do trabalho e da produção. Como lembram Nogues & Bouget⁵², a exclusão tem dimensões variadas, não pode ser reduzida à simples dimensão econômica, nem pode ser entendida desligada da dimensão simbólica ou política, por exemplo.

Fora da economia, como é produzida a exclusão? Quais as suas manifestações além da destituição material? Quais suas repercussões na esfera da sociabilidade?

⁵⁰ NASCIMENTO, Elimar P. *Hipóteses sobre o problema da nova exclusão social no Brasil*. Mimeo, 1994.

⁵¹ NASCIMENTO, Elimar Pinheiro. *Projetos nacionais e exclusão social*, in *Planejamento e políticas públicas*. Brasília; IPEA, 1993, p. 112.

⁵² NOGUES, Henry & Bouget, Denis. *Observatório Europeu das políticas de luta contra as exclusões sociais*. Relatório consolidado. Paris/Recife/Brasília: IRFED/TCI/UNB. Outubro, 1992.

3.2 A fragilidade dos vínculos sociais

Segundo o sociólogo Robert Castel⁵³, as condições de vulnerabilidade e precariedade, postas desde o século XIX, ampliaram-se com as novas exigências tecnológico-econômicas do capitalismo moderno: o trabalho perdeu definitivamente sua função de "grande integrador" e de formador de identidades. Para ele, a precarização do trabalho alimenta a vulnerabilidade social, produzindo o desemprego e favorecendo um processo de *desafiliação* - a desinserção no mundo do trabalho e desintegração dos vínculos sociais. Dessocializado e despossuído de qualquer filiação, o indivíduo perde a identidade pessoal e sócio-cultural, restando-lhe a resignação, o tédio, a vagabundagem, a delinquência, enfim, a *exclusão*.

Diante da experiência de insegurança/instabilidade e da ameaça constante de pauperização que as condições vigentes no mercado de trabalho implicam, é necessário pensar a importância das redes de sociabilidade, em especial a família como forma de proteger os indivíduos contra os sentimentos de isolamento, impotência e exclusão social.

Entre nós, Alba Zaluar já mostrou que a experiência no mercado de trabalho é central nas formas como os trabalhadores elaboram suas identidades. Essas identidades são fundamentadas no modelo do *chefe provedor* - auto-representação carregada de um conteúdo moral: é preciso trabalhar para garantir dignamente a sobrevivência da família. De acordo com o argumento da autora:

*"(...) o trabalho tem seu valor moral vinculado ao status do trabalhador como 'ganha-pão' do grupo doméstico e não à execução da atividade propriamente dita (...) Não é, portanto, uma ética do trabalho, mas uma ética do provedor, que leva os membros da família a finalmente aceitarem a disciplina do trabalho. É assim que o trabalhador pobre alcança a redenção moral e, portanto, a dignidade pessoal"*⁵⁴.

⁵³ CASTEL, Robert. *Les métamorphoses de la question sociale - une chronique du salariat*. Paris: Fayard, 1995.

⁵⁴ ZALUAR, Alba. *Op. cit.*, pp. 120-1.

Revela-se, então, a teia de relações familiares na qual os trabalhadores estão envolvidos. Para a autora, o *modelo do chefe provedor* se constitui na referência simbólica através da qual esses homens constroem uma noção de ordem para suas vidas. Assim, a instabilidade do trabalho, o salário insuficiente, o desamparo dos desempregados e dos trabalhadores sem emprego fixo e trabalho regular, aparecem como circunstâncias que ameaçam não apenas a sobrevivência física dos indivíduos e de suas famílias; mas sinalizam para o insucesso do provedor nas suas atribuições, deveres e obrigações para com aqueles que são seus dependentes. Trabalho e família se entrelaçam fornecendo um sentido para as vidas desses trabalhadores pobres. O trabalho viabiliza as relações familiares e a categoria *pai de família* articula-se a de *trabalhador*, complementando a auto-imagem masculina.

Nesse sentido, como afirma Cynthia Sarti, em oposição a Zaluar, a "ética do provedor" não se contrapõe à "ética do trabalho", ambas são uma coisa só: o "bom trabalhador" é sobretudo, o "bom provedor": *"É precisamente na medida em que o trabalho viabiliza relações fundamentais para a existência dos pobres, com as da família, 'provendo-as' de sentido, ao mesmo tempo em que estas relações provêm o sentido do trabalho, que se constrói uma ética do trabalho"*⁵⁵.

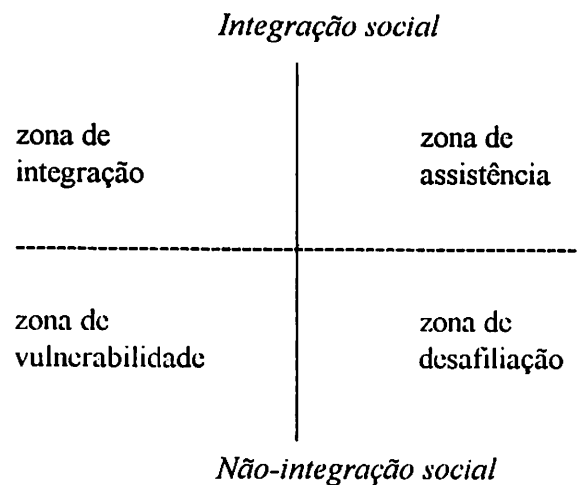
O entrelaçamento família-trabalho aparece, também, na representação da exclusão que faz Castel⁵⁶. Segundo o autor, a exclusão se dá na conjunção de duas esferas básicas: a do *trabalho* e a da *sociabilidade*, surgindo como um efeito na conjunção de dois vetores: um eixo de integração/não-integração pelo trabalho; um eixo de inserção/não-inserção em uma sociabilidade sócio-familiar.

Em sua trajetória de vida, o indivíduo pode ocupar várias posições em relação a essas esferas, que varia da *plena integração* (quando se observa simultaneamente a inserção no mundo do trabalho e solidez relacional) até a *exclusão* ou *desafiliação* (caracterizada pela desinserção no mundo do trabalho e desintegração dos vínculos sociais). No entanto, a

⁵⁵ SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo; Cortez, 1995, p. 74.

⁵⁶ CASTEL, Robert. *Op. cit.*

exclusão é uma situação limite para Castel, antecedida pela zona de *vulnerabilidade* (inserção no trabalho e fragilidade relacional) e pela zona de *assistência* (sem trabalho mas socialmente integrado), como mostra a figura abaixo:



No início é a *fragilidade* econômica, provenientes das dificuldades de inserção profissional, que torna-se privação. Essa precariedade pode conduzir as pessoas que vivenciam um quadro de degradação das condições de vida à *dependência* dos serviços assistenciais. Ao final do processo, pode ocorrer a fragilidade relacional, o isolamento, a *ruptura* do laço social. A exclusão é, portanto, o resultado de um acúmulo de fracassos. O excluído, é o indivíduo sem trabalho, sem família ou laços sociais primários, dessocializado e despossuído de qualquer filiação, que acaba por perder a identidade pessoal e sócio-cultural, restando-lhe apenas a vagabundagem, a delinquência, o isolamento, enfim, a *desfiliação*.

Castel ao ressaltar a perda das participações relacionais, mostra que mais que uma situação econômica, a exclusão implica na ruptura com os parâmetros que constroem um sentido para a vida. A dimensão econômica, embora não possa ser negligenciada, não é fundamentalmente determinante: a pobreza, em si, conta menos que um bom escore no eixo inserção/isolamento ou trabalho/não-trabalho⁵⁷.

⁵⁷ CASTELL, Robert. *Op. cit.*

O interesse da presente pesquisa se dirige para as relações entre condições de vida e a organização social e cultural de um grupo social que sem emprego fixo e trabalho regular, sobrevive da *catação* de lixo.

Será que as dificuldades materiais vividas pelos catadores são tão intensas ao ponto de levar a ruptura total com os valores instituídos pela sociedade? Precariamente inseridos no mundo do trabalho, pressionados pela insuficiência de recursos materiais e pelo consumo restrito, a população estudada vivencia um processo de *desafiliação*, como sugere Castel?

Os *bagulhadores* ausentes do mercado de consumo e produção, situados no limite da linha divisória entre a pobreza trabalhadora e moralizada e a miséria dos não-trabalhadores, evidenciam o desconforto da miséria individual e expõem sem constrangimentos suas necessidades mais vitais, desencadeando sentimentos de emoção, horror e compaixão. Nesse sentido, instauram uma ruptura não apenas com o laço econômico que normativamente liga os atores sociais ao modelo imposto pela sociedade, mas com as regras de civilidade. À maneira dos miseráveis do século passado, são encarados como fundamentalmente *diferentes*, *estranhos*. Será que, como sugere Xiberras existe realmente um "conflito de valores" entre os catadores e a sociedade global? Quais são as normas e valores através das quais essas pessoas organizam, interpretam e dão sentido as suas vidas? Ou os atributos negativos com que se define os *bagulhadores* apenas reproduzem as idéias etnocêntricas e preconceituosas com as quais se julga aqueles que não correspondem à imagem idealizada pela sociedade?

No próximo capítulo tento caracterizar o contexto onde vive a categoria objeto dessa pesquisa, apresentando algumas informações sobre a Região Metropolitana do Recife, seu crescimento urbano vertiginoso e as implicações desse processo para a vida dos pobres da cidade. O objetivo é entender a interação de fatores populacionais, econômicos, sociais e políticos nos padrões de urbanização da Região Metropolitana do Recife e, mais especificamente, no processo de exclusão social de determinadas camadas populacionais na Região.

A CONSTRUÇÃO DA EXCLUSÃO URBANA NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE (RMR)

1 Cidade, pobreza, degradação ambiental: a visibilidade da exclusão

Embora as cidades sempre tenham existido ao longo da humanidade, tão diversificadas quanto as sociedades que as construíram - como, por exemplo, as difamadas Sodoma e Gomorra, descritas na Bíblia; a *pólis* grega e a *urbs* romana, extintas na Baixa Idade Média; as cidades medievais, sitiadas por altos muros e habitadas apenas por uma minoria -, o urbano é um fenômeno recente. É com o desenvolvimento do capitalismo e das sociedades modernas, tomando como ponto de partida a Revolução Industrial, que emerge a tematização da cidade como problema e do urbano como novo campo de saber¹.

Até o ano de 1800, grande parte da humanidade ainda vivia no campo e nenhum país tinha uma população predominantemente urbana. Até esta data, na Europa, onde se situavam as maiores cidades do planeta, não havia mais que duas dezenas de cidades com mais de 100 mil habitantes e apenas cerca de 3% da população mundial vivia no meio urbano². Em 1980 a porcentagem era de 39,9%, o que revela a rapidez do processo de urbanização em todo o mundo³.

¹ A esse respeito ver a bibliografia referida na p. 16 do Capítulo 1.

² Cf. PECHMAN, Robert Moses. *A invenção do urbano: a construção da ordem na cidade*, in PIQUET, Rosélia & RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Brasil, território da desigualdade: descaminhos da modernização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./Fundação José Bonifácio, 1991*; e SACHS, Ignacy. *Espaços, tempos e estratégias de desenvolvimento. São Paulo: Vértice, 1986*.

³ SACHS, Ignacy. *Op. cit.*

No Brasil, em 1980, a população urbana correspondia a 67,6% da população total, ou seja, 80.479.195 habitantes; iniciamos a década de 90 com aproximadamente 107,2 milhões de cidadãos, aproximadamente 74% da população total de 144,2 milhões de habitantes⁴.

Esses números fazem do Brasil o país mais urbanizado da América Latina. No final da década de 80, o IBGE apontava que 50% dos habitantes do Sudeste viviam na Grande São Paulo, na Grande Rio ou na Grande Belo Horizonte, 23% dos sulistas, na Grande Curitiba ou na Grande Porto Alegre e 18% dos nordestinos nas Grandes Salvador, Recife ou Fortaleza⁵. A concentração de pessoas nas regiões metropolitanas é tão assustadora que essas áreas transformam-se em verdadeiros formigueiros humanos.

A dinâmica da sociedade urbana multiplica e intensifica os problemas relativos à saúde, conforto e bem-estar da população. Desemprego e sub-emprego; bairros desprovidos de qualquer serviço público; homens, mulheres e crianças se amontoando em cortiços, favelas ou casas de cômodo com precárias condições de habitabilidade: é este o cenário das grandes cidades que, de maneira geral, passaram a ser vistas como espaço de problemas, riscos e desastres ambientais⁶.

⁴ IBGE. PNAD, 1990.

⁵ *Idem*, *Ibidem*.

⁶ As discussões que se seguem sobre o meio ambiente foram fundamentadas em VIOLA, Eduardo. *O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo a ecopolítica*, in Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo:ANPOCS, fevereiro, 1987; ACOT, Pascal. *História da ecologia*. RJ:Campus, 1990; CARDOSO, Adauto. *A utopia em construção: modernidade, ecologia e urbanização*, in PIQUET, Rosélia & RIBEIRO, Ana Clara Torres. Brasil, território da desigualdade: descaminhos da modernização. Rio de Janeiro:Jorge Zahar Ed./Fundação José Bonifácio, 1991; TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. *A propagação do discurso ambientalista e a produção estratégica da dominação*, in Espaço e Debates, n° 35. São Paulo:NERU, 1992; LAVELL, Allan. *Ciências sociales y desastres naturales en América Latina: un encuentro inconcluso*, in MASKREY, Andrew (org.). Los desastres no son naturales. Colômbia:LA RED/IIIG, 1993; LAVELL, Allan. *Degradación ambiental, riesgo y desastre urbano - problemas y conceptos: Hacia la definición de una Agenda de Investigación*. Mimeo, s/d; FIGUEIREDO, Paulo Jorge Moraes. *A sociedade do lixo - os resíduos, a questão energética e a crise ambiental*. 2a ed., Piracicaba:Editora Unimep, 1995.

O discurso ecológico tradicional, privilegia a discussão de fenômenos extremos e de grande magnitude e enfatiza os processos físico-naturais perturbadores do ecossistema - a degradação dos recursos naturais não renováveis, o efeito estufa, o "buraco" na camada de ozônio, a conservação da biodiversidade, entre outros.

A visão "naturalizada" do ambiente, que caracteriza os militantes ecológicos mais radicais, reduz o problema ecológico à busca de equilíbrio, à integração e adaptabilidade de uma população ao meio ambiente. É flagrante nessa maneira de abordar os desastres ambientais, a influência do viés positivista, que enfatiza a harmonia e a ordem, definindo os eventos que violam a vida "normal" como "patologias", "anomalias" ou "desvios", sem considerar as causalidades sociais e históricas que permitiam o surgimento dos fenômenos, voltando-se principalmente para sua predição e prognóstico⁷.

Mas até que ponto as discussões sobre a crise ambiental podem ser dissociadas das implicações econômicas, sociais e políticas, como querem os ecologistas "puristas"? Será que a baixa remuneração do trabalho, que faz surgir um grande contingente de trabalhadores pobres (assalariados do terciário, biscoiteiros ou trabalhadores autônomos - catadores de lixo, por exemplo); a falta de moradias; o processo de ocupação de áreas sem o devido controle público; a carência na qualidade dos serviços de infra-estrutura; a precariedade das condições de vida e do cotidiano das famílias pobres - elementos que dizem respeito à qualidade de vida nas cidades -, não se constituem também em desastres ambientais?

É claro que não se pode discutir, por exemplo, a poluição da Baía da Guanabara - um dos principais temas das discussões na Conferência Mundial sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, a ECO 92, realizada no Rio de Janeiro - sem antes resolver o problema do

⁷ Isso esclarece o domínio das ciências naturais e a ausência das ciências sociais no tratamento das questões relativas ao meio ambiente, principalmente no continente latinoamericano. Na América Latina, os centros de estudo e as instituições dedicadas às geociências são os que tem mais prestígio e acesso a fontes de financiamento, como é o caso do Instituto Peruano de Geofísica, O Instituto de Geociências da Universidade do Panamá e a Faculdade de Engenharia da UNAM, no México. Ver a esse respeito: LAVELL, Allan. *Op. cit.*, 1993.

esgotamento sanitário e de limpeza urbana da região metropolitana do Rio de Janeiro. Numa ordem capitalista, regida pela lei da oferta e da procura, o solo urbano, a água limpa, o ar puro e as áreas verdes, transformam-se em mercadorias colocados à venda segundo as leis do mercado. Quanto mais escassos forem esses bens, menos acessíveis às camadas de renda baixa.

Esses temas conjunturais, evidenciam a intrínseca relação existente entre o ecossistema e o equilíbrio sócio-econômico da população. A degradação de um está, necessariamente, articulada à do outro. Não é sem razão que o último dos grandes diagnósticos internacionais, o informe da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente, expressa no *Relatório Brundtland* afirma que a miséria é o maior problema ambiental do planeta⁸.

Emerge, então, a necessidade de se discutir criticamente a desigual distribuição na cidade das condições ambientais associadas à qualidade de vida. Essa perspectiva transcende as concepções dos ecologistas tradicionais - para quem a degradação ambiental atinge apenas o ambiente natural ou o ecossistema - e impõe uma reflexão mais social, e mais política, sobre o meio ambiente e suas transformações. Desse ponto de vista, os desastres ambientais passam a ser considerados não como eventos únicos, isolados, "anomalias" provocadas por um desequilíbrio temporal das forças geofísicas, mas como produtos de processos sociais historicamente determinados, como "*problemas no resueltos del desarrollo*". Revelam-se, então, os componentes da estrutura social que definem os segmentos sociais que serão mais, ou menos, atingidos pelos desastres.

É importante destacar que não se trata de negar a existência de ameaças naturais (deslizamentos, trombas d'água, inundações, secas, incêndios espontâneos, etc.), nem de menosprezar os impactos ambientais que tais ameaças provocam, mas de considerá-las como parte da história geomorfológica, climática e oceânica do território onde se assenta determinada

⁸ ONU. *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro: FGV, 2a ed., 1987.

⁹ Cf. LAVELL, Allan. *Op. cit.*, 1993, p. 147.

sociedade, buscando, por outro lado, identificar as condições de risco e vulnerabilidade dos grupos que serão afetados.

As ameaças de base ou origem físico-naturais constituem apenas um componente dos fatores de risco a nível urbano. A concentração espacial da população, a infraestrutura econômica, a complexidade da estrutura urbana, e a diversidade e desigualdades sociais que elas induzem, produzem novos fatores de risco e vulnerabilidade social das cidades e seus habitantes.

Ao se deslocar o eixo do discurso ecológico da preocupação com a escassez dos recursos naturais, devastação das florestas tropicais, a extinção de pacas, veados e tatus, para a realidade social, vê-se o surgimento de elementos até então pouco identificados com a temática ambiental: os elevados níveis de expansão das doenças, as altas taxas de mortalidade infantil; dejetos sólidos e líquidos depositados no solo e nos cursos d'água; a proliferação de casebres, moradias precárias e favelas verticais; o crescimento do número de crianças abandonadas nas ruas; a miséria das populações da periferia urbana. Neste final de século, a cidade perdeu sua função histórica: deixou de ser um lugar de convivência social, de socialização, para tornar-se um espaço em que se revelam os contrastes entre a extrema riqueza e a extrema pobreza, a abundância exagerada e privilégios de uma minoria diante da exclusão da maioria.

A cidade, como cenário de riscos e desastres, é bastante evidente a nível mundial e na América Latina, particularmente. A Região Metropolitana do Recife (RMR), por exemplo, ilustra de forma exemplar o caos em que se transformaram a maioria das cidades brasileiras.

2 RMR: os mecanismos de produção da exclusão¹⁰

Com uma área total de 2.238 Km² correspondendo a 2,82% do território do Estado, a RMR, integrada por 13 municípios¹¹, apresenta uma população de 2.919.979 habitantes, ou seja, 41% da população total do Estado. Os municípios de Recife, Olinda, Jaboatão dos Guararapes, Paulista e Camaragibe, concentram 83,48% da população total da RMR, sendo que essa concentração chega a 56,15% em Recife e Olinda.

A transferência da população rural para a cidade, no caso brasileiro, pode ser explicada pelas transformações que vêm ocorrendo na economia rural do país. Grande parte dos miseráveis que habita a periferia das cidades brasileiras, não raro em condições de vida sub-humanas, é constituída por pequenos produtores e trabalhadores rurais expropriados ou simplesmente expulsos do campo em virtude das mudanças tecnológicas e do avanço do capital¹².

Recife não foge à regra. Historicamente, a agroindústria canavieira era a atividade dominante no estado de Pernambuco, ao ponto de, até os anos 40, mesmo nas várzeas recifenses existirem usinas de açúcar. No entanto, com as várias transformações nas formas de acesso à terra, nos sistemas de reprodução e nas relações de produções rurais, a velha base econômica cede vez aos setores urbanos de atividades (o terciário e o industrial), embora os canaviais e as usinas, apesar de suas fragilidades, ainda se mantenham como importantes fontes absorvedoras de mão-de-obra no campo¹³.

¹⁰ A contextualização da RMR tem como base o documento: *Caracterização da Pobreza na Região Metropolitana do Recife - Versão Preliminar*. SEPLAN/FIDEM:Recife, 1995.

¹¹ Abreu e Lima, Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Igarassu, Ipojuca, Ilha de Itamaracá, Itapissuma, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Olinda, Paulista, Recife, São Lourenço da Mata.

¹² Ver, por exemplo, FERREIRA IRMÃO, J. *Agricultural policy and capitalist development in Northeast Brazil*. Tese de Ph. D. Em Economia. Londres; Universidade de Londres, mimeo.

¹³ MELO, Mário Lacerda. *Metropolitização e subdesenvolvimento: o caso do Recife*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1978.

A eterna atração dos pobres do campo pela cidade - onde vêm engrosar uma demanda de empregos formais e de serviços urbanos a que as metrópoles não atendem -, aliada à baixa expressão das atividades produtivas urbanas - principalmente no momento em que se processa nas metrópoles o fenômeno da "involução metropolitana"¹⁴ - desaceleração da economia metropolitana em detrimento de centros menores -, resulta numa profunda alteração do espaço urbano, em termos ocupacionais, sociais e ecológicos.

O desequilíbrio sócio-econômico da cidade pode ser avaliado pela distribuição sócio-profissional da população e pelo nível médio de remuneração. O padrão de remuneração predominante na RMR, em 1990 era, no mínimo, crítica: aproximadamente 12% da população economicamente ativa recebiam até 2 salários mínimos¹⁵.

Uma das características mais marcantes da RMR é o significativo contingente da população empregada no setor informal, numa gama variada de profissionais e de trabalhadores sem especialização que abrange desde os camelôs e ambulantes do centro da cidade à coleta e reciclagem de lixo. Em 1988, o FIBGE/PNAD registrou a presença de 1.007 mil pessoas ocupadas na RMR. Por outro lado, o levantamento da RAIS do Ministério do Trabalho, que engloba a mão-de-obra formal, registrou apenas 585 mil pessoas ocupadas na RMR, em dezembro de 1988. Ou seja, a inserção da população no setor informal chegaria a 42%, aproximadamente, 420 mil pessoas¹⁶.

¹⁴ A expressão "involução metropolitana" foi criada por Milton Santos, para explicar alguns elementos presentes na economia urbana: 1) algumas regiões, em todos os Estados, revelam taxas de crescimento mais elevadas que as respectivas metrópoles. O Produto Interno Bruto cresce menos nas metrópoles que no resto do país e da região correspondente; 2) as ocupações urbanas, geralmente irregulares e mal pagas, podem ser menos bem remuneradas que as do campo, e 3) alguns índices de qualidade de vida aparecem como melhores no interior do que na metrópole. Ver SANTOS, Milton. *A metrópole: modernização, involução e segmentação*, in PRETECELLE, E. & VALLADARES, E. (org.) *Reestruturação urbana: tendências e desafios*. São Paulo: Nobel/IUPERJ, 1990.

¹⁵ Cf. SEPLAN/FIDEM. *Op. Cit.*, 1995.

¹⁶ Ver LIMA, Marcos Costa & RANDS, Alexandre. *Setor informal da economia urbana da Região Metropolitana do Recife*. Mimeo. Recife, 1995.

As ocupações vinculadas ao setor informal - geralmente classificado de subemprego - é, na verdade, uma forma de disfarce de desemprego. Caracterizado pela instabilidade da ocupação da força de trabalho, pela desproteção e insegurança (previdenciária e legal) do trabalhador e pela flutuação da renda do trabalho; atrai os indivíduos das classes populares e garante a manutenção de um "exército industrial de reserva" com baixíssimos rendimentos, alimentando assim a própria acumulação capitalista e concentração de renda.

No entanto, é preciso reconhecer que o setor informal funciona como uma válvula de escape para o fantasma do desemprego, que assume contornos angustiantes em todo país, particularmente na RMR. Confrontado com o Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Salvador, no período de janeiro a outubro de 1993, Recife apresenta os maiores índices de "desemprego aberto", com taxas ao redor de 9%¹⁷. Como diz o ditado popular "em terra de cego quem tem um olho é rei". É melhor ter um subemprego que emprego nenhum.

Sub-empregados e com uma renda que não lhes permite acompanhar o vertiginoso aumento de preço da terra urbana, esses trabalhadores pobres ocupam áreas inadequadas e desprovidas de quaisquer benfeitorias - alagados, morros, terrenos baldios - sofrendo o fenômeno da favelização e da segregação social¹⁸.

Conforme o *Anuário Estatístico* do IBGE, Recife é hoje a terceira cidade do País em número de favelas, possui 251 áreas de invasão, perdendo apenas para São Paulo, com 1.257, e Rio de Janeiro, que tem 661¹⁹. Ainda segundo o IBGE, em 15 anos duplicou a área ocupada por favelas no Recife. Em 1975, 17,7 Km², apenas 8,5% da área do Recife, eram ocupadas por invasões. Em 1990 este número subiu para 33,1 Km², ou seja, 15% da área da cidade, o que mostra a rapidez com que a periferia da cidade é ocupada²⁰.

¹⁷ Cf. IBGE. *Pesquisa mensal de emprego*. Citado no *Jornal do Commercio*, de 11.12.93, *Cidades*, p. 2.

¹⁸ Sobre o tema ver MOURA, Alexandrina Sobreira de. *Terra do mangue: invasões urbanas no Recife*. Recife; FUNDAJ/Editora Massangana, 1990.

¹⁹ IBGE. *Anuário Estatístico*, 1991.

A carência na qualidade dos serviços de infra-estrutura na RMR é outro fato digno de nota: são 800.000 pessoas que não tem água encanada; 149.695 de casas sem rede de esgoto²¹ e 186.252 lares sem coleta de lixo²².

O estado de saúde da população da RMR é baixo: no Recife a esperança de vida, para o período 1970-80, é de 49 anos para os homens e 55 para as mulheres. A mortalidade infantil vem caindo: passou de 78,9 em 1979 para 39,5 por mil nascidos vivos em 1988, no entanto, a redução nos índices foi conseguida graças a medidas isoladas como uso intensivo de terapia de reidratação, campanhas de vacinação e estímulo ao aleitamento materno, não significando necessariamente uma melhoria nas condições de vida ou maior acesso aos bens e serviços oferecidos²³.

Recife, junto com Belém tem uma incidência anual de 171 casos de filariose para cada 100.000 habitantes; a RMR abriga uma das 6 áreas endêmicas de esquistossomose em Pernambuco: Jaboatão; entre 1985 e 1990 ocorreram 1.080 casos de leptospirose, ocasionando 93 mortes; de 1983 a 1990 foram confirmados 360 casos de Aids em Pernambuco - Recife tem 64,9% dos casos, Olinda 8,9%, Jaboatão 5,6% e Paulista 3,6%²⁴.

À luz desses dados, compreende-se porque, em 1990, o *Comitê Crise Populacional*, entidade americana privada sem fins lucrativos, ao divulgar o resultado de 2 anos de pesquisa referente à qualidade de vida nas cem maiores cidades do mundo, elegeu a RMR como a 4a. pior região metropolitana entre todas estudadas²⁵.

²⁰ Citado no *Jornal do Commercio*, de 19.11.95, *Cidades*, p. 6.

²¹ Cf. ETAPAS. *Miséria Urbana - uma radiografia da Região Metropolitana do Recife*. Recife, 1991.

²² IBGE. *Censo Demográfico*, 1991.

²³ Cf. ETAPAS. *Op. cit.*

²⁴ Cf. ETAPAS. *Op. cit.*

²⁵ Cf. ALVES, Júlia Falivene. *Métropoles - cidadania e qualidade de vida*. São Paulo:Moderna, 1992, p. 29.

Como se vê, o rápido e descontrolado crescimento das metrópoles gerou um espaço urbano segregador, do ponto de vista social; caótico, do ponto de vista urbano e degradador do ponto de vista ecológico. Cabe, no entanto, ressaltar que a urbanização não é em si incompatível com a qualidade ambiental²⁶. No caso brasileiro, no entanto, chama a atenção, os desequilíbrios resultantes da precariedade do equipamento coletivo face ao crescimento das demandas da população. As respostas institucionais para os problemas ambientais das cidades foram dificultadas por estruturas governamentais antiquadas, solicitadas a prover serviços num ritmo e numa capacidade nem sempre disponíveis. O exemplo mais claro disso é o tratamento que se dá ao lixo urbano.

3 Do desemprego ao *lixão*: o itinerário da exclusão?

A questão do lixo é emblemática da questão ambiental urbana e é, também, a materialização do desperdício da sociedade de consumo²⁷. A produção daquilo que é inútil e que logo deverá ser descartado, implica numa quantidade espantosa de matéria-prima e energia, implicando em mais desmatamento, mais aquecimento global, mais poluição: tudo sem ter em troca bens ou serviços que melhorem a qualidade de vida. Assim, o lixo é um problema na sua origem - gastando, sem possibilidade de retorno os recursos naturais - e no seu destino - degradando o ambiente com prejuízos à saúde humana.

²⁶ É comum associar o progresso aos centros urbanos, onde se concentram os serviços coletivos e maiores facilidades de acesso aos avanços tecnológicos.

²⁷ Sobre o assunto ver OGATA, Maria Gravina. *Os resíduos sólidos na organização do espaço e na qualidade do ambiente urbano: uma contribuição geográfica ao estudo do problema na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: IBGE, 1983; FIGUEIREDO, Paulo Jorge Moraes. *Sociedade do lixo - os resíduos, a questão energética e a crise ambiental*. 2a ed. Piracicaba: Editora UNIMPE, 1995; HOGAN, Daniel Joseph. *A qualidade ambiental urbana: oportunidades para um novo salto*, in São Paulo em Perspectiva, vol. 9, nº 3, jul-set, 1995.

Mas a questão do lixo também é um símbolo na sua solução: a maior parte do lixo produzido nos grandes centros urbanos é descartado de forma inadequada, colocado em terrenos baldios, o que reflete a carência de recursos humanos e financeiros do poder público para atender as demandas dos habitantes das cidades.

A coleta de resíduos é uma das atividades mais onerosas - e mais importantes - da administração de qualquer cidade e envolve uma gama enorme de equipamentos, mão-de-obra especializada e não especializada, significando crescentes custos ao poder público, associados ao transporte e formas de processamento dos resíduos.

Os representantes dos governos municipais - assoberbados com os problemas que enfrentam, afligidos pela falta de recursos humanos e financeiros para atender às demandas dos urbanos - frequentemente não conferem um tratamento adequado ao problema do descarte do lixo, encarando a questão apenas do ponto de vista econômico: "eliminar os detritos a um baixo custo", o que nem sempre implica numa preocupação com a qualidade de vida dos urbanos.

A problemática do lixo urbano se revela com intensidade, quando se sabe que as formas mais utilizadas para o descarte do lixo são o *lixão* e o aterro sanitário, que possibilitam a recepção de grandes toneladas diárias de resíduos e operam a baixo custo, embora condenável, tanto do ponto de vista ambiental, quanto da saúde pública.

Entre os problemas que um *lixão* traz ao meio ambiente e à população urbana, situada em suas proximidades, pode-se citar: a) poluição do ar, das águas e do solo - a decomposição do lixo ocasiona não apenas o cheiro forte, mas, também, a liberação de biogás - gás combustível, inflamável e de grande poder calorífico - e do *chorume*, líquido putrefato que pode contaminar o lençol freático ; b) poluição sonora, devido ao trânsito dos veículos e presença constante de catadores e animais domésticos ; c) comprometimento visual da paisagem ; d) deslizamento e explosão dos montes de lixo. Além disso, é preciso salientar a escassez de lugares disponíveis para colocar os resíduos no território urbano e a necessidade de estudos técnicos especializados para a definição das áreas que servirão de aterro.

As soluções alternativas para a questão - como a compostagem e a incineração - apresentam resultados poucos encorajadores. A *compostagem* implica em dispendiosos gastos para os municípios e a *incineração* - apesar de se constituir numa oportunidade de renda, pois o calor resultante da queima do lixo pode ser utilizado para produção de vapor ou mesmo para gerar energia elétrica - se revela impraticável dentro dos limites territoriais dos grandes municípios urbanos, devido a ausência de espaço para o depósito das cinzas de incineradores.

Na RMR, a precariedade do serviço de coleta de lixo atinge limites que comprometem o meio ambiente urbano e a qualidade de vida da população. Segundo o IBGE, a quantidade diária de lixo coletado na RMR é de 482.080 toneladas²⁸. Dos 13 municípios integrantes da Região, todos utilizam exclusivamente o vazadouro a céu aberto ou o *lixão* como destino final de seus resíduos.

A incineração - experimentada na Europa e nos Estados Unidos e utilizada em algumas cidades brasileiras, como São Paulo, por exemplo²⁹ - é desaconselhado no caso da RMR, devido às características dos resíduos (altas densidades e umidade, baixo poder calorífico, alto teor de matéria orgânica), sendo mais adequado a alternativa de utilização de transformação biológica, ou seja, o processo de compostagem³⁰.

É importante salientar que o Estado tem mostrado sua preocupação no tocante aos serviços sociais básicos, que passam a ser encarados como elementos que permitem uma análise das condições de vida da população e da degradação ambiental. No que se refere ao problema do lixo urbano na RMR, a preocupação da esfera governamental pode ser constatada, por exemplo, no estudo elaborado em 1982, pela FIDEM, que mostra as deficiências dos diversos

²⁸ IBGE. Pesquisa Nacional de Saneamento Básico - PNSB, 1989.

²⁹ OGATA, Maria Gravina. *Op. cit.*

³⁰ FIDEM/ATEPE/UFPE. *Aterro Sanitário Intermunicipal da Região Metropolitana do Recife - Estudos Preliminares, 1995.*

serviços de limpeza pública das áreas urbanas da RMR e indica as providências necessárias para a melhoria dos serviços (compra de equipamentos, ferramentas e apetrechos de limpeza, e contratação de mão-de-obra)³¹.

Pode-se ressaltar, também, a tentativa frustrada do Governo de Pernambuco, no período 1983-84, de implantação de um projeto de tratamento do lixo urbano que beneficiaria todos os municípios da Região Metropolitana. O projeto - financiado com recursos do Banco Mundial e orçado em 27 milhões - previa a construção de um aterro sanitário em Caetés II, no município de Paulista, e de uma estação de transbordo em Peixinhos, Olinda. Os veículos coletores levariam os resíduos para esta estação e estes, posteriormente, seriam transferidos para veículos de maior capacidade, o que reduziria o trajeto dos veículos coletores menores, diminuindo os gastos com transporte e o tempo ocioso do pessoal envolvido na coleta, que não precisaria se deslocar para as afastadas áreas de destinação final. No entanto - por questões técnicas e ambientais, para alguns, e políticas, para outros - o projeto foi inviabilizado, restando apenas prédios não concluídos e uma estação de transbordo que virou depósito de material de construção³².

Em 1993, a Prefeitura do Recife, através da Diretoria de Limpeza Urbana, implantou o Projeto de Coleta Seletiva do Lixo, que vem funcionando através de caixas coletoras instaladas em alguns bairros e escolas do município do Recife. O lixo coletado - material inorgânico reaproveitável - é vendido às indústrias locais e os ganhos são revertidos em benefício das comunidades carentes³³.

No começo de 1994, por meio de um convênio entre a Empresa de Obras e Manutenção Urbana (EMLURB) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi iniciado o Projeto de Recuperação Ambiental do Aterro da Muribeca. O projeto prevê a abertura de células, onde o

³¹ FIDEM. *Síntese do estudo de viabilidade técnico-financeira do sistema metropolitano de limpeza urbana do município do Recife*. FIDEM:Recife, 1982.

³² Cf. *Jornal do Commercio*, 21/04/94, *Cidades*, pp. 1-2; e *Jornal do Commercio*, 22/04/94, *Cidades*, p. 3.

³³ Cf. entrevista com Sra. Elisabeth Jucá, técnica da Diretoria de Limpeza Urbana, da PMR, em 23.11.95.

lixo será depositado e convenientemente tratado, com o aproveitamento do chorume e do gás resultante da decomposição da matéria orgânica³⁴.

Recentemente, técnicos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da Associação Tecnológica de Pernambuco (ATEPE), e da Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife (FIDEM), desenvolveram estudo sobre a situação atual da destinação final de lixo com vistas à construção de um aterro sanitário que beneficiaria a área norte da cidade³⁵.

Mas, apesar dos crescentes esforços da esfera governamental, a coleta e o descarte do lixo continuam a ser ineficientes e injustos, implicando no deterioramento da qualidade de vida na cidade. A RMR, com uma estrutura urbana típica de cidades de países em desenvolvimento, aliada às dificuldades enfrentadas pelos órgãos municipais no que se refere à disposição final dos resíduos, apresenta um triste quadro: espalhados entre os bairros de baixa renda há um panorama de *lixões*, que contaminam o abastecimento de água, atraem insetos e roedores e são focos de doenças endêmicas.

Por outro lado, se são grandes os impactos ambientais associados às formas inadequadas de tratamento dos resíduos, não são menores os problemas sociais suscitados pela questão. Nesses locais de lançamento de lixo - onde são lançados os detritos da sociedade de consumo - trabalha uma parcela da população urbana. Desde a coleta até a disposição final, encontra-se uma complexa rede operacional extra-oficial de grande importância para a manutenção da dinâmica do lixo urbano. Nas grandes cidades, muitas pessoas, direta ou indiretamente, sobrevivem do lixo. Entre esses indivíduos encontram-se os catadores de lixo (que fazem o trabalho de *catação* de lixo no lugar final de eliminação - aterro ou *lixão* - ou nas ruas), pessoas envolvidas com a operação de "ferro velho", intermediários, aparistas (grandes comerciantes),

³⁴ *Idem, Ibidem.*

³⁵ FIDEM/ATEPE/UFPE. *Op. cit.*, 1995.

indústrias que produzem a partir da matéria-prima retirada do lixo, garis, lixeiros e muitos outros.

O trabalho de *catação* é apontado como uma solução simples e barata para o problema do tratamento dos dejetos. As cidades de Curitiba e São Paulo, por exemplo, já experimentam, com sucesso, programas de coleta e reciclagem para escolas, órgãos públicos e distritos comerciais³⁶. Na RMR esta é a prática de reciclagem de maior escala e impacto. Segundo pesquisa realizada recentemente, só no Recife existem aproximadamente 1000 catadores com carroças nas ruas e mais ou menos a mesma quantidade no vazadouro da Muribeca, retirando em torno de 120 toneladas diárias de lixo. Cerca de 75% desse total, é coletado nas ruas, o que representa 2/3 de toda a matéria reciclável disponível no fluxo de resíduos coletados na cidade³⁷.

Esses dados confirmam a preocupação de Lima em chamar a atenção sobre a necessidade de se estimular/organizar o trabalho do catador, já que este é o principal responsável pela "*reciclagem alternativa e natural*" do lixo urbano, dando-lhe um fim útil e reduzindo os gastos da administração municipal com o tratamento do lixo³⁸.

Assim, o *lixão* aparece como uma alternativa do chamado "mercado informal de trabalho", constituindo-se num refúgio contra o desemprego e fonte de sobrevivência para aqueles indivíduos que tradicionalmente compõem o "exército industrial de reserva": pobres que sobreutilizam sua força de trabalho por remunerações abaixo do mínimo necessário de subsistência.

³⁶ BAVA, Silvio Caccia & Laura Mullahy. *Tornando as cidades do Brasil mais habitáveis: as ONG e a reciclagem dos resíduos humanos*, in Revista Desenvolvimento de Base, v. 17, nº 1. EUA/São Paulo: Fundação Interamericana/Instituto de Estudos e Pesquisas, 1993.

³⁷ FIDEM/ATEPE/UFPE. *Op. cit.*, 1995.

³⁸ Ver LIMA, Tânia Cristina. *Os catadores de lixo da zona sul do Recife - reciclagem alternativa do lixo urbano*. Recife: FUNDAJ, dezembro, 1988.

Assim, materializando as contradições da sociedade capitalista urbana, o mesmo *lixão* que degrada o ambiente natural, constitui-se em estratégia de sobrevivência para os pobres da cidade. Enquanto chafurdam no lixo, esses indivíduos trabalham e desempenham um papel importante na coleta e reciclagem de resíduos sólidos, prestando serviços essenciais à economia e à sociedade a um custo muito baixo. No entanto, esses grupos são desprezados e desvalorizados socialmente.

No sentido de melhor ilustrar o quadro no qual essas pessoas se inserem, na RMR, são transcritas abaixo trechos de três reportagens, duas de jornais locais - *Jornal do Commercio* e *Diário de Pernambuco* - e outra da Revista *ISTOÉ*, de circulação nacional:

Os canibais favelados

- A fome está levando favelados do lixão a comerem carne humana (...) As famílias acham a carne, proveniente de hospitais, no lixo despejado a céu aberto pela Prefeitura de Olinda. Uma das mulheres que cometeu involuntariamente canibalismo (...) refogou e assou um pedaço de mama, inclusive com mamilo, que poderia ter sido retirada por que estava com câncer. (...) Ontem, uma equipe da rede de televisão CNN, dos Estados Unidos, esteve no lixão para fazer uma reportagem sobre o assunto. A matéria, com pouco mais de dois minutos de duração, será veiculada hoje para 120 países³⁹.

Lixões movimentam US\$700 mil por ano

- A miséria dos lixões do Recife esconde uma atividade lucrativa que movimenta, apenas no lixão da Muribeca, mais de 700 mil dólares por ano (...) mas os trapeiros, que vivem um cotidiano de fedentina, violência e fome, pouco ganham pelas doze horas que passam catando restos (...) O comércio milionário do lixo, que leva a todo o mundo as imagens de um bando de canibais, poderia ser diferente, se não fosse controlado por apenas alguns empresários, conhecidos como 'aparistas' (...) Enquanto poucos têm grandes lucros, catadores como Adilson Soares, que se alimentou de um seio humano com sua mãe, Leonildes Soares, lamentam a miséria em que vivem.

(...) Depois de se tornar notícia em todo o Brasil e em mais de 120 países, Leonildes Soares tem vivido momentos difíceis. Vários

³⁹ Ver *Jornal do Commercio*, de 17.04.94, p. 1 e 20.

*catadores de lixo a repreenderam porque ela 'iria provocar o fechamento do lixão'. Um dono de depósito foi ao seu casebre, na última quinta-feira, pedir que ela desmentisse as informações"*⁴⁰.

Bagulhar é preciso

*- Recife é conhecida em todo o mundo como a Veneza americana. No Carnaval atrai mais de 1,5 milhão de turistas ansiosos por conhecer as delícias de um paraíso tropical. Mas a paisagem esconde um quadro de miséria alarmante (...) Um menino maltrapilho que vive nas ruas do Recife é, nesse mundo real, personagem de uma cena fora de foco, alheia a todo cartão postal. Sob o voo rasante do urubu, ele sobe a montanha de lixo com os pés descalços e alcança primeiro a carne-de-sol já em decomposição (...) O urubu acaba de perder a carniça (...) É meio-dia no lixão de Muribeca, uma área de 60 hectares, onde as prefeituras do Recife e de Jaboatão dos Guararapes despejam diariamente 2,2 mil toneladas de detritos (...) 'Bagulhar' é o ganha-pão de grande parte dos 300 mil indigentes do Recife (...) Em Timbaúba, a 100 Km do Recife, um casal ficou famoso por comer ratazanas e foi obrigado a abandonar o lixão, hostilizado pela população local"*⁴¹.

A crônica jornalística aponta um quadro preocupante em relação ao tratamento do lixo urbano na RMR. Nesse quadro ressalta-se a imagem miserável dos catadores de Aguazinha que, fustigados pela fome e pela miséria, quase não hesitam em comer carne humana, transformando-se em canibais favelados.

Sabe-se que a limpeza urbana é um serviço público organizado e prestado diretamente ou sob regime de concessão, de acordo com o Art. 30, incisos I e V da Constituição Federal. Já a manipulação e fiscalização dos resíduos de serviços de saúde (lixo hospitalar), é de responsabilidade do setor de vigilância sanitária da Secretaria de Estado de Saúde, conforme a Lei Orgânica vigente. A Resolução do Conama 005/93, em seu art. 4º, assegura aos

⁴⁰ Ver *Diário de Pernambuco*, 24.04.94, *Vida urbana*, p. B-2.

⁴¹ Ver *Revista ISTOÉ*, nº 1315, de 14/12/94.

estabelecimentos prestadores de serviços de saúde o gerenciamento de seus resíduos, desde a geração até a disposição final, em atendimento aos requisitos ambientais e de saúde pública.

Há, portanto, uma dupla irresponsabilidade no incidente envolvendo os catadores do *lixão* de Aguazinha. O que se viu, porém, foi uma troca de acusações dos governantes estadual e municipal e houve até quem atribuisse a culpa aos *bagulhadores*, propondo como solução única o fechamento dos *lixões*, como se essa medida atendesse às questões sociais, econômicas e ecológicas advindas do *lixão* a céu aberto⁴².

O desdobramento mais perigoso do episódio de Aguazinha está no incentivo à manutenção, ou mesmo intensificação, de uma imagem negativa dos catadores. Um jornal local sugeriu que os catadores convivem com "naturalidade" não só o canibalismo, mas também com o estupro:

"[No *lixão* de Aguazinha] as mulheres têm que aprender a conviver também com todo tipo de malícia e a driblar a libido masculina, que não tem hora para fazê-los agarrar - à força - quem desejam (...) há vários casos de estupro e tentativas sem que ninguém se incomode com isso"⁴³.

Houve também, é importante dizer, quem lembrasse a condição humana dos catadores, sujeitos ao poder das exigências físicas, que faz de qualquer um "*mero animal de rapina à satisfação do estômago*"⁴⁴; e quem vinculasse o episódio à fragilidade de nosso processo político e econômico, "*ao descaso do governo pela omissão na fiscalização sanitária (...), à irresponsabilidade das administrações hospitalares*", às desigualdades de uma "*sociedade antropofágica, que rotiniza a miséria, cotidianiza o descaso e banaliza a violência*"⁴⁵, onde

⁴² Ver *Jornal do Commercio*, 17.04.94, Geral, p. 20.

⁴³ Ver *Jornal do Commercio*, 22.05.94, Cidades, p. 10.

⁴⁴ ARAÚJO, Edilton. *Canibalismo em tempo moderno*, in *Jornal do Commercio*, 23.04.94, 1º Caderno. p. 3.

⁴⁵ SIQUEIRA, Antonio Jorge. *Antropofagia e cidadania*, in *Jornal do Commercio*, 21.04.94, 1º Caderno. p. 3.

aqueles que comem "*carne à moda antiga são privilegiados*"⁴⁶. Algumas instituições, como o Comitê de Ação da Cidadania de Olinda, o Comitê Estadual da Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida e a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, chamaram a atenção para as condições de trabalho, o estado de saúde, a precariedade da alimentação dos catadores, e promoveram a doação de alimentos na área⁴⁷.

Apesar da divulgação de outras vozes, que apontaram as múltiplas faces do episódio, sem dúvida, prevaleceu a imagem dos catadores como figuras portadoras de qualificações negativas: miseráveis no último nível da degradação humana, sem nada a perder, descomprometidos com os valores culturais, sem condições de suprir suas necessidades, ineficientes no gerenciamento de seu ambiente, incapazes de absorver os valores culturais instituídos.

Foi a precariedade das condições de vida dos catadores e a persistência de uma opinião pública que identifica nas formas de vida, de trabalho e de moradia desse grupo, elementos geradores de uma desintegração/dissociação social, as principais razões que me levaram a eleger essa população como objeto de pesquisa.

Mas, afinal, como é a vida no *lixão*? O que se passa realmente nesse local tão miserável? Quem são e o que fazem no dia a dia os que vivem lá? A pauperização vivenciada por essa população é acompanhada por rupturas e fracassos na constituição dos vínculos sociais? Como a imagem negativa atribuída aos catadores, influencia a maneira como eles concebem suas identidades e seus lugares na sociedade?

No próximo capítulo faço uma descrição detalhada das características sócio-econômicas e do cotidiano dessa população, permitindo ao leitor visualizar a quem se refere a reflexão que se segue. Essa caracterização tem como base os dados obtidos através da aplicação de questionários.

⁴⁶ CALHEIROS, Vladimir. *Alguém se lembra?*, in *Jornal do Commercio*, 30.04.94, 1o. Caderno. p.3.

⁴⁷ Cf. *Jornal do Commercio*, 18.04.94, 2o. Caderno, p.1; *Jornal do Commercio*, 29.04.94, 2o. Caderno, p. 2; *Jornal do Commercio*, 06.05.94, 2o. Caderno, p. 6..

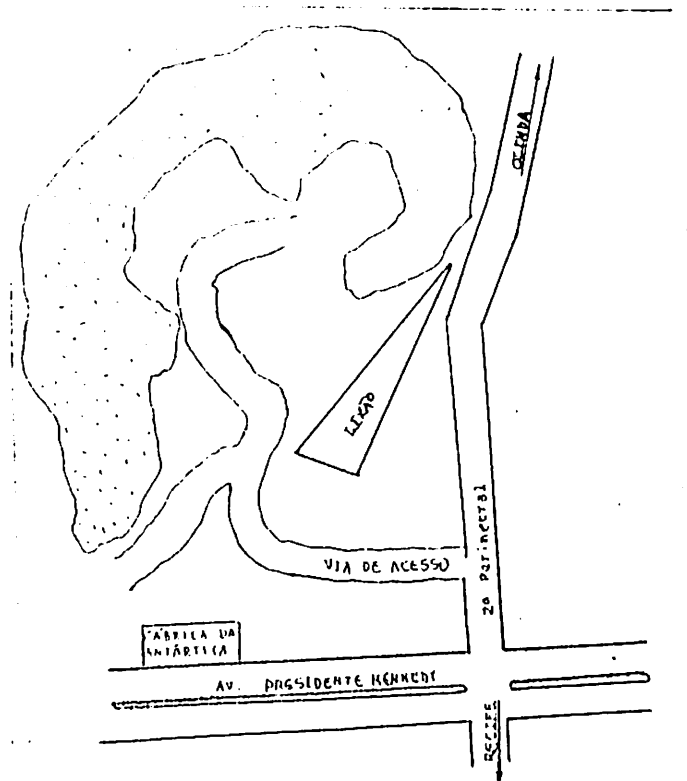
CAPÍTULO 3

O LIXÃO E OS *BAGULHADORES*: O CENÁRIO E SEUS OCUPANTES

1 Localização, história e propriedade: onde, porquê e como surgiu o lixão

O *lixão* está localizado na margem esquerda (no sentido cidade-subúrbio) da II Perimetral, uma via pavimentada que dá acesso ao norte do Recife e ao centro de Olinda, como pode ser visualizado pela Figura abaixo:

Figura 1 - Mapa de localização do *lixão* de Aguazinha (Olinda-PE)



FONTE: FIDEM/ATEPE/UFPE. Aterro Sanitário Intermunicipal da Região Metropolitana do Recife - Estudos Preliminares, 1995.

A origem¹ do *lixão* de Aguazinha encontra-se ligada ao fechamento do *lixão* da Cidade Tabajara, tendo em vista seu esgotamento. Fez-se necessária, então, a substituição do local por um outro que pudesse receber grande quantidade diária de resíduos. Por questões operacionais (redução de tempo e distância de transporte dos centros de geração de lixo), o novo *lixão* deveria se situar na zona norte da RMR. Assim, os responsáveis pela escolha das áreas de recepção de resíduos da municipalidade, na época, autorizaram o lançamento de resíduos em Aguazinha.

A escolha dessa área para deposição de dejetos, revela a pouca preocupação dos responsáveis pelo Sistema de Limpeza Pública da época com a questão dos resíduos. A distância média do centro da cidade, tomando-se como referência a Avenida Conde da Boa Vista/Rua da Aurora, para Aguazinha é de 9,2 Km, enquanto que a distância para o aterro da Muribeca, por exemplo, é de 22,8 Km². Se, do ponto de vista técnico, essa localização é percebida como uma vantagem, tendo em vista a redução dos custos com transporte, é evidente, também, a proximidade do *lixão* com a periferia urbana e o estreitamento da relação homem-lixo.

Apesar de situado na zona rural de Olinda, numa posição periférica, em transição com a zona urbana, o *lixão* encontra-se inserido dentro da faixa residencial da classe baixa, sendo objeto de transtornos para os moradores da área (menos para os que lá residem, é claro) e os motoristas que são obrigados a se utilizar diariamente da II Perimetral. Além disso, com 23 ha e capacidade máxima para 3,2 milhões de m³ de lixo, o *lixão* está localizado sobre o

¹ Não foi possível obter dados muito pormenorizados sobre a origem do *lixão*. Os órgãos públicos do município contactados no decorrer do trabalho etnográfico - a Secretaria de Ação Social, a Diretoria de Limpeza Urbana e a Secretaria de Infra-Estrutura afirmaram ser muito difícil obter informações precisas e confiáveis tanto no que se refere à situação legal do terreno, quanto sobre a deliberação de transformá-lo em *lixão*, já que, segundo eles, essas questões foram "herdadas" de gestões anteriores, cabendo a atual gestão apenas "administrá-las". As informações que se seguem estão baseadas principalmente nos relatos dos catadores moradores mais antigos.

² Ver FIDEM. FIDEM/ATEPE/UFPE. Aterro Sanitário Intermunicipal da Região Metropolitana do Recife - Estudos Preliminares, 1995, p. 46.

aquífero Beberibe e o acúmulo de resíduos nos últimos 8 anos já contaminou o lençol freático na região³.

A conjunção desses fatores faz de Aguazinha, segundo recente parecer da FIDEM, o *lixão* de maior impacto social, operacional e visual da RMR atualmente⁴. Atualmente, desenvolve-se na área o trabalho de bioremediação, com a escavação de células, cuja função é isolar e tratar o lixo acumulado; instalação de tubulação para drenagem dos gases e a proibição da *catação* no interior das células. Essa é a primeira etapa da transformação do *lixão* em aterro sanitário, visando otimizar um espaço de recepção de dejetos⁵.

D. Miriam⁶, se considera a primeira *bagulhadora* do *lixão* de Aguazinha. Moradora de um sítio vizinho ao *lixão* - as duas áreas estão separadas apenas por uma precária cerca de estacas -, ela relata o momento que antecede a transformação da área em depósito de lixo:

"- Já faz uns 12 ano que moro nesse sitiozinho. Vivo aqui com meu marido, meu filho e duas neta. Eu não sou a dona desse lugá, não, eu só tomo conta: não deixo ninguém entrar prá roubar as fruta ou fazê bagunça, nem invadir. O dono mermo desse lugá só vem no fim do mês (...) Quando eu cheguei aqui não tinha lixo nenhum. Aqui era tudo fruteira e mato, a gente vivia isolado. Depois foi que apareceu esse lixão, aí. No começo do lixão era bom, porque não tinha muita gente, não era essa multidão que tem hoje. Em primeiro lugar, ninguém morava: as pessoa vinha, catava e ia embora. Como eu morava aqui pertinho eu sempre pegava os lixo melhor (...) A primeira catadora daqui fui eu, pode perguntar aí no lixo, todo mundo me conhece. Agora tá cheio de gente. Por uma parte é bom, é menos perigoso, porque antigamente aparecia muita gente morta aqui, matavam e jogavam aqui dentro, tinha madrugada que era tanto tiroteio... Agora não, tá tudo calmo."

³ Ver FIDEM. *Idem, Ibidem*, p. 46.

⁴ Ver FIDEM. *Idem, Ibidem*.

⁵ Cf. depoimento da Diretoria de Limpeza Urbana de Olinda através do Dr. Elias Gomes.

⁶ Todos os nomes de informantes mencionados no texto são fictícios.

Ninguém no *lixão* ou nos órgãos oficiais sabia com certeza quem era o dono da área. Segundo um pequeno encarte encontrado no Arquivo da Prefeitura de Olinda, o nome do bairro onde se situa o lixão - Aguazinha - provém do sítio Aguazinha que o precedeu no lugar⁷. Não se tem notícias dos donos do antigo sítio, mas logo após a divulgação do episódio do canibalismo, foi instaurado um processo judicial com base no argumento de que a área era de propriedade particular. O pretendente, declarando-se proprietário de todo o terreno, ingressou com uma ação de usucapião, tomou posse e expulsou as famílias residentes do local.

O julgamento do litígio foi rápido e a justiça deu ganho de causa ao reivindicante que, no entanto, foi declarado dono oficial de apenas uma parte do terreno. As famílias aí residentes receberam da Prefeitura, á título de doação, uma área para a construção de moradias. O restante do local, continua ocupado pelos catadores, que permanecem em situação irregular e inseguros em relação ao que pode acontecer com o terreno.

2 O antropólogo em campo

O cenário com que me deparei em minha primeira visita ao *lixão* não foi nada agradável. Para os "de fora" a impressão dominante sobre o ambiente é de sujeira e poluição. A quantidade de moscas era espantosa. Uma permanente fumaça, ocasionada pela combustão do lixo, inundava o ambiente, fazendo olhos e gargantas arderem. E a poeira provocada pelos caminhões de coleta, deixava o ambiente ainda mais carregado. Para piorar, havia o problema dos odores, provocando um imediato mal-estar, agravado pelo calor.

⁷ MORAES, Cel. João de Meo. *Topônimos do município de Olinda*. Separata da Revista Brasileira de Geografia, nº 3, Ano XXIV, julho-set de 1962. Rio de Janeiro: IBGE/Conselho Nacional de Geografia, 1962.

Eu trazia gravada em minha memória a manchete do jornal que apresentava os catadores como "canibais favelados" e a imagem da mulher que ganhou fama por ter comido um pedaço de seio. Senti medo e uma certa sensação de repulsa. Meu primeiro impulso foi de ir embora e não voltar mais.

Como vencer o medo e o preconceito, e me aproximar do grupo?

O movimento inicial foi o de contactar a Secretaria de Ação Social e Cidadania de Olinda, a fim de obter informações sobre a área, origem e reprodução dos catadores, formas de intervenções junto à população, organização da atividade produtiva, etc.

A Secretaria possuía dados muito incompletos sobre os catadores e estava interessada em cadastrá-los, com o objetivo de organizar o trabalho no lixão e estimular o associativismo/cooperativismo entre eles. Esse órgão mantinha um contato mais ou menos regular com a população do lixão, pois sua assistente social, como membro da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, desenvolvia trabalhos assistenciais junto aos *bagulhadores*. Eu precisava me fazer conhecida, abrir caminho na área e, principalmente, me assegurar que não seria molestada. Propus, então, à Secretaria uma parceria: formularíamos um questionário único, homogenizando nossos objetivos e, por outro lado, eu aplicaria os questionários às famílias residentes e ajudaria no rastreamento dos catadores não-residentes.

O passo seguinte foi a discussão da forma e do conteúdo do questionário. Durante um mês mantive encontros informais com a assistente social da Secretaria, durante os quais expus detalhadamente meus objetivos de pesquisa. Foi um período de negociações, pois a Secretaria propunha um questionário extremamente simplificado, no qual salientava-se o interesse por um dado curioso: as medidas físicas - peso, altura, número do pé - de cada entrevistado. A Secretaria afirmou que pretendia comprar camisas e botas, que serviriam como uma espécie de "farda" para os catadores. A assistente social explicou: o trabalho desenvolvido pela Secretaria na área visava, sobretudo, "conscientizar" a população de alguns fatores que compõem a "precariedade de seu modo de vida" - como, por exemplo, os "problemas de higiene e saúde", a

exploração econômica de que eram vítimas e a necessidade de organização da atividade produtiva (preço dos materiais, onde e a quem vender, organização de uma cooperativa).

A Secretaria pretendia, em primeiro lugar, convencer o catador a abandonar o *lixão*, cujos efeitos deletérios para a saúde eram visíveis, e catar lixo apenas nas ruas da cidade, recolhendo basicamente vidros e latas, ou seja, um lixo mais "limpo". Depois o objetivo era integrá-lo ao circuito formal da economia, mediante a criação de uma cooperativa através da qual o lixo catado seria comercializado, desfazendo, assim, o comércio no *lixão* e a dependência dos comerciantes⁸; enfim, esperava-se construir a imagem de uma população asseada, "saudável", saneada pela norma médica, estável, ordeira, recatada na apresentação em público, cortês no trato com as pessoas, com hábitos adequados ao convívio social e comprometida com seu papel de trabalhador e provedor.

A idéia do fardamento surge, assim, com o objetivo de estabelecer valores e regras de conduta, quer se tratem de condutas sanitárias, relativas ao vestuário ou à atividade econômica.

O trabalho desenvolvido pela Secretaria parece estar correlacionado com um esforço generalizada de um conjunto de disciplinas surgidas no final do século passado cujos objetivos, à grosso modo, eram: atender, ordenar, moralizar e domesticar as classes populares, instigá-las a partilhar dos valores da sociedade abrangente e induzi-las à vida "normal"⁹.

É preciso salientar que as intenções da Secretaria, eram prejudicadas pela "indisciplina" dos catadores, pouco inclinados a aceitar tal empreitada. Assim, o fardamento seria, também,

⁸ Em conversas informais com o então secretário de Ação Social de Olinda, Sr. Roberto Arrais, ele me dizia que, visando estimular o associativismo e cooperativismo entre os catadores, esse órgão planejava a criação de um centro de reciclagem de lixo, que deverá funcionar no antigo prédio do cinema Duarte Coelho, no município. Nesse sentido, contatos com algumas empresas, como a Açonorte e a Companhia Industrial de Vidros, para a compra do lixo recolhido, já haviam sido iniciados. Segundo o secretário, a intenção é de transformar esse centro de reciclagem numa cooperativa, livrando os catadores da "exploração do atraessador" (Entrevista com Sr. Roberto Arrais, em 21.11.94)

⁹ Ver ADORNO, Sérgio. *A gestão filantrópica da pobreza urbana*, in São Paulo em Perspectiva, vol. 4, n° 2. São Paulo: Fundação SEADE, 1990.

uma maneira de diferenciar no interior da população, um *degradé* de comportamentos, desde os afinados com a cruzada civilizatória do Estado, até os "irrecuperáveis", sobre quem deveria incidir o discurso educador e as intervenções saneadoras.

Eu temia que a distribuição de fardamentos, pudesse prejudicar o andamento de minha pesquisa, pois quando a notícia se espalhasse, certamente a área seria invadida por catadores, dificultando meu trabalho. Assim, argumentei que, embora as preocupações da Secretaria, no que se referiam aos "problemas" da população, não parecessem despropositadas, não me parecia que a decisão em uniformizá-los fosse de grande valia. Meus argumentos não surtiram qualquer efeito, ficando acordado que, ao final de cada entrevista, o pesquisador indagaria ao catador suas medidas, evitando, porém, explicitar de forma clara o motivo.

Sugeri, ainda, um questionário mais detalhado, no qual se pudesse obter informações sobre como era a vida na área, as dificuldades que enfrentavam, as soluções que buscavam, chegando a um perfil geral da "comunidade". A Secretaria mostrou-se mais sensível nesse ponto, absorvendo muitas de minhas sugestões.

Elaboramos um questionário prévio e, em seguida, nos ocupamos da constituição e orientação da equipe de pesquisadores, ao todo 7 pessoas: 4 funcionários da Secretaria (inclusive a assistente social) 2 bolsistas sob minha coordenação.

No decorrer de seis semanas, mantive encontros regulares com a equipe no sentido de discutirmos o pré-teste, sua importância, sua aplicação e análise. Explicava detalhadamente cada questionário a ser aplicado e conversávamos longamente sobre problemas e dificuldades existentes. A título de treinamento, simulamos com a própria equipe a aplicação dos questionários. A área escolhida para o pré-teste foi o lixão da Muribeca.

A análise do pré-teste revelou a necessidade de algumas alterações no questionário, com vistas a minimizar os efeitos de nossas próprias idéias preconcebidas e chamar atenção para algumas questões que os próprios *bagulhadores* salientaram. O questionário prévio passou, então, por um processo de "enxugamento": foram omitidas algumas perguntas cansativas,

repetitivas ou difíceis de entender. O produto final foi um questionário revisado que buscou apreender o mundo dos *bagulhadores* conforme eles próprios o estruturavam.

O pré-teste nos alertou, também, sobre a impaciência da população - *"Não temos tempo para responder muitas perguntas. Estamos ocupados"*, era uma resposta comum - e para o momento mais sociável do dia: de manhã cedo, antes dos caminhões da Prefeitura começarem a chegar com o lixo, dando início ao dia de trabalho.

Marcamos, enfim, a data para a aplicação do questionário definitivo. A Secretaria, no entanto, não pôde iniciar na data firmada. Resolvi, então, fazer o cadastramento das famílias residentes apenas com o auxílio dos meus bolsistas, os quais foram orientados para não fazer qualquer referência à questão do fardamento pretendido pela Secretaria.

A abordagem inicial, sem a mediação da Secretaria, não foi fácil. Embora a presença de uma equipe de pesquisadores não tenha causado surpresas, o trabalho foi marcado pela apreensão e desconfiança dos *bagulhadores*. Precisávamos reafirmar constantemente nossa ligação com a universidade, garantir que não éramos jornalistas, nem estávamos engajados em qualquer campanha para a extinção do lixão. Algumas atitudes foram de franca hostilidade. Uma mulher perguntou: *"Isso que você quer fazer é um abaixo-assinado para fechar o lixão? Se for pode ir embora, porque não assino"*.

Muitos me cobravam: *"Só falo se você me der R\$5,00"* ou *"Você só quer receber, porque não dá prá gente uma feirinha, como faz a Igreja ou arranja um emprego prá gente?"*. Eu dizia que não pertencia a nenhuma Igreja, não era dona de empresa ou fábrica, não conhecia ninguém que pudesse dar-lhes emprego, nem era da Prefeitura, da Secretaria de Ação Social, enfim, que não podia atender aos pedidos que me faziam. Expliquei que era estudante e estava pensando em escrever um livro sobre a vida e o trabalho ali no lixão, precisava, então, da ajuda deles, saber como haviam chegado ali, o que faziam antes, o que pensavam sobre o trabalho ali no lixo, como era o relacionamento com os "outros", etc. Eles pareciam não me ouvir e continuavam a me cobrar um retorno imediato: *"Aqui ninguém tem tempo prá conversar,*

minha senhora. E depois, só conversa não adianta. A senhora vai melhorar nossa situação? Não. Vai ajudar nós em quê? Em nadinha. Então seu trabalho só vai ser bom prá senhora. E a gente?"

Ressaltei que não tinha o poder de mudar as condições de vida da comunidade, mas que a partir do meu trabalho, talvez, algumas providências fossem tomadas pelo poder público nesse sentido. Mas na percepção dos catadores eu era rica e muito bem relacionada, o que justificava as solicitações. Algumas vezes me "encostavam na parede". Meu gravador registrou o seguinte diálogo:

Carmem: *"- A senhora bem que podia falar com alguém prá ver se arranja minha aposentadoria"* [falando calmamente]

Lídice: *"- Mas Carmelita, eu já te disse que sou apenas uma estudante ..."*

Carmem: *"- Ah, isso prá mim é conversa. Se você quiser, você consegue. O que falta é boa vontade"* [aumenta o tom da voz e fala irritada]

Lídice: *"- Carmelita, você precisa entender que não se consegue uma aposentadoria assim, de uma hora prá outra. Você tem de comprovar que contribuiu para o INSS durante um determinado tempo. Depois, é preciso reunir a documentação necessária e encaminhá-la ..."*

Carmem: *"- É por isso que não converso com você* [me interrompendo bruscamente]. *Eu conheço gente que não precisou de nada disso. Arranjou a aposentadoria no tempo de eleição. Falou com os home lá de cima. Mas você, com essa cara de santa, essa vozinha... Só vem aqui se aproveitar da gente. Eu só quero ver o dia que você vai dar alguma coisa prá gente, porque tudo que a gente pede você não tem, não pode, não sabe ..."*

Eu não podia responder às expectativas dos catadores e, também, não podia obrigá-los a cooperar comigo. Resolvi não insistir, pelo menos por algum tempo, na aplicação dos questionários e passei a frequentar a área sozinha, sem a equipe de bolsistas.

Meu prestígio (se é que tinha algum) se revelava apenas junto às crianças. Quando eu chegava, os pequenos já estavam à minha espera na entrada do *lixão*. Eu havia me transformado numa espécie de "tia boazinha": conversava muito com elas, perguntava sobre

seus pais e as pessoas que moravam ali, onde estudavam, pedia que me contassem suas brincadeiras, como passavam o dia. Em troca, elas recebiam uma compensação: doces, pipocas, cocadas, brinquedinhos.

Os catadores não me davam a menor importância e pareciam só reparar minha presença quando queriam pedir alguma coisa: dinheiro pra tomar um refrigerante, roupas usadas, pequenos empréstimos. Eu tentava ser amigável e cortês, mas as pessoas se mostravam desconfiadas e agressivas comigo.

Depois de duas semanas tentando um contato, comecei a utilizar uma máquina fotográfica como uma ponte na comunicação com os *bagulhadores*. Tomei todas as precauções para não ser confundida simplesmente com um repórter-fotográfico, interessado apenas em fotografar e depois ir embora. Eu sabia que a câmera poderia facilitar minha aproximação da população, criando um clima de familiaridade e cooperação, mas sabia que também poderia provocar constrangimentos e ressentimentos. Tive, então, o cuidado de perguntar às pessoas se elas se deixariam fotografar. Em contrapartida, elas me perguntavam desconfiados: "*Para que você está tirando fotos? Você vai botar no jornal?*". Eu explicava o objetivo de meu trabalho e dizia que as fotos me ajudariam a conhecer melhor a área, as pessoas, como eles trabalhavam, enfim, como se passava a vida ali no *lixão*.

Ganhar a confiança das pessoas não é tarefa fácil. Embora a população local tenha se mostrado entusiasmada, não se expôs de imediato à objetiva da câmera. Cautelosos, primeiro permitiram que as crianças fossem fotografadas. Já os *bagulhadores* não-residentes, menos amistosos, não se deixavam fotografar, nem mesmo à longa distância: ao perceber a máquina apontada em sua direção viravam o rosto ou davam as costas. Insistir seria desconsiderar seus sentimentos, além de ser uma atitude imprudente e arriscada.

À medida que fotografava, observei surpresa que os catadores, pela primeira vez, tomaram a iniciativa de estabelecer um contato. Queriam saber sobre mim, onde morava, onde estudava, o que estava pesquisando, o que queria naquele lugar. Conversavam alegremente,

perguntando e demonstrando um inusitado interesse pelo meu trabalho. No decorrer de duas semanas fotografei todas as crianças da área e as fotos coloridas se constituíram em um ótimo pretexto para o meu retorno. Pouco a pouco, a desconfiança cedeu lugar a um relacionamento, senão afetuoso, pelo menos amistoso, eu já não era uma pessoa estranha e agora me convidavam a voltar sempre, de preferência com a câmara fotográfica, é claro. A partir daí, me senti aceita e segura na comunidade, e pude aplicar os questionários com tranquilidade.

O questionário (Anexo 1) foi aplicado durante as duas primeiras semanas do mês de dezembro de 1994 no local da moradia e apresentou questões subdivididas em 8 itens:

1. Informações gerais
2. Procedência e Situação familiar
3. Moradia
4. Trabalho/Ocupação
5. Educação
6. Saúde
7. Sociabilidade/Associativismo
8. Percepção dos problemas locais/Práticas utilizadas pela população para resolver seus problemas.

O critério para a seleção dos respondentes foi a moradia na área e o respondente o chefe de família. Mas quem é o chefe de família? A noção de *chefe de família* é delicada e imprecisa, pois implica em dois aspectos diferentes e que nem sempre coincidem - principalmente nas famílias pobres - sobre a mesma pessoa: o aspecto de autoridade e o aspecto econômico.

A norma tradicional estabelece que o chefe da família é o marido-pai, cabendo-lhe desempenhar o papel de ganha-pão e "provedor" da família, mantendo assim sua autoridade e seu status de trabalhador/provedor/chefe. No entanto, o homem pobre frequentemente divide a responsabilidade econômica com a mulher, o que solapa sua autoridade e abala a base de

respeito conferida à presença masculina. Assim, como destaca a literatura¹⁰, nas famílias pobres, não há uma consistência entre esses dois princípios e apenas uma proporção muito pequena dos homens é capaz de atender o ideal proposto pela regra.

No entanto, a impossibilidade do cumprimento do modelo pai/provedor e o deslocamento desse papel para a mulher, não significa "centralidade" da mulher na família. Como lembra Durham¹¹ a família se constitui em torno de regras, padrões e modelo culturais que ordenam e orientam a conduta social, configurando-se principalmente como um universo moral. Nesse sentido, Sarti¹² afirma que o fundamento da autoridade masculina não está em sua função econômica, mas em seu papel de intermediário entre a família e o mundo externo, garantindo o *respeito*, a *proteção* e a *ordem moral* da família.

Esta pesquisa parte do pressuposto que entre as famílias pobres "*o homem é essencial para a própria concepção do que é família, porque a família é pensada como uma ordem moral, onde o homem representa a autoridade. Mesmo quando ele não provê a família, sua presença 'desnecessária' continua necessária*"¹³. Ao assumir esse ponto de vista, considero chefe de família, o marido/pai, elegendo-o como respondente do inquérito. Na sua ausência o respondente foi a dona de casa/mãe.

O intuito principal nesse momento inicial da pesquisa, era rastrear as famílias residentes na área, para se obter uma caracterização geral do universo pesquisado e, paralelamente, tirar algumas conclusões sobre as condições objetivas de vida do grupo.

¹⁰ Ver, por exemplo, WOORTMAN, Klaas. *A família das mulheres*. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro/CNPq, 1987; Scott, Parry R. *O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico*, in Cadernos de Pesquisa, n° 73. São Paulo, maio, 1990, pp. 38-47.

¹¹ DURHAM, Eunice Ribeiro. *Família e casamento*, in Anais do Terceiro Encontro Nacional de Estudos Populacionais. São Paulo:ABEP, 1982.

¹² Ver SARTI, Cynthia A. *Família patrilocal entre os pobres urbanos*. Trabalho apresentado no GT "Família e Sociedade, no XIII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1989; e SARTI, Cynthia A. *A família como espelho - um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo:Cortez, 1995.

¹³ SARTI, Cynthia A. *Op. cit.*, 1995.

Foram identificadas, então, 30 famílias que se diziam residentes. No entanto, quando comecei a frequentar o lixão com maior regularidade - durante a pesquisa de campo, realizada entre os meses de dezembro de 94 e maio de 96 -, constatei que apenas 13 famílias moravam realmente no local. As famílias restantes apresentaram-se como residentes porque, como me disse depois um informante: *"eles achavam que iam receber alguma coisa - cesta básica, roupa, terreno. Teve gente que veio me perguntá se a senhora era da Prefeitura, porque a Prefeitura prometeu dar uns terreno prá gente ..."*

Dessas 13 famílias residentes, 3 afirmam que possuem, fora do lixão, "uma casinha, onde moram de verdade". Uma delas mora na Mirueira, e as outras duas em Peixinhos, bairro próximo ao lixão. O barraco no lixão serve apenas como moradia durante a semana, evitando o cansaço de ir e vir todos os dias, dizem. Considerei essas famílias como residentes, em primeiro lugar, porque são as mais antigas na área, e em segundo lugar, porque revelaram-se boas conhecedoras das atividades do local, transformando-se em "informantes-chaves".

As questões abordadas pelo inquérito são eminentemente empíricas, tendo por finalidade produzir um conhecimento formal de como os catadores sobrevivem, como se dá sua inserção na esfera produtiva, quais suas condições de trabalho, os mecanismos utilizados como estratégias de sobrevivência, vida associativa, bem como posição do indivíduo na estrutura familiar.

É importante registrar que todos os respondentes, mesmo os que assumiram uma atitude mais cooperativa, hesitavam diante de certas informações, principalmente no que dizia respeito aos ganhos auferidos da venda do lixo: *"O dinheiro da gente depende do lixo: tem dia que o lixo tá bom, a gente encontra muita coisa prá catar e vender - metal, ferro -, tem dia que só vem caminhão com folha, mato, terra (...) aí a gente não apura quase nada. Aí, prá dizer assim com certeza quanto a gente tira aqui, não dá (...) Eu só sei que é pouco, porque a gente vende o lixo muito barato"*.

O processo de hesitações e dúvidas tornava-se mais claro quando os entrevistados eram chamados a depor sobre o ambiente no qual viviam, seus problemas e dificuldades. A grande maioria dos entrevistados iniciava a conversa fazendo a defesa do local e ressaltando a saúde, negando explicitamente qualquer aspecto negativo do local. As respostas pareciam ensaiadas e pré-elaboradas.

Além do questionário, utilizei também entrevistas com fotografias, no sentido de captar as representações dos catadores e a maneira como percebem a realidade. A análise dessas entrevistas será feita no próximo capítulo. A seguir apresento os dados obtidos através do inquérito.

3 O perfil urbano da área: condições de vida e trabalho

3.1 *O retrato do bagulhador*

A população estudada compreende 13 famílias e 48 indivíduos. A Tabela 1 contém os dados demográficos básicos sobre a população. Observa-se uma significativa preponderância do sexo feminino na área: 62% dos catadores são mulheres. A presença das mulheres na área intensifica-se a partir dos 20 anos, período que coincide com o casamento e a presença de filhos menores, criando a necessidade de aumentar a renda do grupo doméstico. Ressalte-se que das 13 famílias pesquisadas, 7 eram chefiadas por mulheres, responsáveis pela manutenção de seus filhos. O restante das famílias é composto por um casal e várias crianças, algumas das quais fruto de uniões anteriores, principalmente das mães. O número de filhos nascidos vivos por casal - principalmente na faixa etária entre os 22 e 32 anos - é bastante elevado, chegando a atingir 6 ou 7 em alguns casos. Mesmo assim, crianças continuam nascendo no *lixão*. No momento

dessa pesquisa era expressivo o número de mulheres grávidas: das 9 mulheres adultas, em idade fértil, residentes no lixão, 5 estavam gestantes.

TABELA 1
Perfil da população residente no *lixão* de Aguazinha
quanto ao sexo, idade e estado civil

Idade	Est. Civil	Homem				Mulher				Total
		Solteiro	Casado	Viúvo	Outros	Solteiro	Casado	Viúvo	Outros	
Até 7 anos		08	--	--	--	08	--	--	--	16
8 a 15 anos		01	--	--	--	05	--	--	--	06
16 a 20 anos		02	01	--	--	03	01	--	--	07
21 a 30 anos		--	02	--	--	--	03	--	02	07
31 a 40 anos		--	02	--	--	--	02	--	01	05
41 a 50 anos		--	02	--	--	--	01	--	02	05
51 a 60 anos		--	--	--	--	--	--	--	02	02
TOTAL		11	07	--	--	16	07	--	07	48

Fonte: Coleta de dados na área. Dezembro, 1994.

A população em estudo é predominantemente jovem, já que 60% estão abaixo dos 22 anos e 80% tem menos de 32. Observa-se que 40% estão abaixo dos 16 anos, ou seja, são crianças e adolescentes que ainda dependem dos pais para a sobrevivência.

A análise da situação de estudo da população pesquisada (Tabela 2) mostra que a frequência à escola é um fenômeno que atinge apenas os muito jovens: aqueles que estão na faixa que vai dos 7 a 15 anos. Uma explicação para isso pode ser a persistência da população na crença da educação como agente de qualificação para o trabalho e fator principal de

mobilidade social. Acima dos 16 anos, no entanto, os jovens começam a entrar no mercado de trabalho e abandonam a escola, como mostra a tabela.

TABELA 2
 Situação atual de estudo da população por faixa etária

Situação de estudo	Faixa Etária							TOTAL
	Até 7	8-15	16-20	21-30	31-40	41-50	51-60	
- Estuda	06	05	---	---	---	---	---	11
- Não estuda	10	01	07	07	05	05	02	37
TOTAL	16	06	07	07	05	05	02	48

Fonte: Coleta de dados na área. Dezembro, 1994.

O nível de escolaridade dos catadores é extremamente baixo, como se vê na Tabela 3. Tomando-se a população acima de 16 anos, 44% (11 pessoas) são analfabetas, 48% (12 pessoas) interromperam seu processo educacional ainda nos primeiros anos escolares, na 2a. série primária, e somente dois entrevistados disseram possuir o curso primário completo.

Os baixos níveis educacionais dos catadores limitam as oportunidades de trabalho, fazendo com que eles se contentem com trabalhos não qualificados. Assim, a característica mais geral da população é a instabilidade ocupacional e quase nenhuma qualificação profissional. Ou seja, o *lixão* abriga aqueles indivíduos que tradicionalmente compõem o "exército industrial de reserva" e sobreutilizam sua força de trabalho por remunerações abaixo do mínimo necessário de subsistência.

TABELA 3
Nível de escolaridade da população

Nível de escolaridade	Número
- Não lê, não escreve, não assina o nome	06
- Não lê, não escreve, mas assina o nome	05
- Lê, escreve e não frequenta a escola	14
Frequentou a escola até:	
1a. série primária	--
2a. série primária	12
3a. série primária	--
4a. série primária	02
- Abaixo da idade escolar	09
- Em alfabetização	11
- Em idade escolar, mas fora da escola	03 (*)
TOTAL	48

Fonte: Coleta de dados na área. Dezembro, 1994.

(*) Este número representa o total de crianças entre os 7 e 15 anos que estão fora da escola.

Antes de transformarem-se em *bagulhadores*, os pesquisados exerciam atividades sem especialização, tais como: ajudante de pedreiro, servente, ambulante, biscateiro, cortador de cana, doméstica, lavadeira, faxineira. Os catadores de origem rural - mais da metade dos residentes - antes da migração, geralmente auxiliavam os pais fazendo capina, tomando conta de gado, tirando leite, limpando cana, ou num roçado cedido para o plantio de agricultura de subsistência. Nenhuma ocupação teve, porém, o caráter de alguma estabilidade e o comum era sempre procurar àquelas que estivesse ao alcance imediato, o que importa, segundo os

entrevistados, é *"trabalhar, ter o pão de cada dia, sem precisar roubar. Pior é quem tá desempregado, passando fome"*.

Pressionados pelas dificuldades materiais, pelo medo do desemprego e pela necessidade de sobreviver, a população estudada acabou *"'caindo' no lixo"*, para usar uma expressão muito comum na área. Todos os respondentes, já exerciam a atividade de catador há mais de 2 anos e três deles catavam lixo há mais de 8.

Quanto a experiência da população no que se refere à moradia (Tabela 4), verifiquei que os migrantes, saindo do campo para a cidade moraram nos bairros da periferia metropolitana, nos morros ou favelas, em sua maioria pagando aluguel. A população de procedência urbana¹⁴, antes de viver no lixão, vivia em áreas insalubres e terrenos de alto risco.

TABELA 4

Distribuição das famílias residentes no *lixão*
quanto à experiência de moradia anterior

Tipo de moradia anterior ao lixão	Total
Rua	01
Barraco numa favela	08
Barraco noutra lixão	02
Casa de parente	02
TOTAL	13

Fonte: Coleta de dados na área. Dezembro, 1994.

¹⁴A Tabela 4 não evidencia a procedência dos catadores, apelei, portanto à observação direta.

A impossibilidade de pagar aluguel, a proximidade do trabalho e o receio de morar em piores condições (nos morros ou alagados da cidade, enfrentando a ameaça de desabamentos e enchentes durante o período das chuvas), foram as justificativas dadas por essas famílias em ir morar no lixo, apesar da precariedade dos domicílios e do comprometimento ambiental. Além disso, todos têm esperança em tornar-se proprietários e sonham com a casa própria, mesmo que seja ali dentro do lixo. Colocam-se no lugar do personagem da música de Gabriel, o Pensador, que diz: *"o meu sonho é morar numa favela"*. Isso talvez explique o tempo de permanência na área, que é relativamente longo, na maioria dos casos (9 famílias) ultrapassando os 2 anos.

3.2 *As condições de vida: uma experiência comum*

As "casas" dos catadores ficam aproximadamente a uns 50 metros da Perimetral, de frente para o perigo e o barulho do trânsito de automóveis que ali circulam. A uma distância de cerca de 70 metros dos barracos, está o local de lançamento dos dejetos. Separando-os, uma trilha de barro pela qual os veículos de coleta barro trafegam, quase sempre em alta velocidade, provocando a cada passagem uma intensa nuvem de poeira. Assim, os moradores convivem permanentemente com o odor exalado do lixo e a poeira provocada pelos caminhões coletores. A área não é saneada, nem possui fossa e a água utilizada, inclusive para beber, provém de cacimbas abertas no próprio *lixão*. A energia elétrica de que dispõem os catadores vêm de "extensões" puxadas da rede pública.

Para terem acesso aos equipamentos e serviços urbanos que deveriam atender às necessidades e aspirações humanas - ligadas ao abastecimento alimentar, à educação, esporte, lazer, preservação da saúde e garantia de segurança - os *bagulhadores* precisam caminhar cerca de 20 minutos até Peixinhos, o bairro mais próximo.

As "moradias" são construídas com materiais aproveitados do próprio lixo: madeiras usadas, papelão, plástico, chapas de zinco, pedaços de telhas de amianto, ferro velho, enfim objetos já utilizados pelo mundo urbano. Constituem-se num aglomerado de barracos de apenas um cômodo, que abrigam 5, 6 ou mais pessoas, o que dá uma idéia da promiscuidade absoluta na qual estas pessoas estão obrigadas a viver. Um caso extremo é o de uma família de 9 pessoas de todas as idades que dormem empilhadas no mesmo quarto.

Do lixo também vêm os móveis e utensílios utilizados pelos catadores. Cadeiras, poltronas, camas, mesas e armários são aí coletados, reparados e/ou construídos: caixotes de madeira são usados como assento, espumas velhas transformam-se em colchões e latas podem servir de panelas. As paredes dos casebres são, geralmente, enfeitados com imagens de santos. O piso é de areia solta, geralmente recoberto com papelão. O fogão a gás, foi encontrado apenas em um barraco, sendo mais comum o uso da lenha para cozinhar. O rádio, transistor ou a pilha, existe em todas os barracos, mas apenas uma família possui TV.

Embora a renda, escassa e intermitente, mal dê para os gastos com compra de alimentos, os catadores - crianças e adultos - não parecem desnutridos. Optamos por não incluir no questionário nenhuma pergunta a respeito do consumo alimentar do grupo pesquisado, pois segundo Motta & Scott¹⁴, esses dados obtidos através de questionário e/ou entrevistas são pouco confiáveis, sendo mais aconselhável a observação direta.

Durante a convivência com os catadores, pude observar que as mulheres iniciam os trabalhos domésticos muito cedo, com duas ou três panelas cozinhando no fogão improvisado, além do feijão, galinha e alguma raiz. Quase diariamente o lixão recebe uma carga de lixo da CEASA com frutas e verduras em bom estado. Além disso, granjas e frigoríficos próximos, também depositam ali seu lixo, abastecendo a população de frangos e peixes. Assim, o lixão se constitui para os *bagulhadores* uma fonte de alimentos, senão a principal. Mesmo assim, a base

¹⁴ MOTTA, Roberto & SCOTT, Parry. *Sobrevivência e fonte de renda: estratégias das famílias de baixa renda no Recife*. Recife, Ed. Massangana/SUDENE, 1983.

de sua alimentação é precária: arroz, feijão, fubá e farinha. Às vezes, conseguem comprar café, açúcar e leite para as crianças. Mas, o que não pode faltar mesmo é arroz e feijão que, segundo os informantes, *"é o que sustenta"*.

A notícia de canibalismo, denunciada pelos membros da Igreja Episcopal, foi terminantemente desmentida pelos pesquisados que afirmaram sequer comer os restos de comida achados no lixo. Sob esse aspecto são muito ciosos de seus princípios de higiene: *"Aproveitamos apenas o que é bom, o resto a gente faz lavagem pros porcos"*.

Segundo os entrevistados, a alimentação é custeada com o dinheiro arrecadado da venda do lixo. A notícia de canibalismo teria sido divulgada por uma favelada com o objetivo de chamar a atenção para a situação de miséria em que vivem e, desta maneira, conseguir doações de alimentos de entidades religiosas e filantrópicas. O procedimento é duramente criticado pelos *bagulhadores* que expressam seu receio em relação à opinião dos "outros" e procuram anular a imagem de "canibais" promovida pela imprensa: *"Aqui ninguém come gente"*, afirmam em coro, quando são lembrados do episódio.

A observação direta das condições do *habitat* em que se insere a população estudada, em termos dos seus impactos sobre os organismos dos indivíduos, nos leva a concluir sobre as precárias condições de saúde e de vida na área. Os cortes com vidros e latas; os acidentes envolvendo os catadores e os caminhões de coleta e que já provocaram até mortes; o contato com o lixo hospitalar, são fatos comuns.

Percebe-se facilmente a prevalência de algumas doenças, sobretudo de pele, e a necessidade de assistência médica. Há um Posto de Saúde na favela próxima ao lixão, mas geralmente os catadores preferem cuidar de suas doenças com remédios caseiros, ervas, chás ou com os remédios achados no lixo, pois *"não adianta ir prá médico, se a gente tem de trabalhar no lixo de qualquer jeito. Pobre não pode adoecer, isso é luxo"*. Chama a atenção a necessidade das famílias entrevistadas transmitirem a idéia de que têm uma saúde invejável.

No entanto, quando questionados sobre os problemas da área que afetavam o cotidiano familiar, todos os respondentes, sem exceção, apresentaram dificuldades em reconhecer o comprometimento do meio ambiente, a carência de serviços urbanos, a precariedade de suas habitações e de seu trabalho. Ressaltaram, por outro lado, a tranquilidade da área, afirmando que *"o lixo não tem defeito, pois a vida aqui é calma e sossegada"*.

Como defesa contra a possibilidade de que tais respostas fossem dados em decorrência do medo de remoção da área, foi perguntado também o que poderia ser feito para melhorar a vida no *lixão*. Aí, então surgiram queixas e reclamações que giraram, em sua maioria, em torno do ganho incerto, dos conflitos com os comerciantes que atuam na área, da desunião entre os catadores.

No lixão de Aguazinha existem apenas 2 comerciantes, que vivem exclusivamente da compra do lixo. Eles passam o dia inteiro no lixão, pesando e pagando os produtos. Esses comerciantes compram dos catadores os produtos obtidos no lixo, revendendo-os aos grandes depósitos ou aparistas. Para garantir a freguesia, concedem "adiantamentos" aos catadores que, em decorrência do orçamento restrito e da inexistência de serviços assistenciais, acabam estabelecendo com esses comerciantes uma relação de dívida.

Os comerciantes frequentemente assumem uma postura de superioridade em relação aos catadores, tratando-os quase sempre como "esse povo do lixo", "esses pobres coitados". Um desses comerciantes - estabelecido há mais tempo na área e que parece ser o mais "importante" - é oriundo de Goiana e comercializava sucata antes de trabalhar com a compra de lixo. Casado, com três filhos e morando no bairro de Aguazinha, mantém a preferência da grande maioria dos catadores, fazendo questão de difundir a imagem de "grande protetor da comunidade", sempre disposto a ajudar quando chamado. Em troca desses "favores", no entanto, exige fidelidade acima de tudo: os *bagulhadores* não podem optar por outro comerciante, mesmo que este ofereça um preço mais elevado. A relação com os comerciantes,

então, é permeada por uma raiva contida, frequentemente dissimulada, pois os favelados sabem o quanto são frágeis e vulneráveis.

Em meu trabalho de campo, anotei e gravei muitas conversas com os comerciantes, registrando suas recriminações aos catadores, como pode-se observar na fala de "seu" Júlio, o comprador mais expressivo de Aguazinha:

"Vou dizer uma coisa a senhora: é muito difícil trabalhar com esse povo daqui de dentro. É preciso ser 'vivo', senão eles enganam a gente. Olhe, todo dia é uma briga aqui, eles dizem que eu enrolo, que não anoto direito o 'bagulho' que eles trazem, que roubo no peso, que o preço é baixo, reclamam de tudo. Eles esquecem os favor que me deve. Mas prá me enganar é preciso nascer duas vez: eu anoto tudo que compro, o peso e quanto tenho de pagar. E pago na hora. Dinheiro ali, na mão. Agora, se o preço é baixo, a culpa não é minha. Eu ganho uma mixaria disso daqui, quase nada. Eles não acreditam, mas é verdade".

Apesar de tudo, esse comerciante gozava de grande prestígio junto aos catadores. Considerado na área por ser "bom pagador", era ouvido e consultado, e os catadores chegaram mesmo a cogitar sua indicação como candidato à presidência da Associação dos Moradores de Jardim Brasil II, favela próxima ao lixão. Segundo os catadores, essa Associação, que realizava sua primeira eleição, teria como uma de suas funções principais "defender os direitos dos catadores", já que grande parte de seus moradores trabalhavam ali no *lixão*, e ninguém melhor que "seu" Júlio para isso.

A candidatura do comerciante foi inviabilizada pela imposição de alguns associados que estabeleceram como critério para os candidatos a moradia na área. A recusa do "candidato do *lixão*", como os catadores chamavam "seu" Júlio, gerou algumas discussões e muchochos entre meus informantes e reforçou suas desconfianças e sentimentos negativos em relação à participação em grupos comunitários de qualquer natureza, particularmente os de caráter político, associados à "brigas", "confusões", "roubalheira", "comilança". Ressalte-se que a

maioria dos chefes de família entrevistados, não pertence a qualquer tipo de associação - quer sejam políticas (Sindicatos, Cooperativas, Associação de Moradores); sociais (Clube Esportivo, de Mães) ou religiosos, embora alguns percebam a necessidade da união ou reunião. Apenas uma pessoa disse participar da referida Associação de Moradores e 2 entrevistados disseram frequentar uma sede da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, também localizada nessa favela.

Quanto a reivindicações, denúncias, práticas mobilizatórias, apresentadas pelos moradores para a resolução de seus problemas, as respostas enfatizam em sua totalidade a ação governamental, não se verificando nenhuma resposta vinculada à ação comunitária ou mesmo individual. Na lógica dos catadores, a questão funciona da seguinte maneira:

"- A gente não tem condições de mudar de vida sozinho, sem a ajuda do 'governo'. Por exemplo, a gente vive aqui nesses barraco caindo os pedaço ... o governo podia mandar construir um casinha prá nós, né? A gente tá aqui porque não tem emprego. Então, porque o governo não manda construir fábrica prá dar emprego a todo mundo? Mas a gente vive aqui morrendo de fome, ganhando uma mixaria. Nem cesta básica o governo distribui. A Igreja de mês em mês dá uma feirinha prá gente. E eles? Nem prá vigiar o lixo que vem prá cá ... porque aqui vem lixo de hospital misturado com o resto do lixo e a gente que não sabe, mexe em tudo. A gente devia ter alguma proteção prá trabalhar aqui dentro. Mas o pior é essas criança aí... Elas vão prá escola de manhã, mas e o resto do dia? Devia ter uma creche prá elas ficar o dia inteiro. Agora me diga: a gente pode consertar isso tudo sozinho? Não pode".

Parece evidente a solidão e o isolamento dessas famílias, o que é agravado pela fragilidade dos laços de vizinhança e de amizade existentes no local. Embora vivam muito próximos e se conheçam mutuamente, as relações de vizinhança no *lixão* são pouco valorizadas e a troca de favores é um tanto quanto rara. Quando perguntados a quem recorriam na vizinhança quando precisavam de alguma coisa, quase todos, com exceção de 3 pessoas, disseram que não podiam contar com ninguém, pois *"aqui todo mundo é pobre, ninguém pode ajudar ninguém. Além do mais é tudo desunido e tem muita gente que só quer levar vantagem"*.

É importante que se diga que, embora não seja comum a ajuda comunitária entre os vizinhos, os *bagulhadores* não chegam ao lixão sozinhos, eles vem sempre trazidos por parentes ou amigos (Tabela 5).

TABELA 5
Procedência do convite para moradia/trabalho no *lixão*

Fonte de referência	Famílias
1. Ninguém	03
2. Amigos ou conhecidos	03
3. O cônjuge	02
4. Pais	03
5. Outros parentes	02
Total	13

Fonte: Coleta de dados na área. Dezembro, 1994.

Assim, ao contrário de Lima¹⁶ que constatou que a maioria dos catadores de lixo da zona sul do Recife, não tinha outras pessoas da família trabalhando nessa atividade, em Aguazinha, pude identificar uma rede de parentesco que envolve primos, tios, sobrinhos, mãe e filho (a), sogra e nora. No entanto, não percebi a presença de parentes e conhecidos no aglomerado familiar. Achei apenas um caso em que o agregado era composto por duas amigas que, recentemente descasadas, tentavam se adaptar à experiência de viver sem um homem no lar. Parentes e amigos, embora constantes na área, preferem se estabelecer de forma independente, já que há espaço disponível.

¹⁶ LIMA, Tania Cristina. *Os catadores de lixo da zona sul do Recife - reciclagem alternativa do lixo urbano*. Mimeo. Recife: FUNDAJ, 1988.

3.3 O trabalho: uma experiência diferente

É fácil reconhecer um "bagulhador": a pele queimada e ressecada pelo sol, as roupas gastas e superpostas como proteção; está sempre tossindo, por causa da fumaça e da poeira; carrega sempre grandes sacos às costas e não utiliza qualquer equipamento de proteção individual - botas, luvas ou máscaras. Alguns, mais prevenidos, usam sapatos velhos, encontrados no próprio lixo, para proteger os pés e um gadanho para revirar e escolher o lixo. Está sempre correndo atrás dos caminhões de coleta e para assegurar um material de melhor qualidade, o "filé", como se diz no *lixão*. Na disputa, alcança os caminhões antes mesmo que eles parem e, à medida que a caçamba se inclina para derrubar o lixo, o que se vê é uma mistura de gente com latas, vidros, papel, restos de alimentos.

Para quase todos o lixão constitui-se como único meio de sobrevivência. Entre as famílias entrevistadas, apenas uma refere a cata de lixo como complemento de renda: o chefe da família trabalha como servente, ganha R\$25,00 por semana e tem carteira assinada - realidade pouco presente na vida dos catadores.

Os *bagulhadores* trabalham entre 10 a 12 horas diárias, de segunda a sábado, para ganhar, segundo eles, menos de R\$3,00, o que não permite atingir a faixa de um salário mínimo por mês. O ganho com a venda do lixo foi um dado difícil de se obter. Todos os catadores disseram não ter um controle sobre o que é coletado e comercializado, pois a venda do material tanto pode ser feita diária, quanto semanalmente, dependendo das necessidades da família. Além disso, a renda vai depender da quantidade e da qualidade do material *bagulhado*: "*Ói, o que a gente arrecada depende do lixo que vem. Tem dia que tá bom, tem dia que só vem lixo de rua, areia, folha, não dá prá apurar nada. Mas de uma coisa pode ficar certa: o que a gente ganha aqui só dá muito mal prá comer e pronto*".

Um fato curioso é que quando perguntados sobre o preço do material coletado, todos os respondentes atribuíram aos produtos preços abaixo da cotação do "mercado". Essa estratégia

foi utilizada talvez como uma forma de evitar o meu conhecimento sobre o seu "apurado", pois como era comum a distribuição de cestas básicas na área - seja por instituições governamentais, religiosas e/ou filantrópicas - havia o temor que eu representasse uma dessas instituições e estivesse elegendo as famílias mais carentes para o recebimento das cestas.

A Tabela 6 mostra os preços dos principais produtos retirados do lixo. As informações constantes dessa tabela foram colhidas através do acompanhamento do processo de venda junto aos comerciantes, durante o transcorrer do trabalho de campo.

TABELA 6
Principais produtos retirados do lixo e preço médio de comercialização

Tipo de material	Preço R\$ (Kg)
Papel	0,05
Papelão	0,15
Lata (óleo, doce e similares)	0,15
Vidro quebrado	0,05
Vidro de café solúvel, desinfetante e análogos	0,10
Garrafa de vidro tamanho padrão (inteiras)	0,15
Garrafa de vidro pequena (de suco, refrigerante)	0,10
Plástico duro (vasilhames, garrafas, utensílios)	0,15
Saco plástico	0,05
Osso	0,15
Metal	0,30

Fonte: Coleta de dados na área. Dezembro, 1994.

Os materiais mais valorizados são o papelão, as latas de qualquer espécie, amassadas ou não, garrafas de vidro inteiras, objetos de plástico duro, osso e metal - material que alcança um bom valor.

Um fato curioso - observado durante todo o período em que frequentei o *lixão* - é que, apesar da troca de moeda, o preço dos materiais era estabelecido pelos comerciantes em *cruzeiros*, embora o pagamento seja efetuado em *reais*. Os *bagulhadores* dizem que é na conversão de *cruzeiros* para *reais* que ocorre o maior lucro dos que compram o lixo, pois a maioria dos catadores ainda tinham dificuldades em lidar com a nova moeda, encarregando o comerciante da conversão. Um informante me disse em tom confidencial: *"Aqui é fogo, a gente é roubado duas vezes, moça: uma vez, porque o preço que eles [os comerciantes] dão é muito baixo, e outra vez, porque eles só vende em cruzeiro e prá converter prá real é preciso fazer muita conta. A maioria dos catador não sabe fazer isso direito, a gente se confunde muito e eles rouba de novo"*.

Por seu lado, os catadores possuem algumas estratégias para aumentar seus ganhos. Uma delas é, na hora da pesagem, alterar o peso de alguns materiais, por exemplo, encher as latinhas de areia ou, ainda, molhar o papelão, justificando: *"A balança deles é 'viciada'. A gente faz isso prá compensar o que eles rouba no peso"*. No entanto, a maioria dos catadores considera essa atitude como desonesta e arriscada, pois, se descoberta pelos compradores, pode levar à brigas, ofensas e aborrecimentos, para um ganho que é considerado irrisório.

No que diz respeito à conceituação econômica, o trabalho realizado pelos catadores é vinculado ao setor informal da economia, que põe em relevo a subutilização e sub-remuneração da mão-de-obra no mercado de trabalho urbano, além da total insegurança, previdenciária e legal, do trabalhador.

Mas, além de informal e clandestino, catar lixo significa também desafiar a manutenção da ordem do meio ambiente, pois o lixo - para as pessoas que produzem-no cotidianamente, mas que não viabilizam sua existência através dele - é geralmente vinculado à sujeira e à desordem. O estranhamento, então, é inevitável. O catador, ao mexer no lixo à procura de

materiais úteis, é visto como alguém que vai de encontro aos padrões de limpeza, pureza, saúde e ordem estabelecidos pela sociedade, passando a ser identificados com o próprio lixo¹⁶.

No caso da população pesquisada, o estranhamento é radical, pois os catadores de Aguazinha além de trabalhar com o lixo moram dentro do próprio *lixão*. - local peculiar: degradado fisicamente e desprezado socialmente. Além do mais, o suposto canibalismo ocorrido na área e apresentado com destaque pela imprensa, contribuiu para uma representação negativa dos *bagulhadores*.

Bagulhar é um "serviço pesado", "sacrificado", "arriscado" e que "não dá dinheiro", para usar as próprias palavras dos catadores. Mas apesar do baixo rendimento, do consumo restrito, da precariedade como horizonte (revelada na quantidade e qualidade de bens e serviços consumidos) e de serem apontados como "diferentes", já que sobrevivem daquilo que a sociedade rejeita, para os catadores "*bagulhar é preciso*".

Para os entrevistados, o trabalho no lixo aparece como a única opção que lhes resta para a realização de alguns valores. É nesse sentido que se pode compreender as vantagens, constantemente reafirmadas pelos catadores, que o trabalho do lixo oferece. Essas vantagens dizem respeito, principalmente à possibilidade de satisfação imediata das necessidades de sobrevivência e à liberdade de ação. Quando solicitados a falarem algo a respeito da atividade de catador, todos os catadores enfatizaram esses dois aspectos: "*Catar lixo tem suas parte boa, moça. Veja só: eu amanheço o dia sem um tostão, venho aqui, cato, vendo e já 'livro' o dinheiro do café. Não é melhor do que nada? Se eu quiser trabalhar mais, eu fico o dia todo e já ganha mais um dinheirinho. Se eu não quiser, vou prá casa. Aqui é bom por isso: a gente trabalha quando quer*".

¹⁶ Cf. LIMA, Tania Cristina. *Op. cit.*

3.4 Os *bagulhadores* em seu cotidiano

O dia começa cedo para os *bagulhadores* residentes, por volta das 5 horas da manhã. Alguns vão direto para a área de lançamento de dejetos, pois é preciso *bagulhar* alguma coisa para vender e garantir o café da manhã. Outros, aproveitam para "organizar" o lixo coletado na véspera: é a hora de classificar os materiais, separá-los, limpar os vestígios de lixo orgânico, ensacá-los e empilhá-los, deixando-os pronto à espera dos compradores. Todos os moradores preferem juntar os sacos de lixo reciclado e vendê-los no sábado. Isso faz com que a área ao redor dos casebres funcione como uma espécie de silo.

Apenas 3 catadores possuem carroça e, portanto, podem optar entre negociar seu material com os comerciantes do *lixão* ou ir até Peixinhos ou Aguazinha, onde se situam os depósitos mais procurados por eles. No entanto, o processo de comercialização fora do *lixão* é muito penoso e desgastante para os catadores, pois o percurso até os depósitos é realizado a pé, o que requer muita resistência física e disposição para enfrentar uma caminhada de 30 ou 40 minutos puxando uma carroça totalmente cheia de lixo. *"A gente vai logo cedo da manhã, para aproveitar o sol frio e porque a gente tá mais descansado (...) É um 'osso' sair por aí empurrando essa carroça cheia de lixo. A gente só faz isso quando tá brigado com os comprador daqui"*, dizem eles.

Mas não é só pela distância dos depósitos que os catadores preferem se poupar e vender o lixo aos compradores locais: *"Os depósito não compra tudo ... vidro quebrado eles não quer comprá, só garrafa inteira e vidro de café, extrato de tomate, inteiro; papel e papelão só se for limpo; bolsa plástica eles também não aceita. E aqui eles compram tudo"*.

As mulheres, também catadoras, não podem se dedicar inteiramente às tarefas domésticas. O trabalho com a *catação* lhes toma o dia inteiro e o pouco tempo disponível é dedicado à preparação das refeições: *"não dá prá limpar e arrumar direito a casa aqui no lixo (...) também não adianta muito, né? Lavar roupa só quando tenho tempo e disposição prá*

carregar água", justificam elas. É comum, então, colocar as roupas "de molho", como dizem as mulheres, durante 2 ou 3 dias até que se encontre um tempo para a lavagem. Os poucos pratos, panelas e talheres que possuem são amontoados dentro de uma bacia plástica e colocados no "quintal", à espera que entre um e outro caminhão de coleta, sobre um tempinho para serem lavados.

O trabalho com a catação só é interrompido pelos horários da escola das crianças. As mulheres que tem crianças com menos de 10 anos de idade estudando fazem questão de ir levá-las e buscá-las na escola. As crianças que são ainda muito pequenas e não frequentam a escola, correm e brincam, nuas, misturadas à lama e ao lixo, disputando espaço com os animais domésticos: porcos, galinhas e cães. Criam brinquedos com o material coletado no lixo, utilizando os mais variados objetos: caixas de papelão, latas vazias, embalagens vazias, etc. - que compõem, juntamente com um carrinho ou uma boneca encontrada no lixo seu universo de brincadeiras. Logo, porém, essa vida de desobrigação acaba e elas se tornam *bagulhadores*. Por volta dos 7, 8 anos vão à escola, mas as aulas e lições, não eliminam o tempo de *bagulhar*.

O cotidiano da área é marcado pelo barulho dos caminhões de coleta, pelos gritos dos catadores, pelos palavrões na disputa do *bagulho*. Experimenta-se uma intensa sensação de movimento, de agitação, nervosismo e tensão. Frequentemente, os catadores brigam com os comerciantes e discutem entre si e, como já foi salientado, a competição no trabalho se comunica ao cotidiano dos *bagulhadores*, em geral.

Durante a tarde o movimento no lixão é menor que pela manhã, pois a maioria dos catadores não-residentes prefere trabalhar apenas até as 13:00/14:00 horas e os moradores, aproveitam para descansar um pouco após o almoço, recomeçando o trabalho depois das 16:30 horas, quando o sol é menos intenso. É nesse período que as mulheres aproveitam para sentar um pouco em frente aos barracos, ensinar o dever da escola aos filhos, conversar com as vizinhas ou vão até Aguazinha ou Peixinhos comprar o pão para o jantar, pois depois das 17:30

horas ninguém mais sai de casa, todos afirmam que é perigoso circular na Perimetral depois do anoitecer, pois são frequentes os assaltos. As crianças, por sua vez, correm para assistir desenho animado na única TV do local, o que vez por outra ocasiona problemas e algumas brigas entre os vizinhos. À noite, a alternativa é *bagulhar* até quando o cansaço e o sono permitirem.

Aos sábados e domingos a rotina do *lixão* é outra. Durante a manhã do sábado ainda há o movimento intenso dos catadores e dos caminhões de coleta. Os moradores estão ocupados em comercializar o lixo coletado durante toda a semana e os catadores não-residentes também se apressam em vender o lixo que conseguiram coletar até o momento. Diante das balanças dos comerciantes forma-se um certo tumulto. A fisionomia dos catadores expressa o cansaço da semana inteira de trabalho e uma certa frustração quando são pagos pelo comerciante. As discussões com o comprador em torno do peso e do preço são frequentes.

Os caminhões de coleta encerram suas atividades no final da manhã do sábado, para retornar apenas na segunda-feira. Depois disso o *lixão* fica vazio e silencioso, apenas com os catadores residentes. Se durante a semana a vida no *lixão* obedece há um ritmo rígido e cansativo de trabalho, e as palavras de ordem são *bagulhar*, *bagulhar* e *bagulhar*, a partir da tarde de sábado, quando não há a perspectiva de nenhuma atividade, a vida que ali transcorre não é menos cansativa, monótona e sem atrativos.

Quando cessa o movimento de caminhões no *lixão*, a maioria dos homens se reúne em um dos 2 "botecos" existentes no local para conversar, jogar dominó ou cartas. Não é raro um gole de cachaça, só "*prá esquecer a vida*", dizem os *bagulhadores*. As mulheres, livres da catação, voltam-se para os afazeres domésticos.

No domingo acorda-se mais tarde e os homens se dedicam a fazer consertos nos barracos: mudam a porta que está caindo, reforçam o telhado, preparando-se para o inverno ou cavam uma nova cacimba. Enquanto isso, as mulheres capricham no "almoço de domingo": "*O domingo é um dia que a gente tem que comer melhorzinho, né? Já basta a semana toda*

comendo 'rango', feijão com ovo, com mortadela. Domingo eu compro carne, faço uns bife, um macarrão, faço um suco ou compro guaraná, aí melhora as coisa. A gente também tem que ter um prazer na vida, nem que seja uma vez por semana", me disse uma delas. À tarde, habitualmente, os homens mais jovens vão a Peixinhos jogar futebol, mas há os que preferem ficar em casa e "preguiçar", como eles dizem. Algumas mulheres levam os filhos para assistir o futebol, mas a maioria fica em casa, envolvida em suas obrigações domésticas e quando têm um dinheirinho sobrando se divertem levando as crianças para um passeio no Parque Treze de Maio. Uma mulher me disse: "É o único lugar que a gente pode ir, porque é de graça, a gente só gasta o dinheiro do ônibus e mermo assim não posso ir toda semana".

Vê-se que no cotidiano dos catadores as opções de lazer são muito reduzidas, os dias transcorrem de forma rotineira e repetitiva. No período de convivência com a população, não observei qualquer tipo de comemoração ou festividade, cuja função é estabelecer uma data especial e marcar a passagem do tempo¹⁷. Embora aniversários e batizados, sejam consideradas festas importantes, nem sempre é possível comemorá-las, já que há o aspecto da falta de condições materiais para viver esses eventos, de acordo com os critérios que os catadores estabelecem para uma festa "decente", ou seja, com muita comida e bebida. Além disso, as festas são eventos em que parentes, amigos e vizinhos se encontram, pondo em foco as dificuldades de relacionamento do grupo. Diante do desejo de comemorar o primeiro aniversário do filho, uma informante, me disse: *"Eu queria tanto fazer uma festinha prá meu filho, com um bolo, doce, salgado, refrigerante, umas bolinha colorida, mas cadê a grana? Fazê uma festa prá ser porcaria é melhor não fazê. E depois você sabe o povo daqui como é: vai prá festa só prá comer. Aí, come, bebe, leva prá casa e ainda sai falando. É fogo".*

¹⁷ Ver CALDEIRA, Teresa Pires. *A política dos outros*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

De um modo geral, o único evento que envolve a rede de vizinhança e coleguismo (não só da área) são os piqueniques e excursões que, com relativa frequência, são organizados pelo dono de um dos "botecos", que não é morador do *lixão*. Geralmente são passeios para o litoral de um estado vizinho, como Rio Grande do Norte ou Alagoas. Nessas ocasiões, os preparativos para a viagem começam no sábado à tarde. As mulheres preparam refeições para levar, empenham-se em separar as roupas que serão usadas, orientam as crianças quanto ao comportamento e planejam o dia de maneira a se divertir bastante.

CAPÍTULO 4

BAGULHADORES: IMAGENS E REPRESENTAÇÕES

Encomenda

*“Desejo uma fotografia
Como esta - o senhor vê - como esta:
Em que para sempre me ria
Com um vestido de eterna festa.*

*Como tenho a testa sombria,
Derrame luz na minha testa.
Deixe esta ruga que me empresta
Um certo ar de sabedoria.*

*Não me meta fundos de floresta
Nem de arbitrária fantasia...
Não ... nesse espaço que ainda resta
Ponha uma cadeira vazia”.¹*

1 Fotografia e etnografia

Neste capítulo tento reconstruir o sistema cognitivo dos sujeitos estudados, procurando entender o processo de elaboração de suas representações.

Inicialmente, tentei aplicar entrevistas semi-estruturadas. Estas, no entanto, se constituíram apenas em boa conversa. Meus informantes quase sempre se esquivavam e demonstravam mau humor diante dos meus *quem, por quê, quando, onde*. Eu precisava de um instrumento metodológico que permitisse ao grupo expressar sua percepção da realidade, seus sentimentos múltiplos a respeito dessa realidade, de si mesmo e da sociedade

¹ MEIRELES, Cecília. *Vaga Música*, in *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967, p. 223.

mais ampla. Isso deveria ser feito da forma o mais espontânea possível, sem a sensação de se estar revelando um segredo.

Eu continuava fotografando. Fotografar era algo que me dava imenso prazer e os catadores divertiam-se bastante durante a sessão de fotos e demonstravam grande satisfação quando as recebiam, observando-as com muito interesse. Explicavam e identificavam o conteúdo de cada foto, conversando desinibidamente e expressando livremente sentimentos e impressões.

Passada a fase inicial das abordagens experimentais, os catadores permaneciam desconfiados e indiferentes à idéia de que eu iria escrever um livro a respeito deles. Para que serviria esse livro? O que mudaria em suas vidas? Eles conseguiriam um emprego ou uma casa? E eu era insistentemente cobrada a "dar alguma coisa". Através das fotografias, eles haviam finalmente descoberto algo que eu podia oferecer em troca das informações que me concediam, da paciência com que aturavam minhas perguntas e da permissão em "bisbilhotar" suas vidas.

Passei, então, a ser vista pelos catadores não como "interesseira", mas como "uma pessoa até simpática e legal", como eles diziam. Fortalecidos os laços de amizade, comecei a receber pequenas demonstrações de gentilezas dos catadores: um vasinho com planta, um cafezinho, um convite para almoçar e até um perfume, oferecido por uma moradora que também era revendedora de perfumes e cosméticos. Eu me sentia muito gratificada com esses presentes, reveladores de minha aceitação pelo grupo.

O ritual de entrega das fotografias me lembrava os primeiros exploradores, e mesmo os antropólogos do começo do século, que distribuíam fumo, espelhos, pequenos presentes, entre os povos recém-descobertos, ainda não acostumados à presença de estranhos e pesquisadores.

Nessas ocasiões, o *lixão* transformava-se numa feira de vaidades. A fotografia significa para o homem a possibilidade de auto-iludir-se "congelando" sua imagem de forma nobre, representando através da aparência exterior o personagem que ele nunca havia sido e

jamais seria. É por meio da pose, da imagem "plástica" - sentados ou de pé, o ar afetado - que as pessoas apresentam o que gostariam de ser².

Os *bagulhadores* não fugiam à regra, é claro, e exigiam ser fotografados "com a melhor aparência possível". Eles "criavam" deliberadamente as cenas: escolhiam a composição, a focalização, o enquadramento, os planos; posavam cuidadosamente, preocupando-se com o vestuário, a postura corporal e a expressão facial; selecionavam com rigor o que deveria ser registrado, escolhendo traços, práticas e costumes valorizados socialmente. As moradias e as marcas do contexto - o lixo amontoado, cães vadios, caminhões de coleta, pessoas trabalhando, imagens reveladoras das condições de vida do grupo - deviam ser totalmente eliminadas. Eu os deixava posar como queriam e as imagens que surgiam eram "imagens negociadas"³ que mostravam só o que interessava ao retratado. Estabeleci, então, uma relação de "cumplicidade" com os retratados ou seria melhor dizer os "clientes", pois na verdade, os pesquisados comportavam-se como tais, dando ordens como se fossem meus contratantes. Era comum eu escutar declarações do tipo:

"- Eu quero que você traga sua máquina amanhã para tirar uma foto minha e de meu marido, mas eu escolho onde você vai tirar a foto. Não quero que você me pegue desprevenida" .

Assim, eu fotografava sob rigorosas condições. Naturalmente eu podia exercer minha criatividade, mas sempre dentro das condições impostas por eles, de maneira que atendesse suas apreciações estetizantes ou suas preocupações quanto à qualidade técnica das imagens.

Um incidente levou-me a refletir sobre a experiência visual do homem quando diante da imagem de si mesmo e sobre o significado da fotografia na vida das pessoas. Uma manhã, enquanto eu conversava com as crianças e distribuía algumas fotos, um catador, que não morava na área, avançou ameaçadoramente para mim: *'Ô moça, por acaso eu pedi a*

² KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1994.

³ O sociólogo Sérgio Miceli, fazendo uma análise do retrato na pintura brasileira dos anos 20 e 30, sugere que essa forma de pintura é sempre uma "imagem negociada", ou seja, nasce de um consenso entre o que o pintor quer fazer e a maneira pela qual o retratado gostaria de aparecer. Ver MICELI, Sérgio. *Imagens negociadas*. Companhia das Letras, 1996.

senhora prá tirar meu retrato'?, perguntou mostrando-me uma fotografia em que ele aparecia em segundo plano. Olhei a imagem e argumentei, desculpando-me, que não tinha sido minha intenção fotografá-lo. Na realidade, a câmera estava focalizando um dos caminhões de coleta, mas, acrescentei, que se ele quisesse poderia ficar com a fotografia. Por mais que eu me desculpasse, o *bagulhador*, ofendidíssimo e convencido que minha intenção ao fotografá-lo não eram as mais lisonjeiras, rasgou a foto e com palavras inflamadas proibiu-me de fotografá-lo. Criou-se um certo tumulto, mas logo os outros catadores que já me conheciam chegaram ao local, contornando a situação.

Episódios dessa natureza não mais se repetiram. Por precaução, sempre que eu me aventurava fora da área em que era conhecida, eu me fazia acompanhar por alguém conhecido. Embora eu já soubesse da reserva de alguns catadores quanto à fotografia, uma reação tão explosiva e intensa não estava nos meus planos. Era realmente espantoso o horror dos catadores em ser flagrados e o poder da fotografia em revelar os sentimentos das pessoas.

A fotografia, ao mesmo tempo que permitia minha inserção no grupo e o estabelecimento de uma convivência íntima com os informantes, constituía-se num meio através do qual a população em foco revelava informações importantes sobre si mesma: quem eram os amigos mais chegados, os desafetos, com quem gostariam de ser, ou não, fotografados. A conversa fluía livremente: falavam sobre os acontecimentos corriqueiros e habituais que ocorriam no *lixão* - cenas de família, brincadeiras, desentendimentos. A própria tomada da fotografia estabelecia por si só o início de uma entrevista.

Ainda que oculte muitas referências e informações, por ser apenas um recorte do que se quer reproduzir - reprodução fixa de um instante -, a fotografia permite captar informações, dimensões e relações que as verbalizações não tem condições de proporcionar. Se o trabalho do antropólogo é um trabalho de interpretação de culturas alheias, interpretação de segunda ou terceira mão⁴, justifica-se, então, lançar mão de estratégias as mais variadas e criativas possíveis, no sentido de se chegar, por exemplo, a uma hierarquia

⁴ GEERTZ, Clifford. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

dos tipos de "piscadelas" de uma determinada sociedade, aumentando "o sentimento de como a vida pode decorrer"⁵.

2 Fotografia e pesquisa antropológica

De maneira geral, nos trabalhos etnográficos clássicos, a utilização mais frequente das fotografias é como ilustração do texto, confirmação ou prova, ou, ainda, como ampliação do olhar do pesquisador, como se pode ver nos trabalhos de alguns cientistas sociais como Franz Boas, Margaret Mead e John Collier⁶.

A fotografia é usada por esses autores apenas para registrar os aspectos visíveis da realidade e o objetivo parece ser o de transpor de forma o mais "literal" possível a aparência do assunto situado em frente à câmara para a chapa fotográfica. Nesse sentido, prevalece o ideal da fotografia como uma possibilidade de capturar a "Verdade" e responder todas as perguntas do pesquisador⁷. Permanecem latentes as relações entre o conteúdo interno e o externo da foto, as condições de relacionamento social que dela se deduz, as articulações entre que é visto e o significado daquilo que é visto.

Se num primeiro momento, a fotografia aparece como um *analogon* perfeito da realidade, uma mensagem direta e sem código, como diz Barthes⁸, endossando, de certa forma, o famoso realismo fotográfico, ela não é um agente reprodutor neutro, nada tem de "natural", implicando numa rede de relações e determinantes culturais, ideológicos e

⁵ GEERTZ, Clifford. *Estar lá, escrever aqui*. Revista *Diálogo*, nº 3, vol. 22, 1989, p.61.

⁶ Ver COLLIER, John. *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. São Paulo: EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1973; LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família - leitura da fotografia histórica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

⁷ Essa crença no poder revelador da fotografia sintetiza os princípios estéticos, ontológicos e morais daqueles que tomam o partido da objetividade, próprio do pensamento positivista clássico, que acreditava no poder de evidência da fotografia, em sua capacidade de desvendar todos os segredos, ver tudo, saber tudo, cimentando um sonho impossível: uma sociedade transparente, constituída de coisas, pessoas e acontecimentos integralmente visíveis e legíveis - sonho este não muito distante do pesadelo orwelliano.

⁸ Citado por DUBOIS, Philippe, in *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas, SP: Papirus, 1994, p. 36.

psíquicos. Pierre Bourdieu é uma voz representativa no debate crítico da visão "foto-espelho". Em *Un art moyen* ele chama a atenção para os vários usos culturais da fotografia:

"Normalmente todos concordam em ver na fotografia o modelo da veracidade e da objetividade (...) é fácil demais mostrar que essa representação social tem a falsa evidência das pré-noções de fato a fotografia fixa um aspecto do real que é sempre o resultado de uma seleção arbitrária e, por aí, de uma transcrição: de todas as qualidades do objeto, são retidas apenas as qualidades visuais que se dão no momento e a partir de um único ponto de vista; estas são transcritas em preto e branco, geralmente reduzidas e projetadas no plano. Em outras palavras, a fotografia é um sistema convencional que exprime o espaço de acordo com as leis da perspectiva (seria necessário dizer, de uma perspectiva) e os volumes e as cores por intermédio de degradés do preto e do branco. Se a fotografia é considerada um registro perfeitamente realista e objetivo do mundo visível é porque lhe foram designados (desde a origem) usos sociais considerados 'realistas' e 'objetivos'".

Bourdieu denuncia e desmonta o discurso do realismo fotográfico. Segundo ele, a foto revela os valores éticos e estéticos de quem fotografa, valores esses elaborados a partir de uma cultura e que refletem a retórica de uma época. Assim, a construção da imagem fotográfica implica numa *compreensão-interpretação-transformação da realidade*, pautada sobre os signos de uma cultura.

Outros autores apontam os perigos da rápida aceitação da "evidência testemunhal" das imagens fotográficas, que pode levar a deslizamentos interpretativos importantes, pois a fotografia em si atesta a evidência, mas não o *sentido*, de uma realidade. Susan Sontag assinala essa dimensão pragmática da fotografia: *"A fotografia pode constituir perfeitamente a prova irrefutável de que certo evento ocorreu"*¹⁰, pragmatismo já ressaltado por Barthes em sua afirmação: *"Uma fotografia sempre se encontra na ponta desse gesto; ela diz: isso é isso, é aquilo!, mas não diz nada além do que disse (...) "*¹¹.

⁹ Citado por DUBOIS, Philippe. *Op. cit.*, p. 40.

¹⁰ SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

¹¹ BARTHES, Roland. *A câmara clara*. 4a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Ou seja, a fotografia é uma evidência, um recorte de alguma coisa que existiu ou aconteceu, mas sem força para comprovar ou negar totalmente uma hipótese, pois ela é mais a reprodução do que o retratado e o fotógrafo quiseram que ela fosse. Pode-se dizer que a foto possui um caráter ambíguo e dual: ela é sempre o registro de alguma coisa, explícita ou implicitamente - é uma representação analógica da realidade e, ao mesmo tempo, uma forma de interpretar essa mesma realidade¹².

Como afirma Arlindo Machado, a fotografia não é uma expressão passiva do real, mas um sistema de representações que consegue revelar uma forma ideológica de ver o mundo¹³. A fotografia é um *modo de interpretar* e contar o que se viu e viveu, uma articulação de dados visíveis e dimensionáveis, de um lado, e invisíveis ou imperceptíveis, de outro. Apesar da aparente neutralidade do olho da câmara e de todo o verismo iconográfico, a fotografia será sempre uma *interpretação*:

*"A fotografia (...) não pode ser o registro puro e simples de uma imanência do objeto: como produto humano, ela cria, também com esses dados luminosos, uma realidade que não existe fora dela, nem antes dela, mas precisamente nela"*¹⁴.

Assim, é preciso lançar mão de outras fontes de informação para que se possa desvendar o significado das imagens fotográficas. É necessário procurar na aparente inocência das imagens seus significados mais profundos, tentando apreender o conteúdo manifesto e o conteúdo latente das fotografias, captar o que elas dizem, e o que silenciam/ocultam/disfarçam, da condição do grupo retratado, ou seja, capturar a verdade empírica, *"a coisa necessariamente real que foi colocada diante da objetiva, na falta do que não haveria fotografia"*¹⁵; mas também as sutilezas que indicam ao observador a

¹² MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular - introdução à fotografia*. Rio de Janeiro/São Paulo: FUNARTE/Brasiliense, 1984.

¹³ MACHADO, Arlindo. *Op. cit.*

¹⁴ MACHADO, Arlindo. *Op. cit.*, p. 40.

¹⁵ BARTHES, Roland. *Op. cit.*, p. 115.

existência de outros níveis de realidade, permitindo-lhe "*deduzir o que não se vê, em torno daquilo que se está vendo*"¹⁶.

A leitura desses aspectos invisíveis, foi feita associando-se a fotografia aos depoimentos e interpretações dos sujeitos investigados, pois as palavras são indispensáveis para explicitar o conteúdo das fotografias.

Ao associar a análise das fotos, como técnica de coleta de dados, aos relatos orais dos catadores, pretendi alcançar o imaginário dos retratados, tentando apreender o significado daquilo que é visto, identificando sua ligação com o que é representado na fotografia, os sentimentos e reações que a imagem visual desencadeia, os processos utilizados pelos sujeitos para a representação/distorção da realidade. Fotos e texto, juntos, permitiram uma visão mais efetiva da realidade e, acompanhados de uma observação crítica e atenta, revelaram-se como técnica e fonte de dados eficientes.

Nesse trabalho de interpretação, lancei mão também dos dados obtidos através da observação participante sobre o dia a dia das pessoas. São fragmentos do cotidiano, comentários, detalhes recolhidos e anotados diariamente no diário de campo, que analisados em si mesmos revelam uma vivência caótica. No entanto, são informações essenciais para se entender o contexto, assimilar as questões culturais em jogo, descrever os eventos com "densidade", distinguindo seus significados, diferenciando, como diria Geertz, um tique nervoso de uma "piscadela"¹⁷.

Nessa fase, mais do que nunca, o *diário de campo* assumiu sua plenitude. Nele eu anotava diariamente as situações observadas, descrevendo de forma mais clara possível, os acontecimentos, os atores envolvidos (onde, quando, quem, o quê), o que ocorria antes e depois de cada registro fotográfico, os comentários na hora da tomada da foto e durante a entrega.

¹⁶ LEITE, Miriam Moreira. *Op. cit.*, p. 44.

¹⁷ GEERTZ, Clifford. *Op. cit.*, 1978.

Etienne Samain¹⁸ ao analisar o uso da fotografia nos trabalhos de Malinowski, observa que esse autor acompanha cada uma de suas pranchas com textos explicativos que situam a fotografia em seu contexto etnográfico mais amplo. Ou seja, há na obra do antropólogo britânico uma simbiose máxima entre o texto e a imagem. O pictórico e o verbal constantemente inter-relacionados produzem o sentido e a significação. E foi fundamentado nessa circularidade entre texto e fotografia que Malinowski buscou elaborar comparações, relações e inter-relações entre os fatos sociais, no sentido de alcançar seu objetivo teórico último: entender como *funciona* uma sociedade. Nesse sentido, as fotografias em seus trabalhos

*"(...) não são meros 'suportes', excrescências', 'bulas' acrescidas ao seu texto. Não são, também, os 'álbis' forjados em vista do texto que pretende escrever. Nas suas obras, as fotografias funcionam, ao contrário, como se fossem 'pontos de partida', 'desencadeadoras', 'molas' capazes de inspirar o texto que, com elas, Malinowski pretende elaborar"*¹⁹.

Nesta pesquisa, a fotografia não aparece apenas como mostruário ou vitrine do texto escrito e sim como uma maneira de captar informações, dimensões e relações que as verbalizações não tem condições de proporcionar. Mas, ao contrário de Malinowski, que buscou apoio nas fotografias para construir seus textos, minha intenção é justamente o contrário: fazer com que trechos de meu diário de campo sirvam de apoio à leitura das fotografias, reconhecendo que *"nunca diremos com imagens o que procuramos mostrar e ilustrar através de palavras"*²⁰.

Fixada num quadro de duas dimensões, a fotografia não informa sobre os pensamentos e sentimentos dos retratados, não revela nada sobre as condições em que foi produzida, os critérios para a seleção e escolha de ângulos e enquadramentos do que será

¹⁸ SAMAIN, Etienne. *Bronislaw Malinowski e a fotografia antropológica*, in REIS, Elisa, ALMEIDA, Maria H.T. de & FRY, Peter. Ciências sociais hoje - Anuário de antropologia, política e sociologia. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 1995.

¹⁹ SAMAIN, Etienne. *Op. cit.*, 1995, p. 319.

²⁰ SAMAIN, Etienne. *Para que a antropologia consiga tornar-se visual*. Mimeo, 1993.

fotografado, data e local do conteúdo, nem mesmo a identidade do retratado. Como diz Miriam Moreira Leite, *"só se atinge o sentido da fotografia quando se consegue que a aparência instantânea, simplificada através do foco, da tonalidade, da profundidade, do enquadramento, da textura, da escala e do jogo de luz se estenda a um antes e um depois do momento fotografado"*²¹.

A limitação e riqueza da fotografia é expressa no depoimento de uma *bagulhadora* adolescente, registrado assim em meu diário de campo:

"- Eu não quero esse retrato, não... Desse jeito... sem cor... Eu queria dar a foto ao meu pai, mas assim... Retrato só presta se for colorido ... Preto e branco é muito feio. A gente fica mais feio e mais pobre... Não dá prá mostrar a ninguém. Eu não deixo mais você tirar meu retrato, nem quero mais falar com você ..."

3 Fragmentos e Imagens

Com interesse de conhecer as condições de trabalho e moradia no *lixão*, e analisar suas implicações sobre os sentimentos, valores e representações dos catadores, passei a registrar alguns momentos "retratáveis" na vida do grupo pesquisado, divididos nas categorias abaixo:

- 1) a imagem externa da comunidade e seus arredores - o tipo de área ocupada; o aspecto, tamanho, estado de conservação das habitações, bem como, o nível de conforto, higiene e segurança; enfim o *background* ambiental ;
- 2) a vida familiar ;
- 3) o processo de *bagulhar* - estratégia utilizada pelos catadores para garantir a sobrevivência - em suas etapas principais ;
- 4) a interação social.

²¹ LEITE, Miriam Moreira. *Op. cit.*, p. 146.

Para o desenvolvimenento do trabalho de análise das fotografias²², parti em primeiro lugar da organização de um arquivo fotográfico dentro das categorias acima mencionadas. O arquivo era organizado à medida que as fotos eram produzidas. Simultaneamente à produção das fotografias, foi preenchida uma *ficha técnica de identificação geral* das fotos. Essa identificação incluiu a definição da identidade das pessoas retratadas, a existência de pose e a presença de indícios de uma preparação anterior das pesonagens para o registro da foto, todos os comentários dos sujeitos na hora da tomada da fotografia. Esses dados contribuíram para a montagem de um quadro de referência que possibilitou uma leitura geral por temática de conteúdo de cada uma das fotos. Além disso, permitiu uma leitura panorâmica do conjunto das fotos produzidas.

Após a montagem do quadro geral de referência, foi realizado um trabalho de *análise individual* das fotos, com a redação de uma ficha de conteúdo para cada uma delas. Essa ficha incluiu três partes. A primeira procurou identificar todas as personagens ali contidas por sexo, idade, tipo de relação que cada uma tinha com as outras retratadas. A segunda parte consistiu numa descrição detalhada do cenário, dos objetos, roupas e expressões de cada personagem. Na terceira e última parte procurou-se analisar cada uma das fotos, com o objetivo de buscar o significado ou intenção de seus elementos componentes - posição das personagens, forma como estas se deixavam fotografar (pose, gestos, expressões), ou seja, elementos simbólicos capazes de expressar relações sociais.

O objetivo da análise fotográfica foi a formulação de hipóteses explicativas que permitissem uma interpretação teórica da situação. Trata-se, sem dúvida, de uma análise descritiva sobreposta a uma interpretação subjetiva, construída pelo pesquisador, mas de maneira alguma baseada em uma opinião aleatória deste, ao contrário, fundamentada em princípios norteadores dirigidos para um objetivo. Por trás dessa análise estava o conhecimento de uma biliografia sobre exclusão social, sobre os fatores determinantes dessa situação, sobre os valores e padrões culturais da população sujeita a esse processo e o objetivo de estudar a exclusão em um dado contexto social.

²² Os procedimentos para a análise das fotografias segudos nesta pesquisa foram semelhantes aos utilizados por CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. *A associação da fotografia aos relatos orais na reconstrução histórico-sociológica da memória familiar*, in Cadernos CERU, São Paulo: CERU, Coleção Textos nº 3, 1992.

A etapa seguinte da pesquisa constituiu-se das entrevistas com os retratados. Estas foram realizadas por ocasião da entrega das fotos. Os catadores se mostravam bem mais receptivos agora: convidavam-me a entrar e tomar um cafezinho. Aqui e ali revelavam suas dificuldades - o dinheiro pouco, às brigas com o comerciante, a preocupação com os filhos - ; sonhos e esperanças - negociar com o governo a doação de uma área onde pudessem construir uma casa, conseguir um emprego "de carteira assinada", sair de dentro do lixo.

Eu já era conhecida na área como *"a moça que tira retrato e que gosta de conversar com todo mundo"* e as portas se abriam para mim pelo simples fato de presentear as fotografias. Dar as fotografias aos colaboradores, além de reforçar o relacionamento pessoal, constituiu-se uma razão funcional para visitá-los em suas casas e conseguir uma entrevista. As entrevistas eram marcadas nos horários mais adequados para as famílias e justificadas pela reafirmação de nosso interesse em conversar sobre os problemas e dificuldades de cada um ali no *lixão*.

Minha intenção inicial era de fazer entrevistas coletivas, mas logo percebi uma grande dificuldade dos moradores em se unir, em fazer coisas em comum. Decidi, então, fazer entrevistas com as famílias. Quase no final do trabalho de campo consegui uma entrevista coletiva com as mulheres.

Através das categorias escolhidas, já mencionadas, eu esperava:

- a) mostrar as condições de sobrevivência das famílias moradoras no *lixão* ;
 - b) capturar informações sobre os valores familiares - papéis familiares, educação das crianças, expectativas em relação a essas, etc. ;
 - c) refletir sobre o significado do trabalho no lixo e suas implicações sobre a identidade e as representações daqueles que se utilizam dessa estratégia para sobreviver ;
 - d) apreender a dinâmica social da "comunidade": como as pessoas se comunicam, se misturam e se agrupam, como se relacionam com as instituições (a Igreja, a escola, o poder local) ;
 - e) saber o que pensam os catadores sobre si mesmos e suas condições de vida.
- Enfim, conhecer suas representações sociais sobre a "condição de exclusão".

3.1 *A fragilidade no mundo do trabalho*

"Seu" Aluizio: "- Aqui é um lugar bom de viver, por causa que todo mundo vive pro trabalho. Eu gosto de bagulhar: o lixo não tem dono, a gente não tem patrão e o serviço é fácil de aprender e nem precisa dos três mês de experiência (risos). É só chegar e catar o que quiser. Eu não tenho do que reclamar."

Uma idéia que fica bastante clara no conjunto dos depoimentos coletados é que o trabalho se impõe como condição necessária para superar, ou pelo menos minimizar, a situação de pobreza em que se encontram os entrevistados. Aqui, emerge com clareza a vinculação das categorias *pobres* e *trabalhadores*²³, categorias estas que todos os entrevistados utilizam para descrever sua própria situação.

Outrora, a pobreza era um valor moralmente desejado, uma opção existencial, proclamada e aclamada pelo cristianismo. Os pobres eram videntes e filósofos, expressavam um conhecimento universal da verdade sobre a existência humana, e tinham uma nobreza simbólica e um significado poético. Cervantes, Shakespeare, Victor Hugo, Brecht, Beckett e autores menores, transformaram o miserável - personagem esquecido por todos - em porta voz dos níveis inferiores da sociedade, da consciência e da cultura populares. Na aldeia moderna, entretanto, os pobres passaram a ser objeto de desconfiança e suspeita, perderam a auréola de perfeição e são identificados à criminalidade, à violência, à desordem moral.

Estudos históricos mostram que nas sociedades do Antigo Regime, o conjunto de decretos reais ou municipais, no sentido de definir formas de controlar a miséria, implementou estratégias repressivas contra os miseráveis que iam desde a perseguição até o

²³ Ver ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta - as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985; TELLES, Vera da Silva. *A pobreza como condição de vida: família, trabalho e direitos entre as classes trabalhadoras urbanas*, in *São Paulo em perspectiva*, vol. 4, nº 2, abri-jun, 1990. TELLES, Vera da Silva. *Cidadania inexistente: incivilidade e pobreza. Um estudo sobre trabalho e família na Grande São Paulo*. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia: FFLCH/USP, 1992; SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 1995.

surramento público e à escravidão perpétua. A legislação vigente dividia os pobres levando em consideração a *capacidade para o trabalho*. Os desvalidos de todo tipo - velhos, cegos, aleijados, soldados feridos ou mutilados, patrões empobrecidos, etc. - eram considerados *inaptos para o trabalho*, chamados de "pobres verdadeiros" e vistos como merecedores de assistência, ajuda material e espiritual. Os indigentes *fisicamente são que não trabalhavam ou que exerciam ocupações tão precárias que não lhes era possível assegurar a própria subsistência* - como era o caso dos vagabundos, vigaristas, devassos, meretrizes - eram os pobres *aptos para o trabalho* definidos como "maus pobres", proibidos de solicitar assistência e obrigados a trabalhar, a aceitar uma ocupação qualquer²⁴.

A doutrina subjacente aos estatutos sobre o trabalho era simples: os vagabundos devem ser perseguidos, enquanto os pobres e os doentes devem receber ajuda. Observa-se a criminalização do indigente ocioso, responsabilizando-o pela sua condição, mesmo sabendo-se que o acesso ao trabalho era dificultado pela própria organização da estrutura produtiva.

Trabalhar passa a ser uma injunção positiva, necessária não apenas para reduzir a profunda desigualdade presente na sociedade, mas, principalmente, para conferir legitimidade e respeitabilidade ao *pobre*, livrando-o da pecha de preguiçoso, pervertido e, frequentemente, criminoso.

O que significa ser um pobre-apto-para-o-trabalho-sem-trabalho? O que é para os *bagulhadores* referenciar-se, justificar e submeter-se à ética do trabalho, quando se experiencia a violência de precárias alternativas de trabalho, baixos níveis de rendimento e da moradia incerta? Desvelar os sentimentos e pensamentos dos catadores em relação ao trabalho é nosso objetivo nesse momento.

²⁴ Ver GEREMEK, Bronislaw. *Os filhos de Caim - vagabundos e miseráveis na literatura européia, 1400-1700*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. CASTELL, Robert. *Les métamorphoses de la question sociale - une chronique du salariat*. Paris: Fayard, 1995.

3.1.1 Bagulhadores: *trabalhadores sem trabalho*

As fotografias a seguir dão uma abundante sequência de imagens dos *bagulhadores* em atividade. A foto 1 mostra que o trabalho de catação começa no caminho entre a Perimetral e o local de despejo. Alguns catadores nem esperam o caminhão descarregar e se precipitam sobre a caçamba cheia de lixo (fotos 2 e 3). Depois do descarrego, a disputa pelos entulhos é acirrada: é preciso ser ágil para escolher, na profusão de sacos plásticos e caixas de papelão, o "melhor lixo" (fotos 4). E os catadores, sujos, com seus sacos às costas, pés e mãos desprotegidos *bagulham* (fotos 5 e 6). *Catação* terminada, é hora de levar o material recolhido até a porta do barraco para a posterior reciclagem (fotos 7 e 8).

FOTO 1



FOTO 2



FOTO 3



FOTO 4



FOTO 6



FOTO 7



FOTO 8



"Seu" Aluizio: *"- Essas foto são uma coisa horrível... os 'bagulhador' parece um bando de urubu na carniça. Um bando de passa fome, miserável ... Ai, meu Deus, como eu vim parar aqui? "*

Cleide: *"- Não quero que você tire meu retrato assim, catando lixo. Essa é uma situação muito crítica."*

Para "Seu" Aluizio e Cleide, e todos os outros catadores entrevistados, trabalhar e/ou morar no lixo é experienciado como vergonha, uma circunstância que os desprestigia e desqualifica coletivamente, enfim, uma *"situação crítica"*, por isso se recusavam terminantemente a ser fotografados enquanto *bagulhavam* e mostravam-se furiosos quando eu os retratava em ocasiões "não-autorizadas". Assim, as fotografias utilizadas durante a

entrevista, acima apresentadas, embora expressem uma circunstância real, claramente reconhecível, não retratam os informantes.

"Seu" Aluizio, a partir do próprio questionamento, começou por me contar sua história pessoal. Natural do município de Olinda, tem atualmente 39 anos. O pai, motorista de caminhão, abandonou a família quando ele contava com 1 ano de idade. Desde então, passou a viver na casa do avô paterno junto com a mãe e 2 irmãos. Com 8 anos, começou a trabalhar: vendia picolé nas ruas. Inicia-se então, suas estratégias ocupacionais de sobrevivência, buscando tanto o trabalho assalariado quanto o trabalho por conta própria para fazer frente às suas necessidades.

"- Já fiz de tudo na vida: já fui vendedor de picolé, de canção em folheto, andei por dentro de galeria, de esgoto, já limpei fossa ... escambau. O trabalho que passei mais tempo foi quando eu fabricava comprimido de verme. Eu fabricava e vendia no interior: Arcoverde, Buíque, Serinhaém, Sertânia... E ainda fazia a propaganda do remédio na rua. Eu tinha um boneco e fazia papel de ventriloquo: falava pelo nariz. Passei mais de 6 anos fazendo isso: comecei tinha uns 18 e só parei prá ir ser servente numa loja. Era meu primeiro emprego de carteira assinada, eu tinha 25 anos. Passei um ano e meio nessa loja. Depois fiquei desempregado. Prá não ficar parado fui trabalhar de ajudante de pedreiro, fazia biscate, vendia buginganga na rua: cafezinho, cavaquinho, ferro velho, carnê de Montepio, cordel... Agora já faz um ano e sete meses que eu tô trabalhando de servente. Nas hora de folga 'bagulho' aqui no lixo. Pobre, prá levar a vida, tem que se 'mexer' prá todo lado, ou então vai roubar."

Para não roubar, levar a vida honestamente e não passar fome, é preciso trabalhar. As pesquisas etnográficas existentes assinalam que ao trabalho vincula-se a honra e a dignidade dos homens²⁵. Como sublinha Dominique Schnaper:

"La crise de statut créée par le chômage et l'humiliation qui en résulte tiennent en effet à l'identification de l'honneur au travail"

²⁵ Ver CALDEIRA, Teresa. Op. cit.; ZALUAR, Alba. Op. cit.; TELLES, Vera da Silva. Op. cit., 1990 e 1992; SARTI, Cynthia Andersen. Op. cit., 1996.

- l'honneur fonde le système de valeurs des sociétés et des populations pauvres - et à une perception dichotomique qui oppose au monde du travail et des travailleurs celui des 'fainéants' (terme qui revient aussi souvent que celui de 'diminué'), sans honneur et sans dignité - d'où le sentiment du chômeur d'être exclu et méprisé." ²⁶

O trabalho assegura a satisfação das necessidades materiais, a vida familiar, as relações sociais, uma organização do tempo e do espaço, e uma *identidade*. Isso fica claro no diálogo travado entre "seu" Aluizio e Cleide, sua mulher, durante a entrevista com as fotografias:

"Seu" Aluizio: "- Olhando assim prá essas foto ninguém diz que nós bagulhador é trabalhador também. Ninguém diz que a gente é esforçado, que dá duro aqui dentro, de dia e de noite, que não tá aqui porque quer, nem porque é preguiçoso e não quer pegar no pesado, mas porque precisa. O que a gente pode fazer se nesse país parece que não tem mais trabalho. Aí você vê a tristeza de ser pobre: é quando um trabalhador precisa catar lixo prá não passar fome".

Cleide: "- Eu acho que não é tão ruim assim, não (...) Veja bem. Eu sou do sertão, de Buíque. Trabalhava na roça com meus pais. Mas eu prefiro trabalhar aqui no lixo. Na roça a gente passa fome. Em Buíque, pelo menos, o trabalho que existe é plantar. Aqui a gente pode trabalhar de qualquer coisa, faz biscate, se esforça, procura, trabalha no lixo ... é ruim, mas é um trabalho. Se tiver sorte, pode até arranjar um emprego de carteira assinada. No sertão só tem terra seca. [fala olhando prá mim] Se você fosse tirar retrato lá, ia tirar retrato do gado morrendo. Lá a gente não tem nem a quem pedir esmola, porque ninguém tem nada, o povo é mais pobre que aqui".

Lídice: "- Você acha que sua vida melhorou depois que você saiu da roça?"

Cleide: "- Eu acho que melhorou (...) Aqui só não trabalha quem não quer, quem é acomodado, quem quer trabalhar e tem 'peito' prá enfrentar a luta, trabalha até no lixo que nem nós. A gente como pobre que somo, a gente tem uma ocupação, um canto prá ficar, o que comer todo dia, onde botar a cabeça prá dormir, os filhos com saúde. Cada um vive como pode, né? Agora, eu acho que só melhora de vida mesmo quem tem alguma condição, quem é

²⁶ Ver SCHNAPPER, Dominique. *L'épreuve de chômage*. Paris: Galimard, 1981, p. 63.

'arremediado': que tem estudo, um emprego bom, que ganhe 3 ou 4 salário. Uma pessoa dessa pode juntar um dinheirinho, compra uma casa, vai prá frente, entende? Agora, o pobre de Jó, que nem nós, acaba 'caindo' aqui, no lixo. Não sabe fazer nada(...) Vai ser sempre pobre, coitado. Mas é como se diz: 'quem não pode viver, morre'.

Trabalhar no lixo, apesar de humilhante, aparece como caminho para uma vida melhor, aliado ao esforço, à coragem para "*enfrentar a luta*", ao empenho pessoal e à sorte de cada um, diz Cleide que tenta afastar o sentimento de fracasso elaborando um conjunto de racionalizações para justificar sua precária situação social. Assim, diz a entrevistada, o trabalho não é por si só suficiente, para "*melhorar de vida mesmo*", explica Cleide, é preciso ser, pelo menos, "*arremediado*" ter "*as condições*" que garantem essa mudança - formação educacional/ profissional, capacidade de acumulação -, sem as quais termina-se por "*cair*" no lixo. *Cair*, no caso, é o eufemismo encontrado para expressar a angustiante experiência existencial e social vivida pela entrevistada. Mas Cleide é obrigada a reconhecer que a atividade que exerce, longe de ser um transformador de suas condições de vida, é apenas um fator de reprodução das desigualdades e da pobreza, o que implica numa total ausência de futuro social, num destino inexorável: "*pobre vai ser sempre pobre*".

É perceptível na conversa do casal um profundo sentimento de humilhação, reforçada pelas dificuldades financeiras, pela ausência de perspectivas profissionais, pela atividade que exercem, pela degradação do ambiente em que vivem, pela má aparência dos catadores - símbolos de seu estatuto inferior. Essa experiência de angústia, inferioridade e humilhação na vida cotidiana, que Serge Paugam²⁷ denominou de *fragilidade interiorizada*, é o ponto comum no discurso dos catadores.

A vontade de alcançar uma posição mais elevada, a percepção dos obstáculos em obter um emprego estável e bem remunerado, e a insuportável sensação de fracasso, aparecem, também, na fala de "Seu" Moacir, cuja vida pode ser resumida em poucas palavras: é uma sucessão de sub-empregos e frustrações. "Seu" Moacir tem 48 anos e nasceu em Goiana. Começou a trabalhar aos 6 anos como cortador de cana e nas "hora de

²⁷ PAUGAM, Serge. *La disqualification sociale - essai sur la nouvelle pauvreté*. 3a ed. Paris:PUF, 1994, cap. I.

folga", "*capinava, carregava frete na feira e vendia fruta na estrada*". Aos 20 anos casa e vai morar em Recife. Quando chega aqui sua trajetória não se distingue dos demais entrevistados: passa a executar tarefas que não exigem nenhuma qualificação ou experiência: torna-se vendedor de jornais, feirante, faxineiro numa escola, engraxate e vigilante. Queria ser motorista de caminhão, "*prá conhecer o Brasil inteiro*", mas nunca aprendeu nem a dirigir. Quando saiu de Goiana, pretendia "*melhorar de vida*": deixar de ser bóia-fria, arranjar um emprego, no qual ficasse até a aposentadoria, e comprar uma casa,

"- Meu sonho era arranjar um emprego com carteira assinada, ter um trabalho certo prá poder organizar a vida, né? Uma pessoa que tem um salário certinho todo mês, um emprego, não depende de ninguém, ela é absoluta, manda na vida dela. Já é meio caminho andado prá ser respeitado, porque em todo canto ela vai poder provar que tem responsabilidade, que é um trabalhador. Mas eu passei mais tempo desempregado que trabalhando e os emprego que consegui não dava direito a nada. Era só prá não passar fome. Resultado: terminei aqui dentro do lixo, levando fama de 'come lixo', que é isso que todo mundo acha de nós, e nem sei se vou sair daqui. Às vezes eu me pergunto: será que vale a pena o pobre se esforçar, se sacrificar tanto? A gente trabalha e nunca tem nada ... É por isso que tem gente que vira marginal."

Ao estabelecer o trabalho regular e a carteira assinada como prova de responsabilidade, respeito e de pertencimento à sociedade, "seu" Moacir percebe sua vida - de sacrifícios e esforços, dada as condições adversas que encontrou no mercado de trabalho - como sem sentido, sem perspectivas e sem alternativas. Humilhado, ele não consegue dissimular seu ressentimento e chega a questionar o significado de um projeto de vida ancorado nessa ética do trabalho, deixando entrever uma certa condenação da ordem social. Ele parece se perceber a cada passo diante de uma encruzilhada, entre o bem e o mal, o trabalho e a vadiagem, a esperança e a depressão.

Vivendo os obstáculos que o mercado impõe, Antônio, outro catador também questiona a validade de seus "sacrifícios" para garantir as condições cotidianas de sobrevivência:

"- Nesse país não adianta a gente querer trabalhar, porque não tem emprego. Mas como é que a gente pode ter casa, comida, como vai poder vestir e calçar, desempregado? Só tem duas saídas: ou 'pega' qualquer serviço ou deixa tudo e vai prá rua, esmolar, roubar, fazer trambique (...) Se o cara não quer ser um marginal na vida, aí ele vai ter que aceitar trabalho de peão, bóia-fria, biscateiro, fazer 'bico', catar lixo, qualquer coisa. Vai ganhar uma mixaria, trabalhar que nem bicho, um dia aqui outro ali, sem direito a nada. É isso tudo prá quê?"

Antônio tem 18 anos e nasceu em Afogados da Ingazeira, de onde saiu para o Recife ainda bebê com toda a família - os pais e 5 irmãos. Aos 11 anos, perde o pai, meses depois a mãe casa-se novamente: *"Eu brigava muito com meu padrasto, ele me batia, aí resolvi ir viver na rua"*. Passa então a alternar períodos na rua e períodos em casa, permanecendo assim dos 12 até os 14 anos, quando conhece Joana. Atualmente o casal têm uma menina com 9 meses.

Mas, para Antônio, o trabalho é também uma espécie de remédio social preventivo contra os riscos a que estão expostos os homens *de bem*, ou seja, uma forma de constituir uma *identidade positiva*. Isso fica claro na sua reação diante das fotografias. Habitualmente silencioso e reservado, o entrevistado mostra-se surpreendentemente eloquente diante das fotografias:

"- Quem olha prá essa foto pensa que aqui só mora gente perigosa, um bando de marginal que vive passando fome e comendo do lixo. Mas essa não é a verdade. Aqui todo mundo é 'limpo', ninguém aqui é vagabundo, criminoso, ladrão, porque malandro não consegue nada na vida, não progride. Vai parar é na cadeia, vendo o sol nascer quadrado ou amanhece com a boca cheia de formiga, como aparece aqui.' A gente cata lixo, mas todo mundo aqui é gente de bem, trabalhador com documento e tudo. Ninguém pode dizer que a gente é vagabundo. A gente vive em ordem, merece respeito. Agora, o problema é que emprego tá difícil."

Antônio contrapõe a positividade do trabalho à negatividade do mundo da malandragem, e revela o temor - partilhado por todos os entrevistados - às sanções do

Poder ou da Lei que recaem sobre aqueles que recusam o imperativo do trabalho e terminam *vendo o sol nascer quadrado* ou *com a boca cheia de formiga*.

O temor às coerções da Lei, incentiva um certo "legalismo"²⁸ que se revela, por exemplo, na insistência em *ter todos os documentos* e ser reconhecido como *cidadão*. Os documentos são as "*credenciais de reconhecimento*"²⁹ que criam identidades sociais legítimas e fornecem a prova insuspeita de respeitabilidade e honestidade, transfigurando indivíduos tidos como "perigosos" em indivíduos "laboriosos".

Para os catadores, os documentos comprovam que apesar de pobres são *trabalhadores honestos, 'limpos'* - ou seja, quites com a polícia-, *ordeiros e direitos* - critérios baseados numa escolha de valores que visa neutralizar o estigma da pobreza, na medida que os diferencia dos marginais e os credencia a "ter direitos"³⁰.

Esse pendor legalista faz com que os catadores reconheçam os direitos da Propriedade, da Lei e da Justiça e revela um imaginário em que predomina um desejo: o de mudar de situação e ter uma vida mais equilibrada e menos precária. Isso significa ter um trabalho, um *ganha-pão*, como eles dizem; uma moradia estável de onde a família não seja expulsa e possa *viver em paz*. O depoimento de José Carlos resume a opinião do grupo:

"- A gente é trabalhador, estamos aqui defendendo o pão de cada dia, por isso, eu acho que ninguém pode tirar a gente daqui sem mais, nem menos. Quando saiu aquela estória na televisão da mulher que comeu o peito, disseram que a gente era culpado, porque tinha invadido o lixo. Quiseram até proibir o trabalho da gente, queriam derrubar nossos barraco. Prestou não, a gente brigou! Nós tem responsabilidade, tem filho prá criar. Ai, é só chegar e derrubar os barraco da gente? Proibir a gente de bagulhar? O que o governo tem que fazer é melhorar a vida da gente: abrir fábrica, dar emprego ou, então, dar condição prá

²⁸ Característica que lembra muito a ideologia dos personagens dos sambas de Adoniran Barbosa. Ver PAES, José Paulo. *Samba, estereótipos, desforra*, in SCHWARZ, Roberto (org.). Os pobres na literatura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983.

²⁹ A expressão "*credenciais de reconhecimento*" é usada em TELLES, Vera da Silva. *Pobreza e cidadania - dilema do Brasil contemporâneo*, in Caderno CRH nº 19. Salvador: FFCH/UFBA, jul-dez, 1993.

³⁰ Ver CALDEIRA, Teresa. *A política dos outros - o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

gente trabalhar aqui: botar energia; água, que a gente bebe água dessas cacimba, suja, contaminada; proibir que o lixo seja misturado com lixo de hospital, com seringa, com resto de curativo, de parto, isso é um perigo; arrumar escola prá os filhos da gente; botar policia fazendo ronda aqui, porque de vez em quando aparece uns mau-elemento, perturbador; dar um terreno prá gente construir um barraco, como já fizeram com uns catador que vivia aqui. Dar de papel passado, tudo legalizado, prá ninguém mais dizer que a gente é invasor, nem querer derrubar. Se eles não quisessem dar de graça, podia até cobrar um mensalidade, que nós pudesse pagar, é claro. É isso que a gente quer. Mas não, só falam em fechar o lixão. A gente não concorda, não deixa, e vai brigar sempre, aqui é o nosso trabalho. Se fechar a gente não vai ter como sustentar a família, só vai piorar a nossa situação, aí é que a gente vai morrer de fome, mesmo".

José Carlos exprime, com pertinência, diga-se, o anseio de dignidade dos catadores, anseio este que o leva a reivindicar uma moradia, mesmo que seja um barraco, mas que seja *legalizada*; a ressaltar sua crença nas instituições do Estado, por discriminatórias e arbitrárias que sejam, buscando nelas uma forma de proteção; a defender seu trabalho, apesar de injustamente remunerado e desligado dos serviços sociais e assistenciais, mas que constitui-se como único meio disponível de sobrevivência.

Apesar do estado de profunda degradação ecológico-social, o trabalho no *lixão*, da perspectiva de seus moradores, surge como a própria possibilidade de sobrevivência. Nesse sentido, é preciso distinguir trabalho de emprego. Quando as pessoas entrevistadas falam elas fazem referência a qualquer trabalho que satisfaça suas necessidades materiais e dê um sentido a suas vidas, embora reconheçam a improbabilidade de usufruir das vantagens de um "emprego de verdade".

Socorro tem 24 anos e é de Vitória de Santo Antão. Perdeu o pai muito cedo e foi criada pela avó materna: *"minha vida era um inferno: minha mãe vivia com outro homem que não trabalhava, batia nela e ainda queria bater em mim"*. Por volta dos 13 anos vem para Recife trabalhar como empregada doméstica. Arranja um namorado e engravida, mas a criança morre alguns meses depois do nascimento. Logo depois, abandona o namorado, de quem apanhava frequentemente, volta para Vitória e vai trabalhar numa casa de farinha: *"voltei a morar com minha avó, mas o que ganhava era pouco, a gente passava fome,*

fome mesmo. De amanhecer o dia e só ter água prá beber". É quando conhece o atual marido, José Carlos:

"- Ele me trouxe prá cá ... Aqui eu tô no céu: tenho casa e trabalho, é só você olhar em volta que tem lixo prá catar, tenho o que comer todo o dia e, o mais importante, não sou maltratada por ninguém, vivo sossegada. Não é um emprego de verdade, com carteira assinada, com os direito que todo trabalhador tem, mas é bom. Tô me arrumando prá daqui uns 2 meses trazer minha avó prá cá, ela tá doente. Ela cuidou de mim tanto tempo eu agora já posso cuidar dela, mesmo morando aqui."

Nas representações dos entrevistados, o que parece prevalecer é o trabalho como uma forma de atender às condições imprescindíveis de existência, um modo de "ganhar a vida" e não como um valor em si. Assim, o trabalho é exercido sem descanso, indiferente à finalidade concreta (tanto faz ser ambulante, pedreiro ou catador de lixo), e sem objetivo além do salário, como fica evidenciado na entrevista com Geraldo e sua mulher Sônia.

Geraldo tem 32 anos e nasceu em Olinda. Estudou o primário, mas deixou a escola para começar a trabalhar aos 13 anos - logo após a morte do pai - num depósito de bebidas, onde ficou até os 18 anos. Em seguida trabalhou numa fábrica de bolsas, como porteiro de um edifício residencial e marceneiro. Sônia tem 34 anos e nasceu em Itamaracá: *"a gente morava numa fazenda e meu pai trabalhava na agricultura - plantava e criava cavalo, porco, galinha, plantava milho, feijão verde, essas coisa".* Aos 14 anos muda-se para Olinda, com os pais e o único irmão. Quando tinha 20 anos, perde o pai que morre num acidente de trabalho. Com o dinheiro da indenização recebida pela morte do pai, a família compra uma casa: *"a gente deixou de pagar aluguel e as coisa melhorou. A casa era bem arrumadinha, a gente tinha de tudo: televisão, geladeira, fogão".* Cinco anos depois, com a morte da mãe, vende a casa: *"meu irmão queria pegar no dinheiro, aí tive que vender. Eu já era casada nessa época e fui morar de favor na casa dos outro, até que Gustava resolveu mudar prá cá".* Sônia terminou o primário e nunca havia trabalhado antes de chegar ao *lixão*.

Quando as fotografias dos catadores trabalhando foram mostradas, os informantes comentaram longamente sobre a necessidade de sobrevivência familiar e o impacto do desemprego sobre suas vidas:

Sônia: *"- A necessidade ensina muita coisa, né? Porque veja, se eu não morasse aqui e visse essas foto - essa imundície toda - eu ia pensar duas vezes antes de vir prá cá. No começo eu tinha tanto nojo daqui, não comia, tinha vontade de vomitar quando ia bagulhar, tinha medo quando chegava de noite. Eu chorei muito. Mas eu pensava na minha filha, como eu ia criar ela com Geraldo desempregado? (...) Às vezes, eu penso que é muito humilhante a pessoa viver de catar lixo, mas o único trabalho que a gente encontrou foi aqui, então a gente tem que ficar aqui mesmo. Eu já me acostumei. Aqui a gente tem nosso canto, tiramos nosso dinheirinho e não incomodamos ninguém. Ninguém sabe nem que a gente existe, né? As pessoa só conheceu o lixão e os catador por causa daquela estória que inventaram que aqui se come carne humana. Parece que aqui é outro mundo e ninguém leva a gente em consideração."*

Geraldo: *"- Eu acho que só entende a gente é quem passa necessidade. Quem olha prá essas foto não sabe nada da gente, da vida da gente, do sofrimento prá arranjar emprego. Cada dia fica mais difícil ter um trabalho, principalmente prá quem não tem uma profissão certa. Olhe, teve um dia que eu sai prá procurar emprego, andei, andei e nada. Eu já tava com vergonha de viver de favor, vivia nervoso, irritado, brigava por tudo. Cheguei em casa e disse prá Sônia: 'arrume as coisa que a gente amanhã mesmo vai se mudar pro lixão.' E viemos prá cá de mala e cuia."*

O desemprego constitui nas trajetórias ocupacionais dos entrevistados, momentos de grandes dificuldades. Para Geraldo, a situação de desemprego se apresenta como vergonhosa e inaceitável, tendo em vista que ameaça sua dignidade como trabalhador - capaz de garantir a manutenção da casa e de seus dependentes, ou seja, de prover o grupo familiar.

Geraldo: *"- O que eu gosto de fazer mesmo é ser marceneiro, foi o trabalho que eu mais gostei de fazer antes de vir prá cá. Mas eu trabalho de tudo, sou polivalente [risos]. O importante é não tá parado. Eu vim prá cá porque já não aguentava mais me sentir um desempregado. Eu já era casado, com filho, tava morando de favor na casa de 'seu' Moacir, que é tio de Sônia, minha mulher. Eu me*

sentia um inútil, que não cumpria suas obrigação com a família. Eu já não tinha mais cara prá olhar prá 'seu' Moacir."

Apesar do ganho restrito, da consciência da exploração, da ausência de direitos, do cansaço como fator constante, enfim das dificuldades objetivas, o trabalho no lixo, além de ser um meio de "*ganhar a vida*", possui uma dimensão ética na medida que permite o cumprimento de duas funções básicas: manter a família e a autoridade/respeito dentro de casa e diante dos outros³¹.

"Seu" Aluízio: "- Pior do que trabalhar no lixo é ficar desempregado. Eu sei o que é isso. O desemprego é a pior coisa do mundo, você se sente um zero à esquerda, um nada. Parece que tem um peso na cabeça da gente e a vontade é sair por aí, andando pelo mundo e não voltar mais prá casa. Voltar prá quê? De mão vazia, sem nada?"

O sentido do trabalho para o homem está na possibilidade de, através dele, cumprir seu papel de provedor: sustentar a casa e manter a família. No item 3.2 examino a importância da família nas formas de vida das classes trabalhadoras e o impacto da precariedade do trabalho sobre a sociabilidade familiar.

A alternância de trabalhos, os biscates, a passagem periódica pelo desemprego, a evidência da precariedade de condições de vida, atualiza o sentimento de humilhação e fracasso social, alimentando a experiência da "*precariedade interiorizada*", como diz Paugam³². A entrevista com "seu" Elias é significativa.

Nascido em 1950, em Goiana, o entrevistado não conheceu o pai e foi criado pelos avôs maternos. Os avôs possuíam um sítio em Goiana, onde começa a trabalhar, então com 6 anos de idade. Mas, sentindo-se explorado, sai de casa aos 13 anos:

"(...) quem administrava o sítio era meu tio e eu era quase escravo: trabalhava, mas não ganhava dinheiro, só tinha direito a uma muda de roupa, e isso de ano em ano. Eu queria deixar àquela

³¹ Ver ZALUAR, Alba. *Op. cit.*; TELLES, Vera. *Op. cit.*, 1990 e 1992 e SARTI, Cinthia. *Op. cit.*

³² PAUGAM, Serge. *Op. cit.*, 1994.

vida, aí me deu na cabeça de sair de casa, vim prá Recife, respirar outros ar, mas Recife também não é essas coisa toda... Aí, eu vivo assim: de Goiana prá Recife e de Recife prá Goiana".

Sem qualificação profissional, "seu" Elias tem exercido em suas idas e vindas, uma infinidade de atividades: *"Eu nasci na roça e sempre tive muita disposição, pego qualquer coisa"*. Apesar de suas motivações e disposição para trabalhar, o entrevistado consegue apenas as ocupações mais inseguras, com menos compensações trabalhistas e menores salários: já foi pintor, estivador no cais do Porto, operador de cinema, ajudante de pedreiro, vigilante, etc.

"- Eu não páro num canto, não. Eu não aguento trabalhar muito tempo no mesmo lugar, porque sou meio esquentado, não sou de aguentar tudo, de engolir desaforo. Uma vez eu tava trabalhando numa empreiteira que pegou um trabalho lá pro lado do Pará. Eu fui. No primeiro e no segundo mês, tudo bem, a gente recebeu direitinho, tinha tudo no acampamento. No terceiro mês, nem eles pagaram o salário e nem mandaram dinheiro prá fazer as compra do acampamento. E a gente trabalhando. Foram dois meses assim: eu passava fome lá na obra e minha família passava fome em Goiana. A gente comia era as pessoas que moravam perto do acampamento que tinha pena da gente e dava comida prá nós. Eu olhava assim, isso era um desrespeito com a gente. Aguardei dois meses. Depois peguei um pau-de-arara, junto com alguns colega da obra, e tocamos prá Recife, porque a firma era daqui. A gente nem esperou eles demitirem, a gente foi que pediu demissão e ainda brigou até receber tudo que tinha direito."

Em seu relato, a passagem por diferentes empregos é contada como evidência da qualidade moral de alguém que, em defesa de sua dignidade de trabalhador responsável, não se submeteu às perversas condições encontradas no mercado de trabalho e resistiu aos desmandos da hierarquia, ao medo da demissão, buscando alternativas melhores para garantir condições dignas de vida para sua família.

Mas a experiência de *"(...) uma situação que rompe com todas as reciprocidades esperadas por conta de um trabalho ao qual se recusa qualquer nível de reconhecimento; por conta de salários que estão aquém das necessidades de sobrevivência, que não são*

das necessidades de sobrevivência, que não são equivalentes ao esforço empreendido"³³, transfigura a identificação positiva com o trabalho em sentimentos de injustiça, indignação, humilhação e impotência:

"Seu" Elias: *"- É duro um trabalhador se vê assim dentro do lixo, trabalhando nesse sol quente, engolindo fumaça, nessa catinga, vivendo que nem bicho. Mas é o que tem prá gente. É aquela estória: se correr o bicho pega, se ficar o bicho come, se o pobre não trabalha vai viver como? Ai tem que se sujeitar a qualquer coisa. Trabalha prá não morrer de fome. Como é que esse país quer ir prá frente se não dá valor ao trabalhador?"*

"Seu" Elias tinha a foto dos catadores trabalhando nas mãos. Olhava-a de vez em quando, como se buscasse naquela imagem uma conexão com outras imagens de sua vida:

"- Quando eu olho prá essas fotos sabe o que eu lembro? De toda minha vida, de tudo que eu já trabalhei, de todos meus esforços... Tanto esforço, meu Deus e agora me vejo aqui nessa condição [aponta a foto]"

Sua voz era contraída, áspera e ressentida:

"- Vendo esse povo feio, sujo, esmulambado, parecendo uns catirina, catando lixo... As pessoa tem é medo da gente, desse lugar, pensa até que a gente é ladrão, tudo que não presta. Um dia chegou uma mulher aqui, eu nem sei de onde ela é, perguntou se a gente comia carne de gente como saiu no jornal, se a gente fazia feira, se comprava comida, onde a gente trabalhava... Eu olhei prá ela assim... Me deu uma raiva. Eu tive vontade de gritar na cara dela: 'Dona, as aparência engana. A senhora vem aqui, nem conhece a gente e acha que aqui é tudo animal. A gente trabalha aqui, não tá vendo, não? A gente é trabalhador como outro qualquer. E a gente comprar comida sim, com o dinheiro do suor da gente'. É por isso que ninguém gosta

³³ TELLES, Vera. *Op. cit.*, 1990.

de tirar retrato bagulhando. É prá ninguém pensar mal de nós, porque ninguém tem escrito na testa que é honesto, que tá aqui se lascando de trabalhar, ninguém reconhece os esforço da gente. Catar lixo não é o melhor trabalho do mundo, mas é um trabalho, e é o que a gente tem por enquanto. E a gente vai levando com paciência".

A violência verbal de "seu" Elias, manifestada na vontade de gritar que "*aparência engana*" e na afirmação de sua condição de trabalhador, revelam a desesperança e o sentimento de fracasso experimentados por todos os entrevistados. Mas demonstram, também, a luta que travam cotidianamente para resgatar a identidade e a dignidade perdidas.

Embora o trabalho no lixo aparece como uma forma de "melhorar de vida", a precariedade econômica, a instabilidade profissional, a humilhação, sentimentos de angústia face ao futuro, a percepção de suas fragilidades, o medo de "cair" ainda mais baixo e não ter como manter a própria existência biológica, os vínculos familiares, nem uma identidade profissional ou familiar, revelam-se aspectos marcantes na experiência vivida pelos catadores no mundo do trabalho. Para lidar com a dolorosa percepção de sua frágil condição, os catadores, de maneira geral, elaboram justificativas para suas condições pouco propícias a uma mobilidade social ascendente.

3.1.2 As estratégias para "conjurar o fracasso"(*)

"Seu" Elias: "- Tem certas coisa que eu acho muito errado, sabe? Por exemplo: o pobre trabalha, trabalha, trabalha... quase de graça, só prá enriquecer os outro - o patrão, que tá sempre 'por cima'. A gente, que dá o sangue, nunca tem nada, vive ali sofrendo, ganha uma mixaria, passa necessidade e por qualquer coisinha vai prá fora. Ah, isso não dá prá mim, não ... Eu não sou um cara preguiçoso, entendeu? Só num aguento luxo de ninguém, num quero ser escravo por causa de mixaria. É melhor viver aqui no lixo. Aqui a gente é livre, faz o que quer, não tem chefe. Quem tem chefe é indio. "

"Seu" Aluízio: "- Nem fale, eu trabalho em firma e sei o que soffro... Trabalhar no lixo tem um lado ruim: é muita sujeira, poluição, tem perigo de doença, de acidente, a gente não tem instituto. Mas, apesar de tudo, tem uma vantagem: a gente não trabalha prá ninguém, a gente não tem patrão, não escuta grito de ninguém, trabalhamos o dia que queremos, do jeito que a gente quer, o salário depende do tanto que se bagulha e não tem ninguém prá demitir nós. Aqui é como se fosse uma firma, só que a gente é que manda"

José Carlos: "- É por isso que sou meio cismado com essa estória de cooperativa. Se eles fizerem mesmo uma cooperativa, a gente só vai poder vender a quem eles quiserem, a gente não vai ter mais liberdade. Eu não acho isso bom, não. Eu não preciso que ninguém diga onde eu tenho que vender meu lixo, eu sei onde achar os deposeiro [donos de depósito que compram o lixo]."

Força de trabalho barata e facilmente substituível, parte integrante de um enorme "flanco aberto na economia", como diz Francisco Oliveira¹, "que à falta de critérios mais precisos, é comumente chamado de setor informal, na linguagem asséptica da Organização Internacional do Trabalho", os catadores, no diálogo transcrito acima, revelam a insatisfação e os constrangimentos impostos pelo mercado a todos aqueles que não possuem qualificação profissional e são cotidianamente ameaçados pela instabilidade ocupacional e o desemprego periódico.

(*) A expressão é utilizada in PAUGAM, Serge. Op. cit., 1994.

¹ OLIVEIRA, Francisco de. O flanco aberto, in São Paulo em Perspectiva, vol. 2, nº 3. São Paulo: Fundação SEADE, jul-set, 1988, p. 11.

Mas, o trabalho no lixo, na opinião dos entrevistados, "apesar de tudo" - da sujeira, do perigo de adoecer e da falta de garantias sociais -, apresenta algumas vantagens (reais ou supostas): os ganhos, embora aquém das necessidades de sobrevivência, equivalem ao esforço empreendido, pois "*o salário depende do tanto que se bagulha*"; não há o medo de punição nem se corre o risco de ser demitido, já que não há chefe nem patrão, cada um tem autonomia e liberdade para trabalhar "*no dia que quer e como quer*".

Costa², em pesquisa realizada com catadores e comerciantes de lixo numa favela da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, verificou que a *liberdade de ação*, quanto ao horário de trabalho e à definição das tarefas a serem executadas, estava presente nas representações de todos os catadores. Carvalho³ mostra, em seu trabalho com camelôs da cidade do Recife, que o desejo de trabalhar por conta própria, liberdade e ganhos superiores aos auferidos através do salário fixo aparecem como atribuição valorizadas nesta atividade. Como bem expressa Macedo⁴, o anseio de autonomia, como trabalhador, constitui "*uma espécie de pedra de toque no imaginário das classes populares*" e permite ao trabalhador ver-se como livre proprietário de sua força de trabalho.

Ao assumir tal atitude, os catadores negam a relação de exploração de trabalho e se recusam a reconhecer a ausência de perspectivas profissionais - que torna a existência insuportável -, reforçando, assim, o "imaginário de ascensão via trabalho".

É nesse sentido que se pode compreender a avaliação positiva dos entrevistados em relação à atividade que desempenham, embora eles não renunciem à busca de um emprego estável e, se possível, bem remunerado. Para os entrevistados, principalmente os homens, o trabalho no lixo constitui-se numa alternativa aos constrangimentos do mercado de trabalho no qual se articulam a rigidez e arbitrariedades das normas disciplinares, o despotismo dos

² COSTA, Idalina F. S. *De lixo também se vive: origem e reprodução de comerciantes e catadores do lixo*. Recife: FUNDAJ/Ed. MASSANGANA, 1986.

³ CARVALHO, Valéria Landim. *O Serviço Social e o setor informal*. Serviço Social e Sociedade, ano X, nº 32, maio/ago, 1990.

⁴ MACEDO, Carmen Cinira. *A reprodução da desigualdade: o projeto de vida familiar de um grupo operário*. São Paulo: Vértice, 1985.

chefes, a ameaça constante de punição ou demissão, a experiência humilhante do desemprego, a desvalorização social.

Assim, à medida que os catadores são confrontados com a raridade das ofertas de emprego e com suas dificuldades de inserção profissional, elaboram uma série de racionalizações para justificar sua situação social, o modo como vivem, a realidade da remuneração injusta, o trabalho não reconhecido. Isso aparece, também, quando os pesquisados se referem à própria desqualificação profissional/educacional, que aparece quase sempre em termos depreciativos.

"Seu" Aluizio: *"- Hoje em dia quem não tem estudo, não tem nada. Tem que, pelo menos, saber ler, escrever, fazer as quatro operação... foi por isso que consegui esse emprego de servente. Se eu não fosse tão tapado, tivesse estudado mais, podia trabalhar até em escritório, ia ganhar mais, ter uma vida melhor. Não tava aqui no lixo. Hoje as firma só aceita quem é moço, tem diploma e tem experiência no trabalho. O resto é resto, vai catar lixo."*

Antônio: *"- Quem não tem estudo não consegue arranjar um emprego bom, só arranja emprego de 'peão', morre peão. Mas até prá ser 'peão' tá difícil. Veja só: abriu inscrição na Prefeitura prá gari, eu fui lá, mas só pode se inscrever quem tem 1º grau. Prá ser gari, já pensou? O cara se lasca de estudar, termina o primeiro grau e vai ser gari, prá fazer quase a mesma coisa que eu, ignorante de pai e mãe, faço só com o primário. Isso é desvalorizar a pessoa, o tempo que ela perdeu estudando. Eu acho que a pessoa estuda não é prá ser gari, é prá melhorar de vida. Ela sabe mais das coisa, aí pode ser uma coisa melhor, um chefe de seção, pode assumir outras obrigação. Ai, ele pode ganhar mais e, é claro, melhorar de vida."*

A educação formal é vista como critério para a ascensão profissional e, também, um legitimador das diferenças salariais, da hierarquia profissional e da própria hierarquia social. Quem a possui, levando em conta o empenho e o esforço pessoal, merece ganhar mais e "melhorar sua condição", usufruir de uma vida melhor; quem não a tem, os "ignorante de pai e mãe", o "resto", "não pode exigir muita coisa" e morre "peão".

Mas há quem questione o critério estabelecido e dispense a necessidade de estudar e o saber profissional, buscando na rede de solidariedades que cada qual é capaz de mobilizar, e

que se organiza em torno de lealdades e fidelidades pessoais, a maneira mais rápida e eficiente de ascender:

"Seu" Elias: *"- A maioria das pessoa daqui só sabe assinar o nome, como eu. 'Analfa' [analfabeto] não pode exigir muita coisa, né? A não ser que tenha uma 'peixada', uma pessoa conhecida prá 'quebrar o galho'.. Ai não precisa mais de nada, nem de estudo, nem de diploma... É só ter um 'padrinho'."*

Por outro lado, o reconhecimento da necessidade da qualificação para o trabalho e de estudo, revelam a distância que há entre o imaginário de "ascensão via trabalho" e a realidade vivida, de sacrifícios, instabilidade, subemprego e ganhos mínimos. Geraldo diz:

"- Eu sei que quem não tem leitura, quem é ignorante, não pode escolher trabalho, pega o que tá ali, disponível, meu pai já dizia isso. Meu pai queria que os filho dele estudasse, que fosse alguma coisa na vida. Mas uma coisa é querer e outra é poder. Como é que o pobre pode estudar? Ou estuda ou trabalha, ou estuda ou passa fome. Uma pessoa que trabalha o dia todo no pesado, já com a barriga roncando, de noite não tem coragem de ir prá escola, porque tá todo moido de cansaço. Por isso que é muito difícil o pobre subir de vida, ter um futuro."

Menos qualificados, inseridos precariamente no mercado de produção, submetidos às flutuações da demanda, bloqueados em seu processo de mobilidade social, os informantes percebem com clareza que têm a precariedade como destino, percepção sintetizada na fala de Geraldo: *"é muito difícil o pobre subir de vida, ter um futuro"*.

Se a falta de qualificação, os salários baixos, a desvalorização no mercado de trabalho, são motivos de preocupação para todos os catadores, isso é mais claro no caso das mulheres, porque além de todos os problemas concretos têm de encontrar alguém para tomar conta dos filhos. O caso extremo é o da mulher sem marido, chefe-de-família, que ainda têm de arcar com a responsabilidade de sustentar sozinha a casa e os filhos, como é o caso de Lúcia e Fátima:

Lúcia: *"- Eu nunca trabalhei antes. O único serviço que eu posso arrumar é em casa de família, né? Mas eu tenho uma menina de 2*

anos e tô grávida de 3 meses. Quem vai me dar emprego? (...) Trabalho de doméstica é muito duro, a gente é muito explorada nessas casa de 'barão', faz de um tudo - lava, passa, arruma, cozinha, cuida de menino e a patroa só quer dá folga uma vez por mês. É trabalhar demais prá receber tão pouco. Acho melhor ficar no lixo. A gente também trabalha muito, mas eu tenho tempo de ficar com minha filha."

Fátima: *"- Eu queria trabalhar assim... numa loja, numa padaria, no balcão de uma farmácia, um serviço que eu não pegasse peso. Mas eu não tenho estudo, nem conheço ninguém prá arranjar um emprego prá mim, aí não tenho chance mesmo. Se eu quisesse podia trabalhar em casa de família, mas, sabe como é, patroa não gosta de empregada com filho. Depois, eu ia ter de deixar minha filha com os outro. Eu ia morrer de preocupação, porque não confio em ninguém. Aqui, não, eu bagulho à noite quando a menina dorme e durante o dia tô perto dela, olhando, tomando conta. E mais: aqui eu recebo todo dia, não preciso esperar o fim do mês, tenho sempre dinheiro na mão."*

Lúcia tem 23 anos e uma filha de dois. Mora no lixão há 6 meses, mas tornou-se *bagulhadora* há apenas 3 meses, depois da separação do marido. Fátima tem 22 anos e está se separando do marido. "Largada" do marido e desalojada chega ao *lixão*, com uma filha com pouco mais de um ano, à procura da sogra, cujo minúsculo barraco abriga 2 adultos e 6 crianças. Diante disso, Fátima resolve estabelecer um lar independente e junta-se a Lúcia, que mal conhece. Ambas desempenham, alternadamente, o papel masculino de provedor e o de mãe, ou seja, enquanto uma trabalha a outra toma conta das crianças.

Se é possível identificar na trajetória dos catadores no mercado de trabalho traços de uma experiência que os desqualifica como trabalhadores, que põe em dúvida seu papel de provedor e questiona sua dignidade, no caso das mulheres essa experiência não é tão dramática. Para a mulher, a valorização da liberdade de horário e da independência encontrada no *lixão*, não se explica por sentimentos de injustiça e indignação advindos da experiência vivida no mercado, como é evidente entre os homens. Para elas, o valor do trabalho no lixo é definido por sua experiência privada, já que possibilita o cumprimento de seu papel de dona-de-casa/mãe, permitindo-lhe compatibilizar o trabalho remunerado e o trabalho doméstico.

Os informantes parecem ter perdido a esperança de ter um emprego "de verdade" - ou seja, que permita o acesso aos direitos jurídicos da atividade profissional. Resta-lhes tentar compensar sua fragilidade e seus sentimentos de humilhação e inferioridade, enfatizando a disposição para o trabalho, a saúde e a coragem em trabalhar num ambiente insalubre.

Os homens enfatizam, sobretudo, a experiência que têm de sua força física. "Seu" Moacir, ao descrever as qualidades pessoais necessárias para *bagulhar* ressaltava a disposição, a dureza e o vigor físico e, também, psicológico: é preciso acordar muito cedo, ou trabalhar durante a madrugada, para pegar o lixo "melhor", aproveitando a redução do fluxo de catadores no local; em seguida tem-se que carregar o material catado até a porta do barraco, assegurando-se que não será furtado; depois é preciso "limpar" e ensacar o que foi catado. Mas, principalmente, há de se ter uma relativa habilidade para a negociação - verificar o peso, discutir o preço e o pagamento -, o que requer firmeza, segurança e agressividade.

"Seu" Moacir, encara as manifestações do desgaste físico - *cansaço* -, prenúncios da perda de saúde pelos trabalhadores, como preguiça, *moleza* ou sinal de pouca virilidade:

"- Tem gente que vem bagulhar aqui e não aguenta o rojão, pega logo uma fraqueza. Eu carrego saco pesado de lixo prá cima e prá baixo, empurro carroça na rua, brigo com os outro pelo 'filé', boto a mão em qualquer lixo, seja o que for, não tenho nojo, faço de conta que não tô vendo, que nem sinto. Trabalhar aqui não é prá todo mundo, não pode ter frescura, não pode ser amaricado, nem mole demais, tem que aguentar firme. Por isso que eu acho que isso aqui não é lugar prá mulher. No começo é difícil, mas depois todo mundo acostuma."

O corpo é reduzido à força física produtiva, tornado dócil: *"a gente faz de conta que não tá vendo, que nem sente"* e vai *"aguentando"*. Percebe-se uma ruptura entre o trabalhador e sua afetividade em relação ao trabalho. É preciso fingir que não se sente o cansaço pela longa jornada de trabalho; nem o sentimento de repulsa pelo lixo, porque isso

é coisa de "maricas". Como diz Codo *et alii*⁵: *"ao subsumir o trabalho ao capital, o capitalismo subsume o afeto ao trabalho, pela eliminação do primeiro"*.

As doenças consideradas "verdadeiras" são aquelas que resultam de acidentes de trabalho:

- José Carlos: *"O que a gente tem aqui eu nem acho que é doença: é dor de cabeça, dor nas costas, por causa que aqui a gente pega muito peso, tosse, as vez aparece uma gripe braba ... mas isso todo mundo tem. As doença de verdade que a gente tem é uns cortes em caco de vidro, furada mas não é nada grave..."*

O cansaço e a fadiga, embora referidos por todos os catadores, homens e mulheres, indistintamente, é afirmado com muito mais ênfase na fala feminina. Tendo como pano de fundo a conjunção de inúmeros fatores negativos (a falta de credenciais para enfrentar o mercado de trabalho, inserção em empregos precários e mal-remunerados, a obrigação no que se refere ao sustento dos filhos pequenos) -, o trabalho aparece nos relatos da mulher mais como sinônimo de fadiga e de sofrimento, que como espaço de autonomia e afirmação, como se percebe nos depoimentos dos homens.

Lindalva já no início de seu relato revela o lugar do trabalho em sua experiência: lugar de sofrimento que permeia suas lembranças de infância.

"- Meus pais trabalhavam na enxada, no roçado. A terra era do dono da fazenda e a gente plantava prá comer. Desde os 6 anos de idade eu já 'batalhava', prá ganhar a vida: saía de casa de madrugada todo dia prá plantar feijão, mandioca, milho (...) Nem ler e escrever eu sei, porque não tive tempo de aprender. Minha vida de menina foi muito ruim, muito sacrificada. E ainda é até hoje".

Lindalva encara o trabalho como uma "batalha" diária, obrigação que lhe foi imposta desde cedo e que lhe suprimiu a infância. Absorvida prematuramente como mão-de-obra, a

⁵ CODO, Wanderley *et alii*. *Indivíduo, trabalho e sofrimento - uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1993.

informante teve uma vida regida pela obrigação cotidiana, pelos horários rígidos, sem folga, nem descanso, uma vida *"muito ruim e sacrificada"*, como ela diz.

Lindalva tem 47 anos e é de Campina Grande, no estado da Paraíba. Chega em Recife com 23 anos, já casada e com 2 filhos. Separada do marido, vai lavar roupa para sobreviver. Casa novamente, aos 35 anos e tem mais 2 filhos, atualmente na adolescência. Empurrada pelas pressões materiais, passa a exercer também a atividade de faxineira, até que adoece, sendo obrigada a exercer uma atividade mais *"leve"*. Sua vida é um esforço permanente para driblar, a insegurança, a instabilidade e a miséria.

"- Eu não tive sorte de arranjar um homem que tomasse conta de mim. Resultado: com 35 anos eu tava sozinha, sem mãe nem pai e com 4 filho nas costas prá criar. Lavava roupa prá viver. Eu tinha 4 lavagem por semana e depois ainda comecei a fazer faxina. Nessa época os menino era tudo pequeno. Eu vivia esgotada de trabalhar. Acabei que adoeci, aí procurei um serviço mais leve: botei um banco na feira: vendia tempero, mas eu apurava besteira, não dava nem prá comer, e ainda tinha que deixar os menino em casa sozinho, eu ficava preocupada. Aí resolvi vender umas coisa em casa: fruta, verdura, tempero. Fiquei assim uns tempo, até os menino mais velho, começar a judar."

E a informante avalia seu futuro:

"- Agora já faz 5 anos que tô como catadora e morando aqui. Eu ainda tenho menino pequeno, tenho precisão de trabalhar. E muito, Trabalho seja em que danado for: lavar roupa, carregar pedra, o que vier... Eu não me acostumo a ficar parada, não. Acho que vou trabalhar até morrer".

"Trabalhar até morrer", essa disposição para o trabalho revelada no discurso de Lindalva, impõe a necessidade de utilização máxima do corpo durante a maior parte do tempo. A necessidade de lutar pela sobrevivência e a percepção de que a única coisa que têm de valor é sua força de trabalho, faz dos informantes *pau prá toda obra*⁶.

⁶ Ver SARTI, Cynthia. Op. cit. p. 68.

D. Maria é viúva mora no *lixão* com um neto de 7 anos. Minha vida "dá uma novela", me diz sorrindo. Nascida em Olinda, casou aos 16 anos e teve 7 filhos, atualmente todos casados. Abandonada pelo marido após 4 anos de casamento, vai morar na casa do pai e começa a trabalhar numa fábrica de perfumes para sustentar os 3 filhos pequenos. Quando a fábrica fecha, passa a exercer atividades domésticas: lavadeira, faxineira, empregada doméstica. Casa novamente e tem mais 4 filhos: *"Foi só prá aumentar meu sofrimento e meu trabalho, porque esse homem não queria trabalhar e eu tinha que sustentar a casa"*. Um dia descobre que o marido tinha vendido o barraco em que moravam e a pouca mobília que possuíam. O casamento que já durava 10 anos acaba. Obrigada a pagar aluguel, duplica a jornada de trabalho. Ainda casa mais duas vezes, no entanto, são tentativas frustradas: *"Eu queria encontrar uma pessoa que me ajudasse a criar meus filhos, que dividisse as despesas comigo. Mas só encontrei aproveitador, preguiçoso"*, diz. Antes de morar no *lixão*, vivia com um filho, mas brigou com a nora e decidiu sair de casa.

"- Eu vivo aqui à pulso. É porque não tenho condição de ir prá outro lugar, nem arranjo outro serviço. Eu já tô com 60 anos, nessa idade é difícil. Mas eu vivo cansada, tem dia que peço a Deus prá morrer. Mas não é prá menos, eu comecei a trabalhar com 19 anos e não parei mais. Vinte anos nessa vida, nessa obrigação de ter que trabalhar prá comer, prá comprar um pedaço de carne, um quilo de feijão, tudo. Sou eu prá comprar tudo. E vai ser assim sempre, quem vai me dar? Meus filhos também são pobre [dois de seus filhos também são bagulhadores ali no lixão], tem a vida deles. Sabe o medo que eu tenho? De fraquejar, de adoecer e ficar dependente dos outro. É por isso que eu não gosto de parar prá pensar. Trabalho sem pensar no amanhã, é melhor, a gente sofre menos. Eu só feito bicicleta, se eu parar eu caio".

A impossibilidade de reduzir a duração e intensidade da atividade física, torna difícil a percepção de sensações doentias⁷. Para ilustrar a maneira como são encaradas tais sensações pelos catadores apresento o relato abaixo.

Carmem é de Paudalho, tem 50 anos e é chefe de família sem marido. Não conheceu os pais e foi criada por uma tia. Aos 9 anos de idade vai trabalhar "em casa de família"; aos

⁷ Sobre as atitudes e representações das classes populares em relação ao corpo, ver BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. 3a ed. Rio de Janeiro:Edições Graal, 1989.

18 anos casa e tem uma filha, mas continua trabalhando. Abandonada pelo marido e sem condições de se manter, entrega a criança a um casal para adoção. Nunca mais teve notícias da filha. Analfabeta, trabalhou exercendo atividades domésticas: faxineira, lavadeira e sempre *"avulsa, sem carteira assinada"*. Durante muito tempo acumulou dois empregos: *"de dia, eu era faxineira e de noite eu tomava conta de um velho doente"*. Casa novamente com um homem que já tem uma filha. Depois de alguns anos de convívio, nova separação, mas a menina, atualmente com 18 anos, casada e com uma filha, ficou em sua companhia.

Apesar do excesso de trabalho e da fadiga provocada pelo exercício contínuo de atividades que requerem sobretudo a força física, Carmem declara que tem

"(...) uma saúde de ferro. Eu nunca sinto nada, eu acho que aprendi a controlar minhas dor, porque nunca tive nem tempo prá pensar nelas, nem com quem me lamentar. Eu passei a maior parte da minha vida sozinha, sou o homem da casa, tudo depende de mim, por isso tenho que ser forte".

Desempenhando o papel de *"homem da casa"*, e sem contar com os benefícios garantidos pelo trabalho do cônjuge, Carmem utiliza o corpo o mais intensamente possível, o que torna proibitivo ou, pelo menos, muito difícil, o abandono das tarefas cotidianas.

Certo dia, ao chegar no lixão, encontrei-a com uma bolha enorme no dorso da mão esquerda: *"Queimei a mão com água fervendo, quando fazia café hoje cedo"*, ela disse. A falta de atenção ao ferimento era evidente: nenhum medicamento estava sendo utilizado e a mão ferida permanecia sem nenhum tipo de proteção, apesar da não-interrupção do trabalho de 'catação'. Quando perguntei como ela estava tratando do ferimento, se já havia procurado o posto de saúde, respondeu-me:

"- Ah, eu não posso me preocupar com essas besteira. Eu lá tenho tempo de ir prá posto, marcar consulta, falar com médico... Eu só vou prá médico quando tô já morrendo. Depois se eu colocar remédio na mão eu não posso trabalhar, aí eu vou ganhar o dia como? Eu preciso dela prá bagulhar. A não ser que eu bote uma biônica [risos]. Se piorar eu vou... Mas amanhã já tô boa, pronta prá outra. Eu nem tô sentindo doer, acho que tenho a 'casca grossa' e não sinto mais dor".

Submetida às coerções econômicas, Carmem desenvolveu uma extrema resistência à dor e à doença; esperando o último minuto para ir ao médico, pois acredita que tem "a casca grossa". A resistência física não é, como se vê, privilégio dos homens.

Sem qualquer experiência específica de trabalho, com uma vida profissional segmentada, em decorrência da enorme rotatividade de funções e empregos, os entrevistados percebem com clareza que exercem funções que outros segmentos sociais não se dispõem a realizar. Eles sabem, como demonstram os relatos, que o mercado de trabalho seleciona os "mais aptos", ou seja, aqueles que se enquadram nas exigências do processo produtivo, e que eles ocupam uma posição de "excedentes", sem utilidade social e reconhecimento público⁸. Eles são, para retomar a expressão de Castell⁹, como os vagabundos da sociedade industrial, "normais inúteis".

Nesse contexto, a exigência de força e resistência física, de disposição para o trabalho e coragem pessoal, não é simplesmente uma afirmação de virilidade e "macheza", mas é porque é através do trabalho que se viabiliza a vida familiar, o cumprimento do papel de provedor familiar e de "chefe de família" responsável e honesto. Referências que neutralizam o estigma da pobreza e marcam a distância e diferenças com o bandido e o marginal, ou seja, essenciais na construção de suas identidades e de seus lugares na sociedade.

Numa sociedade na qual a insegurança, a violência e a incivilidade são a regra da vida social, a família se constitui num canal de iniciação e aprendizado dos afetos e das relações sociais; espaço no qual se partilham bens e serviços, viabilizados através do esforço coletivo de seus membros. Mas, sobretudo, a família é um elemento decisivo no interior de um sistema de trocas que mantém ou cria o laço social e o sentido de dignidade que compensa moralmente os limites, as restrições e ambiguidades vividas no mundo do trabalho, anteriormente referidas.

⁸ Ver CASTELL, Robert. *Op. cit.*

⁹ *Idem, Ibidem.*

3.2 A sociabilidade no lixão

3.2.1 As relações familiares

Era uma tarde quente. Chego ao *lixão* por volta das 14:30 horas e carrego comigo algumas fotografias tiradas quando estive lá dias antes. Encontro os *bagulhadores* em seu período de descanso. Algumas mulheres conversam animadamente, as crianças brincam junto às mães, os homens aproveitam o momento de folga para dormir um pouco. Cumprimento todos e sou logo abordada:

D. Marta: *"- Lidice, eu queria que você tirasse uma foto de meus dois tesouro. Sabe quem são meus tesouro? Meus dois filhos. Eu queria que Moacir tivesse aqui, prá tirar a foto da família toda unida (...) Quando eu vejo que meus filho estão feliz, com saúde, forte, que não deu nenhum prá maloqueiro, nem prá marginal, eu tenho cá comigo que eu cumpri meu papel aqui nesse mundo, que eu fiz a minha parte".*

Se o mundo do trabalho não se configura numa referência valorizada positivamente para os *bagulhadores*, é em torno da vida familiar que fatos e acontecimentos adquirem sentido e um projeto de vida plausível é elaborado. É na representação da "família unida e feliz" que homens e mulheres se reconhecem como capazes de fazer frente às adversidades e garantir uma dignidade e respeitabilidade que os diferencia da marginalidade. É o que indica o depoimento de D. Marta, moradora do *lixão*.

Quanto às relações familiares, é, sem dúvida, a relação entre pais e filhos que estabelece o vínculo mais forte. Entre os catadores, os filhos se constituem na única riqueza possível e surgem para dar sentido ao casamento e à própria vida:

Sônia: *"- Quando eu casei só vivia dentro de casa, feito uma prisioneira, não saía prá canto nenhum, não trabalhava fora ... ficava o tempo todo deitada, pensando nos meus pais, que já morreram ... Depois de uns 4 meses que tava casada, eu fiquei grávida. Quando soube, fiquei doidinha ... Aí parece que o castelo que eu queria construir começou. Minha filha preencheu um vazio muito grande dentro de mim. Acho que ela é que faz minha*

sobrevivência. Às vezes digo prá meu marido: 'se eu vivesse só com tu, acho que eu já tinha dado um fim na minha vida...' Não tem sentido viver só com o marido."

D. Plácida: *"- Esse menino que eu tenho não é meu filho de verdade. Ele é meu neto. Filho de minha filha caçula. Ela engravidou, mas o pai da criança - um cabra safado - não assumiu a responsabilidade ... Aí quando a criança nasceu eu tomei conta. Hoje esse menino é a alegria dessa casa. Criança é coisa de Deus."*

Os filhos revelam um imaginário repleto de esperança, a crença na possibilidade de uma vida mais feliz e a honra das famílias repousa, em parte, sobre a atenção que elas dedicam às crianças. O investimento educativo surge como fator determinante para a ascensão social, como elemento capaz de proporcionar um futuro melhor e, sobretudo, como uma prova da capacidade educativa e da responsabilidade dos pais¹⁰. Assim, "educar e orientar os filhos" é um ponto básico no discurso dos entrevistados, como fica explícito nos depoimentos de Regina e Cosme.

Regina tem 27 anos, é natural de Campina Grande, na Paraíba e veio prá Recife, com 2 anos de idade. Do primeiro casamento, desfeito aos 21 anos, tem 2 filhos; do casamento com Cosme tem mais 4 crianças e atualmente está com cinco meses de gravidez. Por sua capacidade reprodutiva, Cosme, com quem Regina vive há 5 anos, botou-lhe o apelido de *"fabrica de fazer menino"*. Cosme tem 30 anos e nasceu em Recife. Primogênito de uma família de 8 filhos, seu sonho é comprar uma casa grande, *"com quintal e jardim"* prá criar os filhos com mais conforto:

Cosme: *"- Eu adoro criança. Eu gosto de familia grande, com muita gente. A gente nunca se sente sozinho, tem sempre alegria em casa. Se eu pudesse tinha uns dez, como era na minha casa. Mas criar, dar comida, roupa, escola prá esse povo todo é difícil, é muita responsabilidade.. Quando eles crescerem mais e puderem arrumar um trabalho, um biscate, aí pode ser que melhore nossa vida."*

¹⁰ Ver PAUGAM, Serge. *Op. cit.*, 1994, cap. 5.

Regina: *"- É, eu espero que melhore. Melhore no dinheiro e nas preocupação, porque filho dá muita preocupação. Eu me preocupo muito com os meus, com o futuro deles. Eu quero uma vida melhor prá eles. É por isso que obrigo eles a estudar, prá ser alguma coisa amanhã, conhecer outros cantos, ter outra educação lá fora. A educação daqui é só palavrão, sem-vergonheza. Estudando os filhos podem ter como tirar os pais de dentro do lixo".*

Para alcançar uma situação menos precária, os entrevistados, sem poder contar com a segurança de uma renda regular, mesmo que pequena, tendem a apressar a entrada de seus filhos no mercado de trabalho, embora seja pouco provável que o trabalho infantil chegue a alterar substancialmente as condições de sobrevivência familiar. No entanto, mais do que a preocupação com "um futuro melhor", os catadores preocupam-se com os riscos de delinquência e marginalização a que estão expostos seus filhos ali no *lixão*:

D. Maria: *"- Dá uma tristeza vê essas criança dentro desse lixão... Que futuro tem aqui? O que é que elas vão ser amanhã? Catador? Prá viver na miséria... Ele, às vezes me ajuda a bagulhar, mas não quero essa vida que eu levo prá ele, não. Ele tá estudando, gosta de ir prá escola e é muito inteligente. Eu acho bom ele ir prá escola, fica longe daqui desse lugar (...) Eu tenho muito medo que ele vire um marginal."*

"Seu" Aluizio: *"- Todos os meus filhos vão prá escola, não quero que eles vivam aí dentro do lixo. Só a menina mais velha é que não estuda, porque não gosta, ela é desobediente, mal-criada. Mas agora ela vai prá escola da Prefeitura que ensina trabalho manual - recorte de papel, tapeçaria, tricô - prá aprender a fazer alguma coisa. Aqui nesse lixo não tem educação nenhuma, só safadeza e má companhia. Ela tem que cuidar da vida dela, progredir, estudar prá 'ser gente'. Ela não quer ir, mas tem que ir, nem que a gente tenha que pegar no cinto ... Já viu espinho nascer sem ponta? O cipó a gente tem que envergar enquanto tá molinho, porque depois de duro..."*

Além da falta de perspectivas e alternativas para um futuro melhor, os entrevistados vislumbram na experiência do subemprego uma tensão entre a ordem e a desordem representada na imagem do marginal e da catador. Daí o rígido controle disciplinar e moral

das crianças, o controle das amizades, como uma maneira de evitar as "más companhias", a pressão para que consigam um emprego fixo, seguro e, se possível, promissor.

Enfim, a maioria dos catadores, projetam para seus filhos um futuro melhor que o seu. Entre os pesquisados, há sempre a esperança de concretizar através de seus filhos, a incansável busca por um trabalho remunerado, fixo e com "carteira assinada", alcançando, então, a autonomia financeira, um mundo diferente de sociabilidade, novos horizontes, exorcizando, ao menos parcialmente, a imagem negativa que os outros lhes atribuem.

Mas existem, com efeito, outros valores morais reivindicados pelos *bagulhadores* para afirmar sua dignidade e resistir ao sentimento de desvalorização e fracasso social, como mostram os depoimentos que se seguem:

D. Iara: *"- Mas minha filha, como é que tu tira um retrato agarrada com um homem desse? Esse cara não trabalha, passa o tempo todo bebendo, vive por aqui só prá se agarrar com essas vagabunda. Um homem desse quer ter casa, família, compromisso? Quer nada. Você tem é que arranjar alguém prá tomar conta de você, que lhe dê sossego e não prá lhe desmoralizar".*

Ivete: *"- A senhora já vai começar? É por isso que eu quero ir embora daqui, morar sozinha, ter minha vida. É por causa dessa reclamação".*

D.Iara: [falando para mim] *"- Não sei mais o que fazer com essa menina. Ela é rebelde, desobediente, não quer trabalhar, nem estudar, não faz nada, vive por aí. Agora tá com essa estória de ser independente".*

A fotografia da filha adolescente abraçada ao namorado, um catador que não mora no lixão, é um pretexto para um pequeno desentendimento entre mãe e filha. A reação de D. Iara diante da foto é bastante reveladora da maneira específica através da qual os catadores vêem homens e mulheres.

Tentando, meio intuitivamente, interferir na situação, procurei mostrar a D. Iara que a decisão de Ivete em sair de casa tinha seu lado positivo, ela teria então que pensar numa maneira de arranjar um trabalho que lhe assegurasse um mínimo de autonomia financeira e que lhe permitisse tomar um rumo na vida, seria uma experiência que a deixaria mais

amadurecida. D. Iara expõe sua preocupação, indo desde as consequências morais até as materiais a serem enfrentadas por uma mulher sozinha: *"Uma mulher sozinha sofre muito. Além de ser sozinha prá enfrentar o mundo, fica muito mal-vista. Eu sei o que é isso. Eu passei minha vida só e tive que enfrentar muita coisa"*.

A trajetória pessoal da informante limita-se quase que exclusivamente a comprovar sua origem e rural e sua instabilidade no trabalho urbano, e confirma a relação entre pobreza e chefia feminina, já demonstrada pela literatura¹¹. A partir daí não foi difícil compreender sua preocupação em relação à filha:

D. Iara tem 45 anos e nasceu em Pesqueira, onde trabalhava com os pais e os irmãos em um pedaço de terra, mas *"era um pedaço de terra tão pequeno que não rendia nem prá comer"*. Aos 18 anos, depois da morte dos pais, ela e os irmãos, não conseguindo se manter numa situação de camponês independente, vendem o pequeno sítio. Migra, então, para Recife. Aqui, emprega-se como doméstica e chega a casar-se, sendo abandonada pelo marido com 7 meses de gravidez. A filha fica sob os cuidados de uma comadre até os dez anos, quando vai definitivamente para sua companhia. Deixa, então, o emprego de doméstica para *"cuidar melhor da menina"* e passa a viver no lixão *"primeiro eu fiquei no lixão da Tabajara, depois vim bagulhar aqui em Aguazinha... foi o único trabalho que eu arranjei, que eu podia ficar perto da menina"*

O desentendimento entre mãe e filha foi presenciado por três mulheres vizinhas, também catadoras. Diante da expressão preocupada e desgostosa de D. Iara, as mulheres comentaram sobre uma briga ocorrida na véspera entre Íris e uma outra catadora que não morava no lixão. Soube, então que o rapaz da foto havia sido o pivô da briga que chegou à agressão física, com promessas de vingança e ameaças de morte. A conversa continuou e eu ouvia tudo atentamente:

D. Iara: *"- Eu já cansei de falar com essa menina. Eu não quero empatar ela de namorar ... ter a vida dela. Quando ela arranjar"*

¹¹ Ver, por exemplo, LOPES, Juarez Brandão & GOTTSCHALK, Andréa. *Recessão, pobreza e família: a década mais do que perdida*, in São Paulo em Perspectiva, nº 4, vol. 1. São Paulo: Fundação SEADE, janeiro, 1990; BRUSCHINI, Cristina. *Mulher e trabalho: uma avaliação da década - 1975/1985*. São Paulo: Nobl/Conselhoda Condição Feminina.

esse rapaz, prá não ser do contra, eu disse que pagava o aluguel de um barraco e eles foram morar juntos lá em Jardim Brasil IV. Mas agora ele não quer mais nada. Se ela quer arrumar uma pessoa, então arrume, mas prá viver decentemente, e não ficar com todo mundo. Isso é prá mulher safada. Eu não aceito"

Sônia: *"- Tem mulher que é a vergonha das mulher, né? Eu acho que a mulher tem que saber se comportar, saber ser mulher. Tem que saber qual é o lugar dela prá se colocar em seu lugar."*

Lídice: *"- E qual é o lugar da mulher?"*

Sônia: *"- Por exemplo: se ela é sozinha, ficar na dela, não 'pegar' os homem casado ou qualquer cachorro por aí. Tem mulher que basta vestir uma calça prá ela já é homem, não importa se é casado, solteiro, o que for"*

D. Iara: *"- A mulher tem que ter moral, porque depois que ela cai, não levanta mais não. Por isso eu já disse a Ivete: 'nem pense que você vai fazer daquele barraco motel, porque não vai. Eu vou vigiar você e no dia que eu lhe encontrar dormindo com alguém lá, eu boto ele prá fora' "*

Sônia: *"- E tem outra coisa: a mulher, se não deu certo o casamento ou a amigação, ela vai viver a vida dela, cuidar dos filhos, de sua casa, se quiser pode até trabalhar. Mas não viver como uma cachorra vadia, no cio, como eu vejo por aqui. Brigando por causa de homem ou se agarrando com ele só prá ganhar um carteira de cigarro... "*

Regina: *"- Isso é ser mulher? Isso é uma baixaria. É resto de mulher. Uma mulher até prá ser puta, tem que saber ser puta. Hoje em dia as mulher quer ser igual ao homem, vive por aí 'pegando' todo mundo"*

Socorro: *"- Só que o homem pode fazer tudo. Prá ele não pega nada.. Mulher, é diferente. Prá você vê: no quintal tem cinco, dez galinha, mas só tem um galo. É ele prá 'comer' todas"*

Lídice: *"- Vocês acham que o homem pode 'comer' todas?"*

Sônia: *"- Quando ele é solteiro pode. Pode fazer tudo. Depois que casa, não. Aí ele tem responsabilidade, uma família prá sustentar e não pode mais farrar, estragar dinheiro na rua, ele tem que botar tudo dentro de casa. Aí é que ele vira homem de verdade"*

Regina: *"- Se de vez em quando ele der umas 'escapada', sair por aí ... Ele tá no papel dele de homem, né? Agora, a mulher é que*

não pode. Ela tem que ficar na dela, se guardar. A pior coisa do mundo é uma mulher 'galinha'. Se eu descobrir que Cosme tá 'pulando o muro', eu não faço nada, não. Sair com outro, botar chifre, Deus me livre. Mas eu mando ele embora. Eu já mandei um embora., sabia? Cosme é meu segundo marido... marido, não que eu não tenho marido ...

Lídice: *"- Como não tem marido? E Cosme?"*

Regina: *"- Ah, ele não é meu marido, a gente não se casou, a gente se amigou."*

Lídice: *"- Existe alguma diferença entre ser casada e ser 'amigada'?"*

Sônia: *"- Ah, é diferente demais. Prá casar tem que casar nas duas lei: na igreja e de papel passado. Eu já fiz primeira comunhão, estudei catecismo e sei disso".*

Socorro: *"- É lindo entrá na igreja de véu e grinalda, mas é muito caro, né? E homem é assim: acha que porque casou, deu o nome a mulher, pode mandar nela, fazer dela escrava, até dar surra. Ah, isso eu não aguento, não. Homem tem que respeitar a mulher. Senão é melhor não casar".*

Sônia: *"- Isso é importante, né? O respeito. O homem tem que ter respeito pela mulher dele. Homem metido a macho, a galo cego, não presta e aqui não tem vez mesmo, porque a gente não se submete".*

Regina: *"- Mas tem outra coisa importante: o homem tem que ser trabalhador, porque respeitador e preguiçoso, não dá. Não adianta ele respeitar e não trabalhar prá dar comida a mulher e aos filhos" (risos).*

Socorro: *"- Ah, Regina, isso nem se fala. Isso é a primeira coisa que a gente exige. É claro que a gente só vai viver com um homem se ele der comida a gente. Ninguém vai viver com gigolô. As duas coisa é importante. O homem deve ter com ele a moral e ser trabalhador, de responsabilidade."*

O diálogo acima revela os aspectos práticos da existência cotidiana, põe em foco a temática dos papéis sexuais, as normas que indicam a maneira que cada um tem que se comportar, os atributos que integram as noções de ser homem e ser mulher, revelando não só a moral sobre a qual se construíram os comportamentos das pessoas, mas expressam

uma ordenação da realidade, todo o sistema de significados sobre os quais os catadores desenvolvem suas práticas sociais.

Pode-se observar no discurso das entrevistadas os atributos que definem as mulheres e os homens. O atributo central da mulher é sua fidelidade ao companheiro e dedicação ao lar e aos filhos. Os valores que definem a mulher estão centrados na dimensão mais privada da ordem privada: as relações sexuais¹². Assim, a dignidade da mulher está em "*saber se comportar ... se guardar se colocar em seu lugar*", ou seja, "*cuidar dos filhos, da casa*". A desonra da mulher, quando ela se torna "*a vergonha das mulher*", "*resto de mulher*", é quando o comportamento desta rompe com esses valores de virgindade e fidelidade e ela age como "*uma cachorra no cio, brigando por causa de homem*", "*pegando qualquer um, solteiro ou casado*", o que constitui-se motivo de grande preocupação, pois a mulher "*depois que cai não levanta mais*".

Por outro lado, a qualidade central do homem é seu bom desempenho enquanto trabalhador/provedor da família, não sendo tolerado o homem preguiçoso, incapaz de manter devidamente a família, que "*não dá comida a mulher e aos filhos*", enfim "*um gigolô*". As noções de responsabilidade, respeitabilidade, de "homem sério" advém da capacidade do homem em prover a casa e atender as necessidades básicas da família através do trabalho.

A infidelidade masculina é criticada - ainda que tolerada: "*ele tá no papel dele de homem*" -, não tanto como uma contestação das desigualdades entre os sexos, mas por se constituir numa ameaça à minimização do dinheiro a ser utilizado pela família, que já não possui amplos recursos. Assim, enquanto ele é solteiro pode sair "*prá farrar*", mas depois que casa, "*não pode estragar dinheiro, tem que botar tudo dentro de casa*". As regras morais que orientam o comportamento desses casais preconizam a aceitação da infidelidade, desde que o marido mantenha seu papel de provedor, reforçando a desigualdade das relações entre homem e mulher.

¹² Ver também MACHADO, Lia Zanotta. *Família, honra e individualismo*, in OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Anuário Antropológico/85. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

Frente às discontinuidades nas condições de absorção no mercado de trabalho e a irregularidade na obtenção do salário, que não assegura a reprodução física e social do trabalhador e sua família, a esposa tenta se inserir numa atividade econômica, "*ajudando o marido*". Isso implica numa tensão permanente no desempenho dos papéis de pai de família/provedor e mãe/esposa, que se traduzem nos constantes conflitos quando o homem, tenta impor sua autoridade e sua suposta autonomia, diante da mulher que afirma reiteradamente sua disposição para o trabalho, sua capacidade de se manter sozinha e sua intolerância em "*aguentar desaforo e se submeter*", "desautorizando" o homem: "*homem metido a galo cego aqui não tem vez*"¹³.

Distingue-se na fala das mulheres, que a instituição do casamento é percebida segundo um padrão de dominação do homem sobre a mulher, padrão este que define os deveres de esposo e esposa e que confere ao homem uma imagem agressiva, determinada, de "galo" e à mulher uma imagem passiva, submissa e limitada ao convívio doméstico¹⁴.

A união marital, sem a devida formalização jurídica e religiosa, não é considerada casamento, mas "amigação", conceito este que encerra uma certa ambiguidade: se, de um lado, a convivência consensual ou o *morar junto* é visto como moralmente inferior ao casamento, por outro lado, permite à mulher escapar à autoridade desmedida do homem que, elas sabem, muitas vezes é imposta até pela agressão física. No entanto, isso não implica numa desvalorização do casamento. Ao contrário, a procura de um marido que "*ajude a viver*", que "*assuma um compromisso*", ou seja, que atenda à manutenção da casa e da família é um objetivo perseguido pelas catadoras¹⁵.

¹³ Neves, numa pesquisa com famílias de trabalhadores pobres urbanos, também observa que as mulheres entrevistadas, diante do fracasso do homem em arcar com suas atribuições de provedor, buscam ampliar seu poder e autoridade dentro da família, "desvalorizando" o homem. Explicam a situação com a expressão: "Nesse terreiro, galo não canta". Ver NEVES, Delma Pessanha. *Nesse terreiro galo não canta. Estudo do caráter matrifocal de unidades familiares de baixa renda*, in OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Anuário Antropológico/83. Rio de Janeiro/Fortaleza: Tempo Brasileiro/UFC, 1985.

¹⁴ Observações semelhantes quanto aos papéis sexuais e à desigualdade entre os sexos, faz Mariza Corrêa, ao estudar os processos de julgamento de homicídio entre casais. Ver CORRÊA, Mariza. *Morte em família*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

¹⁵ Ver também CALDEIRA, Teresa. *Op. cit.*; SARTI, Cinthia. *Op. cit.*, 1995.

Se para as mulheres do *lixão* o *status* central do homem está vinculado principalmente ao seu papel de provedor/trabalhador, cabendo a mulher o papel de esposa/mãe, a contrapartida aparece no discurso dos homens:

"Seu" Aluizio: "- *Prá mulher é difícil trabalhar aqui. Aqui é uma imoralidade feroz: muito palavrão, todo tipo de pornografia, principalmente à noite. Fica chato prá mulher, né? Mas tem as safada que gosta. Não tô querendo ofender todas, tem mulher direita aí, que têm respeito pelos marido. Mas essas 'da rede rasgada', que vem prá cá sozinha, vive é de conversinha, de programa com os home. De vez em quando sai briga com uma delas, tudo por causa de homem, são umas 'desbocada'. Esse tipo de mulher não dá prá mim...*"

"Seu" Elias: "- *Aqui é lugar de homem. Se a senhora soubesse as má palavra que sai aí... É muita deparação. Mulher que tem vergonha não pisa aí nesse lixo. Minha mulher só vai bagulhar quando eu vou também. Sozinha não vai, ela sabe que eu não quero. Mulher sozinha em lugar que tem muito homem só dá briga. Mas tem homem que é frouxo, não tem pulso e deixa a mulher fazer o que bem entende.*"

José Carlos: "- *Eu não gosto que minha mulher vá bagulhar, não. A gente tem uma menina de 8 mês que não pode ficar sozinha. Acho melhor ela ficar em casa tomando conta da menina, da casa... Pode deixar que eu trabalho. Casamento é assim: cada um tem sua parte. Só se eu adoecer... Aí ela assume ...*"

"Seu" Moacir: "- *Eu não sou contra que mulher trabalhe, não. Mas aqui dentro? Tem muito emprego prá se fazer fora daqui: lavagem de roupa, matança de galinha, empregada doméstica... Aqui é uma cachorrada, só as sem-vergonha gosta. Sabe porque? Porque é homem misturado com mulher, tudo junto. Tem mulher que não nem daqui, nem conhece ninguém. Agora elas vem, ficar aqui sozinha... são umas quenga. Mas as mulher casada, que mora aqui, também fica aí na brincadeira. Sei não, não tô querendo falar delas, acho que elas são honesta, mas tem vontade de entrar na gandaia, aí fica com essa estória de ajudar o marido. Se quer ajudar, ajuda em casa. Mas é porque os home é 'mole', 'dominado'. Hoje em dia as mulher é tudo metida a cavalo do cão, faz o que bem entende, manda e desmanda. Agora, elas faz isso porque nunca pegaram um homem de verdade".*

O reconhecimento de si mesmos como chefe-da-casa/pai-de-família e dona-de-casa/mãe, produz o equilíbrio necessário para a estruturação da vida cotidiana das famílias no *lixão*. O desempenho da mulher como provedora de recursos, o que coloca o homem na posição de *colaborador*, implica no não-cumprimento do padrão de complementariedade

das funções de marido e da mulher, só sendo aceito de forma transitória, em caso de doença, por exemplo.

Diante da iniciativa de algumas mulheres em ampliar seus papéis e suas funções, o que acarreta consequências para a posição de *pai de família* no contexto familiar, os homens revelam não apenas o padrão desejável de mulher - que inclui principalmente a passividade, obediência e fidelidade ao marido -, mas, também o que não se tolera num homem "*de verdade*": a "*falta de pulso*", que significa uma certa condescendência para com as mulheres que rompem com esse padrão.

As críticas dos homens permite construir a imagem reprovável de mulher: "direitas", embora autoritárias, "*metida a cavalo do cão, que manda e desmanda e domina o marido*" ou "*anarquista, safada e sem-vergonha*", que "*não respeita o marido*" e vai ao *lixão* apenas "*arranjar homem*". Assim, nem todas as mulheres que trabalham como catadoras são "*quengas*", existem nuances. As casadas residentes, embora tentem impor sua autoridade dentro de casa, rompendo com a valorização hierárquica e diferenciada dos gêneros homem e mulher, mantém sua "*moral*" e "*respeitam o marido*". As "outras", as "*safada*", os catadores as identificam facilmente: são as "de fora", aquelas que não dominam as regras e não partilham das relações ali imbricadas, enfim que não fazem parte do "pedaço"¹⁶.

José Guilherme Magnani¹⁷, em pesquisa na periferia de São Paulo, demonstrou que a noção de "pedaço" não se reduz apenas a uma área geográfica, mas designa o conjunto de relações sociais que ali se concentra. Romper com essa rede de relações implica em discriminações, em demarcação de fronteiras, em diferenciações internas, que culminam na definição de um "nós", em oposição aos "outros". Esses contrastes são visíveis na maneira como se estrutura as relações de vizinhança e a sociabilidade local.

¹⁶ MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço, cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

¹⁷ *Idem, Ibidem*.

3.2.2 *A sociabilidade local e as estratégias de distinção social*

As noções de solidariedade/reciprocidade constitui-se num ponto importante para a reflexão antropológica. Malinowski¹, em seu estudo sobre os nativos das ilhas Trobriand, argumentou que as transações comerciais efetuadas pelos trobriandeses - denominadas por ele de "transações *kula*", interrelacionava dimensões materiais, atividades sociais e expressões simbólicas, já que obedecem a regras e convenções tradicionais e são acompanhadas de rituais mágicos e cerimônias públicas. Tais transações através das quais ocorre a troca de bens e riquezas - colares e braceletes -, formam um todo orgânico indispensável para a existência e a manutenção da sociedade.

Marcel Mauss², em seu célebre trabalho sobre os primitivos da Polinésia e Noroeste da América do Norte, afirma que toda a vida social desses povos é regida através de um sistema de trocas recíprocas de presentes, bens e serviços, envolvendo todas as espécies de instituições: religiosas, políticas, morais e econômicas. Tais trocas envolvem direitos e deveres simétricos e contrários: prestações e contraprestações, doação e retribuição de prendas e dons, que reveste as transações de um caráter *moral* que impõe a necessidade de retribuir usurariamente os presentes recebidos.

Lévi-Strauss³, abordando o problema do incesto e dos sistemas de casamento e parentesco, sugere que o princípio de reciprocidade permeia toda a sociedade: está presente na organização familiar, através da troca de mulheres; na economia, por meio da troca de bens e na linguagem, regendo a troca de palavras. Assim, a retribuição de favores é um fato generalizado nos agrupamentos humanos, característico não apenas das sociedades primitivas, mas de todas as sociedades.

¹ MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. Coleção Os Pensadores. São Paulo:Ed. Abril, 1978.

² MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa:Edições 70, 1988.

³ LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis:Vozes/ EDUSP, 1976.

A literatura examinada sugere que todos os contatos entre os homens repousam sobre o esquema de dar e receber o equivalente. A norma da reciprocidade, à medida em que se configura, na prática, em uma norma moral - deve-se prestar benefícios aqueles que nos prestam - amplia ou reforça os vínculos existentes. Nesse processo de interação, os laços de vizinhança e de amizade surge como o ponto de ligação entre as pessoas.

Mas num mundo de homogeneidade negativa em que vivem as famílias que foram objeto desta pesquisa, a negação das relações de vizinhança é um fato recorrente e o desejo de destacar-se daquilo que eles sabem ser um lugar e uma população de péssima reputação, torna-se uma necessidade. Os moradores costumam reproduzir o discurso dominante, impondo hierarquias, estratégias de diferenciação e distanciamento social internos, fundamentadas em referências negativas.

A Foto 9 é uma fotografia "não-autorizada". A garota que aparece ao centro não mora no lixão e eu já havia percebido a indiferença e o desdém velado dos moradores em relação a ela. No momento anterior ao registro dessa imagem, um grupo de moradores olhava

FOTO 9



e comentava algumas fotos que eu estava distribuindo. A conversava transcorria animada e descontraída. Com a finalidade de aproveitar o momento, me afastei e aponte a câmara em direção ao grupo. Antes mesmo que eu apertasse o botão disparador, Carmem reagiu:

Carmem: [falando num tom irritado] "- Quem mandou você tirar meu retrato junto com ela? Nem morar aqui ela mora... Ela vem prá cá com as amiga e diz que bagulham, mas sabe o que elas fazem aqui dentro? Passam o dia todo agarrada com os macho, ali na barraca, na maior esculhambação, é o maior cabaré. Quando você trazer esse retrato u quero que você corte e me separe dela..."

Expliquei que ainda não havia "batido" a foto e que não o faria se ela não permitisse. Carmem nem se dignou a responder e saiu furiosa. As outras mulheres ficaram em silêncio. Algumas começaram a sair, outras, discretamente, afastaram-se da garota - como aparece na fotografia - e não protestaram quando novamente aponte a câmara e disparei o botão. No dia seguinte, no entanto, quando mostrei a fotografia aos moradores a reação foi imediata:

"Seu" Elias: "- Essa menina é muito metida e você dá muito cartaz a ela e as amiga dela. Elas não são moradora, não. Vivem aí com esses maloqueiro, que também só vem prá cá perturbar. E a senhora só vive com elas. Isso não pega bem, não viu? Não se engane com as pessoas daqui. A gente não pode ter amizade com todo mundo. Aqui tem trabalhador e maloqueiro, tem mulher direita e as que são safada. Tem que saber diferenciar, prá poder ter amizade.

Sônia: "- Sabe o que é, Lídice ... a gente não gosta que você tire nossa foto junto com essas menina ... Você ainda não conhece direito como é as coisa aqui ... Aqui tem gente boa, mas tem outras ... É por isso que as pessoas de fora pensam que aqui só tem gente baixa, sem moral. A gente que é morador, se conhece, trabalha, às vezes briga, mas é tudo daqui mesmo.. Essas menina são de fora, a gente só conhece de vista, não sabe direito quem é, dizem que elas anda com uns maconheiro, por aí. Ninguém aqui tem amizade com elas. Elas são 'desbocada', não respeita ninguém, só vem prá cá 'aprontar'. É melhor você não dá cartaz, bote 'no gelo'. É assim que a gente faz aqui."

Os depoimentos tornam flagrante a existência de procedimentos internos de exclusão. Baseado na atribuição de alguns critérios que são valorados negativamente pelo grupo e utilizados enquanto referenciais de identidade, os catadores definem o "nós" em relação a

"eles", os "outros". Assim, opera-se a distinção/oposição entre trabalhadores/maloqueiros, mulher "direita"/puta. Essas distinções, constantemente reiteradas, servem de parâmetro para a legitimação de uma certa identidade pretendida - de homens e mulheres honestos e trabalhadores - rejeitando-se a imagem de *"gente baixa, sem moral"* representada por todos que não seguem as regras morais do "pedaço". Nesse sentido, passa-se a evitar a rede de relações pessoais e de trocas. Os exemplos seguintes mostram bem isso:

Cleide: *" - Eu não converso com ninguém, com ninguém... Aqui eu não tenho amigo, não tenho vizinho, não tenho ninguém, somente, eu, meu marido e meus filho. Eu não gosto de ir prá casa dos outros. Quando eu não tenho o que fazer dentro de casa, eu me deito ou vou bagulhar, baixo minha cabeça, pego meu gadanho e fico catando minhas latinhas."*

Regina: *"- Não adianta a gente conversar com as pessoas e depois essas pessoas falar mal da gente, querendo ser melhor que a gente... É isso que acontece aqui. Eu vejo o povo falando um do outro por aí, devem falar de mim também, esse povo é safado. Aí eu me separo logo, procuro meu lugar por mim mesmo. Aqui eu só vou na casa de Silvia, mesmo assim, às vezes. Casa dos outros só dá confusão e intriga."*

D. Marta: *"- Eu falo com todo mundo, me dou com todo mundo, mas eles lá e eu cá, muita conversa, quero não. Não vem ninguém na minha porta e eu não vou na porta de ninguém. Silvia, que é sobrinha de meu marido, não vive aqui na minha porta, imagine os outro."*

O recolhimento à esfera doméstica e o evitamento de todo contato prolongado com aqueles que, por qualquer motivo, não são aceitos, tem seus limites, pois não se pode evitar totalmente o confronto com o outro. Assim, o distanciamento social também é criado através da elaboração de "infra-diferenças ou micro-hierarquias"⁴, que serve para exagerar o valor de si mesmos e menosprezar os outros. Os catadores tendem a exagerar seu valor moral, sua honestidade, denunciando, por exemplo, aqueles que vivem ali no lixão para "se aproveitar" dos programas de assistência social:

⁴ A expressão é utilizada por Wacquant, Loic J.D. *Proscritos da cidade*, in *Novos Estudos CEBRAP*, nº 43. São Paulo:CEBRAP, nov/95. Sobre este fenômeno de diferenciação ver também SARTI, Cynthia. *Op. cit.*, Cap. 5 e PAUGAM, Serge. *Op. cit.*, Cap. 5

"Seu" Elias: - *"Tem gente que vive aqui porque quer, mas não precisa, não... Tem uma que o marido tem um emprego fora daqui, de carteira assinada e tudo, deve ganhar mais de um salário, e ela vende Avon [o entrevistado se refere a uma conhecida marca de produtos de beleza]. Eles vivem melhor que todo mundo aqui, por exemplo, eles são os únicos aqui que tem televisão, por isso eles são meio destacado dos outros, meio metido (...) Tem até gente que é aposentada. Pouco ou muito já tem o de comer garantido. O que eu quero dizer é que essas pessoas não são pobres, pobres de verdade... Mas quando chega a cesta básica da Igreja ou qualquer ajuda aqui, elas são as primeiras que corre. Por isso ninguém quer sair daqui ... É o olho grande. Agora tem gente aqui que não tem emprego, nem aposentadoria, como eu. Aqui eu sou o que ganho menos e tenho que comprar de tudo pra dentro de casa..."*

O informante exprime seu esforço de diferenciação, insistindo sobre seus valores morais de "verdadeiro pobre" e condenando aqueles que, "sem precisar", solicitam os serviços de assistência social da Igreja. É perceptível em seu discurso o desprezo por aquelas pessoas que, aos seus olhos, possuem um prestígio particular - um emprego fixo, uma aposentadoria -, destacando-se da maioria do grupo.

Essas estratégias de distinção social acarretam rivalidades e conflitos que acabam por prejudicar a coesão do grupo e a solidariedade local. Por outro lado, mostram o ressentimento dos catadores em pertencer às franjas inferiores da hierarquia social e a recusa/resistência deles à sensação de fracasso social. Ou seja, a ordem hierárquica vigente no *lixão* traduz uma necessidade de auto-afirmação/reconhecimento dos catadores, e, ao mesmo tempo, é uma forma de proteção do eu, contra a experiência de desvalorização/desqualificação social que eles vivenciam. Isso revela que tal experiência está inscrita na consciência dos moradores, constituindo uma *identidade negativa*⁵. O estigma residencial e profissional é para o catador um obstáculo suplementar ao reconhecimento social - talvez maior que o desemprego -, uma marca de sua precariedade material e um importante fator na constituição e manutenção de uma auto-imagem negativa.

⁵ A expressão é utilizada por PAUGAM, Serge. Op. cit., 1994, Cap. 4.

3.3 *Os fatores de desqualificação social e a construção de identidades negativas entre os bagulhadores*

Estudos recentes acerca dos padrões de crescimento urbano e do quadro habitacional da Região Metropolitana de Recife, apontam para uma significativa elevação do número de favelas na periferia da cidade, que representaram, nos últimos anos, a principal forma de habitação dos grupos populacionais de menores níveis de rendimento⁶.

Segundo Kowarick⁷, apesar da crescente mercantilização do aluguel de barracos, a favela continua a ser a opção de moradia mais barata, mas, ao lado do cortiço, constitui a modalidade habitacional mais precária e passível de deterioração, marcada pela falta de higiene e privacidade e por tantos outros problemas, que a tornam alvo de múltiplas discriminações. Como diz o autor⁸:

"(...) a cidade olha a favela como uma realidade patológica, uma doença, uma praga, um quisto, uma calamidade pública (...) O fato de ser favelado tem desqualificado o indivíduo da condição de habitante urbano, pois retira-lhe a possibilidade de exercício de uma defesa que se processa em torno da questão da moradia. Ocupante de terra alheia, o favelado passa a ser definido por sua situação de ilegalidade (...) um usurpador que pode ser destituído sem possibilidade de defesa, pois contra ele paira o reino da legalidade em que se assenta o direito de expulsão"

Mas, diante do agravamento das condições em que vivem as famílias em situação de pobreza, os *bagulhadores* instauraram uma nova forma de sub-habitação ao

⁶ Ver MOURA, Alexandrina Sobreira de. *Terra do mangue: invasões urbanas no Recife*. Recife: FUNDAJ/Editora Massangana, 1990.

⁷ KOWARICK, Lúcio et alii. *São Paulo: crise e mudança*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

⁸ KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

"eleger" como área residencial o *lixão*. Em comum com os habitantes das favelas, os catadores têm a moradia em abrigos precários, sem infra-estrutura, inadequado para a ocupação residencial. Compartilham, ainda, um forte estigma residencial.

Nas fotografias 10 e 11 tem-se uma visão panorâmica, que dá uma configuração total do *lixão* e seus arredores.

FOTO 10



FOTO 11



Diante das fotografias em que as moradias podem ser vistas, as representações dos informantes foram articuladas sobretudo em função de valores associados à feiúra, à miséria, à fome, à degradação humana. Como diz Cosme:

"- Esses barraco daqui é mais feio do que na favela, né? Porque na favela não tem lixo espalhado, assim, não é essa desorganização, essa pobreza toda. Lá também falta muita coisa, mas aqui é pior: falta tudo. A gente não tem nada, nadinha..."

Cosme estudou até a 2a. série do primário e antes de trabalhar no *lixão*, ainda solteiro, era pedreiro e empreiteiro de pequenas construções nas redondezas de sua

casa, o que lhe permitia ajudar no pagamento do aluguel de um barraco numa favela onde morava com os pais. A saída da favela para o *lixão* é encarada por ele como uma perda de *status*:

"- Eu fico espantado de ver como as coisa tão piorando cada vez mais prá nós que é pobre. Eu sempre fui pobre, sempre morei em favela, que já não é coisa boa... Mas agora nem isso tá dando mais e eu tô aqui, num terreno que nem sei de quem é, atolado no lixo com família e tudo. Mas pobre é assim: só cresce prá baixo feito rabo de cavalo. Eu acho que já nem sou mais pobre, sou miserável"

Os catadores têm contra si não apenas a acusação de "apropriação indébita" de uma área, mas, sobretudo, o fato de que esta área é um local de despejo de lixo, ou seja, de tudo aquilo que é considerado pela sociedade sujo e sem proveito. Os catadores vivem *do* lixo e *no* lixo, confrontando-se com os valores de limpeza dominantes, o que reforça estigmas de suspeição e incriminação⁹.

Rosa tem 37 anos e nasceu em Recife. Atualmente tem um filho de pouco mais de um ano e está separada do marido. Antes de ser catadora trabalhava como empregada doméstica, *"mas ganhava muito pouco"*, por isso comprou uma carroça e foi catar lixo nas ruas de Recife: *"Era um trabalho muito perigoso, o trânsito aqui é fogo e ninguém respeita o carroceiro. Eu fui atropelada duas vez"*. Resolve então "bagulhar" no lixão: *"ficou mais fácil, porque eu trabalho e moro aqui."* Quando mostrei a entrevistada a fotografia do seu barraco (foto 12) e perguntei o que ela achava de morar ali, sua resposta foi:

"- Morar? Nessa casa caindo os pedaço [aponta para a foto], que não tem nem um lugar prá gente sentar? Você chama isso de morar? A gente não mora a gente se esconde. Eu vivo aqui porque é o jeito. No começo, minha idéia era ficar aqui até conseguir me equilibrar e voltar de novo prá

⁹ Sobre a análise do aspecto simbólico da atividade do catador ver LIMA, Tânia Cristina. *Os catadores de lixo da zona sul do Recife: reciclagem alternativa do lixo urbano*. Recife: FUNDAJ, 1988.

meu barraco na favela. Mas o quê? Já faz 4 ano que tô aqui e até hoje não consegui... Quando eu encontrao alguém lá da favela onde eu morava, eu não digo que moro aqui nessa feiúra. O que é que vão pensar de mim? Eu tenho medo que eles pense que eu não presto, que virei marginal."

FOTO 12



A antropologia tem mostrado a importância do espaço, do local como suporte para a constituição da identidade dos grupos sociais. No caso desta pesquisa, a imagem poderosa de lugar e a construção de hierarquias e diferenciações a partir do local, é expresso de maneira clara no discurso de Rosa, reproduzido abaixo:

Rosa: *"- Eu quero que você tire meu retrato assim: eu fumando essa maconha, de roupa suja, velha, rasgada, segurando o cigarro desse jeito e com cara de maconheira."*

Lídice: *"- Mas esse é não é um cigarro de maconha".*

Rosa: "- Eu sei, é um cigarro normal. Mas eu tenho certeza que se você mostrar essa foto a alguém de fora, vão pensar que é uma 'baga' [cigarro de maconha]. Só porque eu sou do lixão. As pessoas pensam que aqui nesse lugar só mora maconheiro, traficante, ladrão. Eu só tô querendo mostrar como eles tão errado".

Na foto que originou o comentário (Foto 13) a informante aparece de olhos ligeiramente baixos, sonolenta. Apoia-se em outra catadora, como se não suportasse ficar de pé, e, com a mão em concha, segura um cigarro entre os dedos indicador e polegar, levando-o à boca. Os dois adolescentes que aparecem são seus irmãos, por parte de pai e não moram na área.

FOTO 13



Rosa pretendia sugerir que seu cigarro não era um cigarro "normal", então posou cuidadosamente. Escolheu a situação, a postura, o olhar, os personagens para compor a cena, "criando" a imagem de acordo com os critérios pelos quais acredita que os catadores são reconhecidos e tratados na confrontação social.

Se o espaço físico, a localização, definem o estilo de vida e a identidade de um grupo, os catadores - compartilhando um espaço físico e social degradado - são identificados não apenas à carência de riqueza material, mas, também, de virtudes morais: ali estão todos os que são "menos". Definidos, sobretudo, por parâmetros negativos, os *bagulhadores* perdem o controle sobre suas representações e suas identidades, e vivenciam um processo de "*desapropriação simbólica*"¹⁰, transformando-se, assim, em verdadeiros "*proscritos*"¹¹. O estigma parece ser a característica mais saliente da experiência vivida por essas pessoas.

Rosa sabe disso e ao tentar difundir uma imagem degradante dela mesma, parece aderir e se conformar - embora de maneira ressentida - à opinião negativa do resto da sociedade. Ou seja, em certa medida sua consciência está ao lado dos detratores. Na entrega da foto ela comentou:

"- Olhe como eu fiquei parecida com uma maconheira: esse barraco feio, atrás de mim, esse lixo espalhado, eu com a roupa suja... Quem olhar vai ficar certo que eu fumo e que ainda dou droga prá esses meninos [refere-se aos irmãos que aparecem na fotografia]. Morar aqui é bom, porque é de graça, mas todo mundo pensa mal de nós. Acontece que eu não ligo. É como diz aquela música, 'se o povo falar, não ligo. Não ligo e deixo o povo falar'".

Nesse caso, o realismo fotográfico é colocado em questão, mostrando que a relação entre fotógrafo e fotografado ultrapassa o mero registro, resvalando para o

¹⁰ A expressão é utilizada por WACQUANT, Loic J.D. *Proscritos da cidade*, in *Novos Estudos CEBRAP*, nº 43, novembro de 1995.

¹¹ A expressão é utilizada por WACQUANT, Loic J.D. *Op. cit.*

mundo dos valores. O episódio mostra, também, a importância dos antecedentes da cena, o extra quadro¹².

Essa auto-desvalorização não é observada apenas nas representações de Rosa. De maneira geral, todos os catadores participam da construção de uma auto-imagem negativa, ressaltando e reforçando alguns traços que os depreciam social e moralmente. O exemplo seguinte ilustra isso. Trata-se de um diálogo entre "seu" Aluizio e Cleide. "Seu" Aluizio, diante das fotografias dos catadores trabalhando (ver Fotos de 1 a 8), procura justificar a reputação de "animal" que sua mulher tenta em vão relativizar:

Cleide: *"- Aluizio disse que as pessoa tava parecendo 'urubu na carniça', mas eu não tô vendo nada disso aqui.. O que tô vendo são as pessoa trabalhando, trabalhando [repete enfaticamente]"*

"Seu" Aluizio: *"- Eu sei, mas quem tá de fora não pensa isso. Uma pessoa que vê esse retrato, esse povo feio, vai pensar logo: é tudo uns bicho comendo carniça".*

Cleide: *"Vai não, vai pensar: é tudo trabalhador, tão lutando prá ganhar o pão".*

"Seu" Aluizio: *"- Onde é que tá escrito que as pessoa aqui são trabalhador? Você queria que sua família, lá em Buíque visse você catando lixo?"*

Cleide: *"- Deus me livre! Eu digo prá eles que vendo perfume. Eles sabe que eu sou pobre, mas não pensa que eu tô nesse miserê, que eu decai tanto. Eu ia morrer de vergonha se eles me visse aqui, nessa situação".*

Apesar das poucas perspectivas em alcançar um nível de vida mais elevado, é importante dizer que os entrevistados não renunciavam ao projeto de deixar o *lixão*, de encontrar um emprego salariado e alcançar uma estabilidade material. No entanto,

¹² MACHADO, Arlindo. Op. cit.

embora recusem o sentimento de fracasso e resistam à decadência moral, aceitam e interiorizam as representações coletivas negativas formadas pelos que estão fora desse espaço, e acabam referindo-se a si mesmos com palavras de descrédito e pouco valorativas.

Em condições materiais precárias e encerrados numa parte desvalorizada do espaço urbano, a população estudada é vítima de atitudes hesitantes e desdenhosas dos não-residentes e têm muitas dificuldades em manter laços pessoais com pessoas de fora: na procura de escolas para os filhos, na busca de empregos, na aproximação romântica mentem com frequência sobre seu endereço. As narrativas, pouco a pouco, deixam transparecer sentimentos de vergonha e humilhação

Sônia: *"- O pessoal da Igreja, que fica ali na favela, diz que a gente não deve dizer que mora no lixão, porque 'lixão' é uma palavra que humilha tanto, uma palavra... sei lá... muito baixa. Quando perguntam, a gente diz que mora Aguazinha ou em Jardim Brasil V" (...) Eu acho que aqui não tem futuro pra minha filha, não ... e ela já começou a cobrar. Ela diz assim: 'Mainha, é tão humilhante a gente morar aqui no lixo. Eu queria ter uma casa, como meus primos tem, minha avó tem...' Ela tem vergonha de onde vive".*

Regina: *"- No colégio quando perguntam a meus filhos onde eles moram, eles dizem que moram em Jardim Brasil V. Uma vez eu perguntei porque eles mentiam e eles responderam que têm vergonha de dizer aos amiguinhos que moram dentro do lixo. Eu vejo meus filhos assim ... Me dá uma revolta". (Rejane)*

Antônio: *- As pessoa não gostam de ter amizade com a gente. Tem medo, vergonha de ser amigo de uma pessoa que é tão pobre. Quando eu comecei a namorar com Joana, ela não me disse que morava aqui, porque tinha medo que eu acabasse o namoro".*

A intermediação com a vida social aparece, principalmente através da Igreja e da intervenção estatal, cujos serviços sociais oferecidos se constituem em alternativas para a sobrevivência dessa população. Essas instituições são procuradas pelos

arranja curso prás mulher fazer: de tricô, de costurar, de pintar. Isso também é uma ajuda, né? Porque aí, a gente aprender a fazer outras coisa e pode sair daqui, um dia."

"Seu" Elias: "- A gente aqui vivia meio isolado de todo mundo. Ai primeiro botaram uma Igreja aqui perto e agora tem um posto de saúde, tudo ali na favela. É bom porque é mais perto que em Peixinho, onde a gente ia".

As experiências vividas pelos sujeitos da pesquisa geraram para cada um deles imagens de si próprios que expressam sua forma de inserção no processo social, resultando na construção das identidades de cada um. Morar e trabalhar no *lixão* - um território fisicamente degradado e socialmente desqualificado - implica em conviver cotidianamente com as expressões, abertas ou dissimuladas, de descrédito, humilhação, discriminação e desprezo dos "outros". Significa aceitar, sem poder replicar, a reputação degradante e negativa que lhes atribuem "os de fora"; significa, sobretudo, contribuir - mas não sem ressentimentos e resistências, diga-se - para a manutenção desses traços depreciativos e acusatórios, já que eles estão inscritos na própria consciência dos catadores¹³.

¹³ *Ve PAUGAM, Serge. Op. Cit., 1994.*

CONCLUSÕES

Estudar a exclusão social, os elementos e circunstâncias que contribuem para esse processo, e conhecer as experiências vividas por aqueles que experimentam tal situação, constituiu-se uma preocupação constante no decorrer deste trabalho.

No início, procurei demonstrar que no pensamento social a noção de exclusão é sobreposta à de integração. Assim, a interrogação sobre a integração, a coesão social ou as formas de participação na vida coletiva obcecou os intelectuais desde a emergência da sociedade moderna e das ciências sociais. Como manter a homogeneidade de convicções e condutas, e os laços sociais nas sociedades modernas - caracterizadas pela diferenciação extrema de funções e profissões, ameaçadas pela anomia e pela racionalidade burocrática?¹ Era este o problema colocado, por exemplo, por Weber e Durkheim, os “pais fundadores” do pensamento sociológico.

A integração normativa e funcional dos indivíduos em idade adulta se realiza, de maneira geral, pela participação ativa em grupos sociais organizados (profissionais, políticos, religiosos e outros) que lhes prescrevem valores hábitos, costumes, enfim, o que devem fazer para não contrariar os interesses coletivos, nem desorganizar a sociedade da qual fazem parte². Numa sociedade fundada no valor protestante do trabalho, onde predomina o discurso justificador da

¹Ver ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo/Brasília: Martins Fontes/Unb, 1982; DURKHEIM, Émile. *A divisão do trabalho social*, e DURKHEIM, Émile. *O suicídio*, extraídos de RODRIGUES, José Albertino (org.). *Émile Durkheim: sociologia*. São Paulo: Ática, 1984; XIBERRAS, Martine. *Les théories de l'exclusion*. Paris: Meridiens Klincksieck, 1993;

² Cf. DURKHEIM, Émile. *Op. cit.*

riqueza e o homem é definido a partir de seu lugar na produção, a integração repousa, em grande parte, sobre a atividade profissional que garante por sua vez a segurança material e financeira, relações sociais, organização do tempo e do espaço, enfim, uma “identidade pelo trabalho”.

Diante do fim da era de progresso econômico - que, acreditavam alguns, promoveria a integração -; do crescente afastamento de grande parte da população do mercado de emprego; do aumento da pobreza e das desigualdades; das mutações econômicas e sociais experimentadas atualmente, a discussão inclusão x exclusão retoma sua atualidade. No entanto, como ressaltai no capítulo primeiro a “questão social” colocada na virada do século estava esgotada. A exclusão hoje assume novas faces e novas dimensões.

Esta dissertação se propõe a estudar essa “nova” exclusão a partir do caso dos *bagulhadores* do lixão de Aguazinha, analisando as significações sociais elaboradas e veiculadas pelos sujeitos desse processo. A definição e delineamento da exclusão como campo representacional foi o objetivo perseguido, que se mostrou desde logo associado a um outro aspecto conceitual - a questão da identidade.

De início, pretendi revelar o lugar ocupado pelo grupo estudado na consciência social, apresentando algumas matérias jornalísticas sobre os *bagulhadores*, já que o grupo foi apresentado à cena social através da mídia. Os jornalistas estão, frequentemente, à procura do espetacular e nem sempre se preocupam com a representatividade das imagens - muitas vezes caricatas - que dão à realidade. Com a realização da pesquisa, mostrei que as reportagens, que pretendiam dar uma idéia de vida dos catadores, acabavam ressaltando a contradição entre seu modo de vida e o do resto da sociedade, acentuando sua diversidade de costumes e comportamentos. Na perspectiva dualista sugerida pelo conceito tradicional de marginalidade, o conteúdo social que se objetiva como representação do mundo do *lixão* atribui aos *bagulhadores*, sinais distintivos de caráter antropológico (aparência externa, costumes), político, cultural e territorial que os excluíam do mundo dos homens “normais”: estão “à

margem do processo de produção e consumo", são "infratores constantes das normas vigentes" e suas ações são motivadas pelo interesse em satisfazer necessidades materiais.

Confrontados com o modelo corrente da sociedade organizada, os catadores são definidos pela negatividade, como o avesso do que deveriam ser; apresentados como portadores de objetivos anti-sociais e de uma anticultura, descritos como um corpo estranho à sociedade e colocados fora dela, "excluídos". Numa sociedade que transfigura o *sucesso* como valor supremo, os catadores - descartados enquanto trabalhadores com utilidade social e vivenciando, indiscutivelmente, uma situação de extrema pobreza - são frequentemente estigmatizados, percebidos e vistos como signos da própria decadência humana. Como os vagabundos do século passado, eles são representados em ruptura com os laços que os vinculam à sociedade, tanto sob o enfoque econômico, quanto no que diz respeito à sociabilidade³.

Esta imagem de sociedade dual, que opõe de maneira estática e radical os "excluídos" do resto da população, na verdade, serve apenas para mascarar a realidade, levando a esquecer que a exclusão é um processo de "*desqualificação social*"⁴ que começa pela precariedade econômica, é reforçada pela fragilidade dos laços sócio-familiares e pode chegar à marginalização, ou para retomar o termo de Castel, à "*desfiliação*"⁵, isto é, à desintegração de todos os vínculos sociais.

De fato, a literatura examinada⁶ atesta que, apesar das transformações em curso no mundo mercado de emprego, o trabalho ainda é, hoje, o fundamento da dignidade dos

³ Ver CASTELL, Robert. *Les métamorphoses de la question sociale*. Paris:Fayard, 1995.

⁴ A expressão é utilizada em PAUGAM Serge. *La disqualification sociale - essai sur la nouvelle pauvreté*. 3a ed., 1994.

⁵ Cf. CASTEL, Robert. *Op. cit.*

⁶ Ver ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta - as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo:Brasiliense, 1985; TELLES, Vera da Silva. *A pobreza como condição de vida: família, trabalho e direitos entre as classes trabalhadoras urbanas*, in *São Paulo em perspectiva*, vol. 4, nº 2, abri-jun, 1990. TELLES, Vera da Silva. *Cidadania inexistente: incivilidade e pobreza. Um estudo sobre trabalho e família na*

homens. As pesquisas revelam, também, que as dificuldades de inserção profissional, a precariedade econômica e o consumo restrito, resultantes da ruptura (ainda que involuntária) com o mundo do trabalho e da produção, remetem não apenas às dificuldades objetivas de sobrevivência, mas atinge também a teia de relações sociais na qual estão envolvidas as pessoas que vivenciam essa situação de privação. O afastamento, temporário ou definitivo do mercado de trabalho, ou o desempenho de atividades intermediárias entre o emprego permanente e o desemprego, reflete-se, principalmente, na comunidade familiar. À medida que aumenta as dificuldades de sobrevivência, aumenta a pressão por parte da família no sentido do cumprimento do papel de "provedor familiar" - referência esta essencial na definição das identidades dos trabalhadores urbanos -, o que pode conduzir a conflitos e rupturas na esfera das relações domésticas.

Com base nesse argumento e levando em consideração que os catadores vivenciam um acúmulo de *handicaps* (inserção precária no mercado de trabalho, afastamento simbólico da classe trabalhadora "de direito", moradia em ambiente deteriorado ecológicamente e desvalorizado socialmente, problemas de saúde, reduzido contato com a família, o descrédito do resto da sociedade) - admiti que eles realizam a *desfiliação* em sua dupla dimensão: a ruptura em relação à ordem da produção e a ruptura de vínculo com o social.

Busquei, então, conhecer e compreender como os narradores desta pesquisa lidam com a dupla precariedade que vivenciam: a da *organização do trabalho* e da *estruturação da sociabilidade*.

Os resultados e análises que desenvolvi no decorrer do estudo mostram que a atividade do *bagulhador* emerge numa conjuntura de crise, ligada ao desemprego e a outras atividades produtivas que utilizam o lixo como matéria-prima. Na medida que isso ocorre, crescem as demandas concretas desse grupo que se mostra referenciado pela sensação constante de rebaixamento econômico, seja em relação à família anterior, seja em relação à própria história

Grande São Paulo. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia: FFLCH/USP, 1992; SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 1995.

de vida. É possível afirmar que os *bagulhadores* têm uma consciência social de si, dos graves problemas da realidade social onde vivem e, principalmente, da distância que os separa dos "outros", da maioria da população que não vivencia a *"humilhação de viver dentro do lixo"*, como disse uma informante. Penetrados, no entanto, pelo imaginário instituído da *pobreza* como uma condição natural, pedem, esperam e se posicionam como "dignos de assistência" e a um só tempo, justificam tanto as dificuldades sociais e econômicas quanto a posição que ocupam na estrutura da sociedade onde vivem.

Os dados de campo mostram que o trabalho ocupa uma posição central nas aspirações dos catadores e na definição de suas identidades. Os catadores em suas verbalizações afirmam a importância da atividade que exercem não apenas para a satisfação de suas necessidades imediatas, mas, principalmente, como uma maneira de obter legitimidade e respeitabilidade.

O trabalho no lixo, apesar de inseguro e precário, é visto em sua dimensão positiva, um marcador que opera a distinção entre *trabalhadores* (e chefes de famílias) e *bandidos*, viabilizando relações fundamentais, como a família, por exemplo, conferindo um sentido à vida daqueles que dele dependem. Frequentemente contraposto à negatividade do mundo da malandragem e da criminalidade, o trabalho transfigura indivíduos tidos como "perigosos" em indivíduos "laboriosos", em cidadãos honestos, "direitos", chefes de famílias e provedores - referências que neutralizam o estigma da pobreza e marcam seu afastamento da imagem de criminoso. As relações familiares compensam os limites, as restrições e ambiguidades vividas no mundo do trabalho. Nesse sentido, Cynthia Sarti afirma: *"Ao lado da negatividade contida na noção de ser pobre, a noção de ser trabalhador dá ao pobre uma dimensão positiva (...) o valor do trabalho se define dentro de uma lógica em que conta não apenas o cálculo econômico, mas o benefício moral que retiram desta atividade. O trabalho vale não só por seu rendimento econômico, mas por seu rendimento moral (...) "*⁷.

⁷ SARTI, Cynthia. *Op. cit.*, 1995, p. 67.

Embora a atividade de *catação* corresponda a uma das formas mais simples e primitivas da organização do trabalho, raramente permitindo ao *bagulhador* a autonomia financeira, ela impede ou, ao menos, limita os riscos de *desafiliação*.

Por outro lado, constatei que, para a população estudada, o trabalho, em si, não aparece como uma referência valorizada positivamente, configurando-se muito mais como um lugar de exploração, perdas, sofrimento objetivo e subjetivo. Chama a atenção nos depoimentos, o modesto nível educacional e de qualificação profissional dos entrevistados, a falta de um emprego remunerado regular, a alternância em trabalhos ocasionais, a inatividade mais ou menos prolongada, as dificuldades em atender às necessidades relacionadas à sobrevivência.

O trabalho no lixo, por sua vez, ao invés de garantir o reconhecimento social, um projeto de vida plausível, uma forma digna de inserção na vida social, vincula-se aos atributos negativos de identidade: a ocupação de espaços discriminados, a desqualificação profissional e social, o sentimento de "incivilidade"⁸, de estar em conflito permanente com os representantes da lei e da ordem, já que para ter direitos e acesso a uma existência legítima é preciso um vínculo formal com o trabalho, provar - mediante apresentação da carteira profissional - que é um trabalhador responsável, com uma persistente trajetória laboriosa e cumpridor de seus deveres. Independente da degradação das condições materiais de vida, para os catadores, que ocupam na estrutura social a posição de "excedentes", com empregos provisórios e desqualificados, num permanente curto-circuito com o mercado, "*a experiência de trabalho se transfigura numa consciência dos limites*"⁹.

É impossível não perceber a relação entre a precariedade econômica da população estudada e a instabilidade familiar. Os dados empíricos mostram que quase metade das famílias

⁸ Cf. TELLES, Vera da Silva. *Op. Cit.*, 1992

⁹ TELLES, Vera da Silva. *Op. cit.*, 1990.

entrevistadas não vivem em relação conjugal, constituindo "famílias monoparentais" (isto é, compostas de uma pessoa sem cônjuge e com filhos). No entanto, é preciso ressaltar, tal instabilidade, não conduza necessariamente à *desafiliação* ou exclusão.

As famílias no *lixão* são compostas, em sua maioria, por casais com filhos, ilustrando uma imagem muito tradicional da família como espaço de união, felicidade e harmonia. O casamento implica no cumprimento do padrão de complementariedade das funções de marido e da mulher. A qualidade central do homem, advém da sua capacidade em prover a casa e atender as necessidades básicas da família através do trabalho. O atributo central da mulher é sua fidelidade ao companheiro e dedicação ao lar e aos filhos.

Frente às descontinuidades nas condições de absorção no mercado de trabalho, a irregularidade na obtenção do salário, o consumo restrito, o "modelo do chefe provedor" não consegue realizar-se plenamente entre os catadores e a mulher é chamada para exercer uma atividade remunerada, contribuindo com a sobrevivência familiar. A ruptura no padrão de complementariedade entre os papéis sexuais, gera tensões e conflitos, principalmente quando o marido tenta impor sua autoridade diante de uma mulher que assinala abertamente seu fracasso como provedor, sua inutilidade e incapacidade enquanto "provedor".

No entanto, isso não implica numa desvalorização do casamento. Ao contrário, a procura de um homem responsável, que garanta a subsistência familiar, ou seja, "*que dê comida a mulher e aos filhos*", como dizem as informantes, é um objetivo perseguido por todas as mulheres do *lixão*. Em parte porque as catadoras sabem que mães que vivem sós com seus filhos enfrentam um *handicap* suplementar - elas não podem achar um emprego, por exemplo - e são mais vulneráveis ainda que aquelas mulheres que contam com um "provedor" (financeiro e, também, de ajuda cotidiana: na guarda dos filhos, no acesso ao trabalho, à respeitabilidade e à sociabilidade). Uma família restrita, principalmente entre as camadas mais pobres da população, cujo capital social é limitado, implica na ausência de abertura sobre as relações

sociais, na redução dos suportes afetivos e das redes de solidariedade que, eventualmente, proporcionam ajuda econômica.

Quando os catadores me falavam de si mesmos e de seus sentimentos em relação às suas condições objetivas de vida, eu compreendi que eles se percebem ocupando um "lugar negativo". Como diz Xiberras, o excluído *"il n'est pas simplement exclu de l'échange matériel et symbolique, il occupe de plus une place manquante ou négative, une mauvaise place"*¹⁰. É visível na experiência dos catadores a vivência de um pesado estigma, que emergiu com violência e amargura quando utilizei as fotografias nas entrevistas.

A visão de uma realidade familiar, e muitas vezes da própria figura, evocou expressões emocionalmente carregadas a respeito da vida e do trabalho no *lixão*, sobre os valores domésticos, as inter-relações, a percepção e os sentimentos do grupo sobre si mesmo. Diante do registro fotográfico, os informantes reagiram com agressividade, irritação, ofensa, silêncio, alegria, satisfação e, principalmente, com muita perplexidade, como se nunca tivessem percebido o ambiente à sua volta. O realismo presente nas fotografias pareceu chocá-los, mas ao mesmo tempo incentivou respostas ricas em conteúdo e extensão. Eles observavam as fotos longa e demoradamente, relatando com minúcias o que estava acontecendo em cada cena, insistiam e me convidavam para "ver" este detalhe, esta postura, esta paisagem, este objeto que aparece ali no fundo, *"olhe a cara de fulano"*, *"veja estes barracos"*, *"preste atenção"*, diziam. Em muitas ocasiões transcenderam o realismo própria da fotografia e me revelaram informações, dimensões e relações que o registro fotográfico, por si só, escondia.

E em seu discurso os catadores revelaram que interpretam e pensam a condição em que vivem, incorporando os estigmas da pobreza (a má aparência, a degradação física do local de moradia, a ausência de carteira de trabalho assinada, o trabalho "sujo"). A aceitação e

¹⁰ XIBERRAS, Martine. *Op. cit.*, p. 18.

interiorização de uma imagem negativa se traduz no esforço que os *bagulhadores* fazem para escapar à associação feita pelo senso comum entre pobreza e violência, pobreza e crime, pobreza e desordem moral.

Esforço que pode ser percebido na insistência do catador em afirmar-se "*trabalhador como outro qualquer*", que pode ser interpretado como uma maneira de se proteger ou, pelo menos, suavizar o preconceito e o estigma dos "de fora" diante do aspecto brutal do lixão, de sua dilapidação física e abandono urbano. Quando o catador afirma diante de uma fotografia que "*as pessoas tem medo da gente, desse lugar, porque pensam que a gente é animal, que aqui só tem ladrão, gente que não presta*", revela que percebe com clareza o temor, o mal-estar e a estranheza que provoca nas outras pessoas, sinal evidente de que sua condição de moradia e a atividade que exerce servem como um credenciamento negativo, prova de sua desqualificação social. Como diz Paugam, "*les populations en situation de précarité économique et sociale (...) font l'expérience de la disqualification sociale en ce sens qu'elles ont conscience de l'infériorité de leur statut et qu'elles se savent désignées comme des 'pauvres', des 'cas sociaux' ou de 'inadaptés' de la civilisation*"¹¹.

Dáí o desejo de apresentar-se segundo critérios supostamente aceitáveis pela sociedade abrangente, revelado nas fotografias pelo cuidado com a postura, a roupa, os objetos que complementavam a cena, a construção da imagem, segundo os critérios considerados "adequados" por eles. Os *bagulhadores* pareciam ter consciência da observação de Barthes de que "*cada fotografia é a irrupção do privado no público*"¹².

Foi possível, então, perceber que a fotografia, em si, não retrata o real, ela é apenas um fragmento do real visível. Fixada num quadro de duas dimensões, ela não informa sobre os pensamentos e sentimentos dos retratados, não revela nada sobre as condições em que foi

¹¹ Ver PAUGAM, Serge. *Op. cit.*, 1994, p. 219.

¹² BARTHES, Roland. *A câmara clara*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

produzida, os critérios para a escolha de ângulos e enquadramentos do que será fotografado, data e local do conteúdo, nem mesmo a identidade do retratado. Enfim, as fotografias *"não narram, mas captam aparências momentâneas"*¹³, e são incapazes de revelar as infinitas atribuições dos retratados, seus valores e virtudes. Embora a informação visual do fato representado na imagem nunca possa ser colocada em dúvida, para a apreensão do significado daquela imagem é necessário um sólido conhecimento acerca do momento registrado e informações dos próprios retratados.

Mas, numa sociedade que valoriza a aparência, ao ponto de confundi-la com o valor dos homens, a afirmação da dignidade para aqueles que são pobres e vivenciam continuamente a experiência da *"desqualificação social"*¹⁴, é uma tarefa que precisa ser cotidianamente realimentada e reinventada. Como afirma Wacquant: *"quem é pobre numa sociedade rica tem o status de anomalia social, e perde o controle sobre sua representação e sua identidade coletiva"*¹⁵. A pecha pública que marca os moradores do *lixão*, faz com que a população estudada invente estratégias para lidar com a desconfiança pública.

Uma maneira encontrada pelos catadores para dissimular o sentimento de fracasso, humilhação e inferioridade social, consiste em elaborar um conjunto de racionalizações fundamentados em valores sociais e/ou morais: coragem, valentia, dignidade e honestidade. Essas racionalizações assumem, frequentemente, um caráter *antagônico e contraditório*. Ao longo da análise do material de campo me defrontei frequentemente com indícios dessa ambivalência. Assim, quando se referiam à saúde, pude verificar como os entrevistados em alguns momentos, ostentavam uma espécie de onipotência e invulnerabilidade até mesmo em relação aos acidentes de trabalho, evocando sua força física e sua potencialidade para o trabalho, chegando a estabelecer um paralelo com a suposta fragilidade dos filhos dos ricos

¹³ BARTHES, R. *Op. cit.*

¹⁴ PAUGAM, Serge. *Op. cit.*

¹⁵ WACQUANT, Loic J. D. *Proscritos da cidade*, in *Novos Estudos CEBRAP*, nº 43, novembro de 1995.

(quando eu bem sabia das doenças a que se expõem frequentemente). Para eles, o corpo e a saúde aparecem como instrumentos de afirmação de si diante dos outros e como uma dádiva que compensa as desigualdades sociais. Quando se tratava, porém, de hierarquizar suas necessidades, o atendimento à saúde aparecia em primeiro lugar.

Outro ponto que se mostrou importante nas representações sociais dos entrevistados foi a valorização da liberdade de trabalho (não ter patrão, nem horário), que entra frequentemente em contradição com outros aspectos e dimensões de seu discurso, por exemplo, quando se referem à falta de um emprego permanente, valorizando os benefícios da previdência para os assalariados.

Embora largamente utilizadas, essas autojustificações são insuficientes para restaurar inteiramente a dignidade dos catadores, que lançam mão de outras estratégias de distinção social. Eles podem, por exemplo, assumir uma atitude de distanciamento e indiferença a tudo que se refere à vida coletiva. Transparece no discurso dos catadores o desejo de distanciar-se daquilo que eles sabem ser um lugar e uma população desprestigiada, isto é, há uma certa rejeição do "pedaço". Não surpreende, portanto, a reconstituição de micro-hierarquias e diferenciações para impedir qualquer possibilidade de ser assimilado àqueles considerados inferiores. Eles podem, também, para tentar escapar ao estigma, transferi-lo inteiramente para o outro, o que resulta em procedimentos internos de exclusão. Tal comportamento se manifesta contra todas as pessoas que tentam romper com os valores vigentes no "pedaço", por exemplo, as mulheres que se afastam do modelo familiar tradicional.

Essas estratégias de diferenciação revelam que os catadores integram progressivamente em sua consciência social os traços desvalorizantes que lhes são atribuídos, constituindo uma "identidade negativa", para usar a expressão de Paugam¹⁶.

Por outro lado, à medida que os catadores, para reduzir ou compensar sua inferioridade, tentam se distinguir uns dos outros, reportando-se a valores morais - tais como: a família unida, o cuidado com os filhos, a disposição para o trabalho, a honestidade, etc. -, revelam que, não

¹⁶ PAUGAM, Serge. *Op. cit.* 1994.

obstante, eles continuam ligados à visão de mundo instituída reafirmando uma *identidade em continuidade* com a sociedade da qual se sentem parte.

Ou seja, apesar da não inserção no mundo do trabalho e da produção; da renda insuficiente; do consumo limitado; e do "estranhamento" que provocam ao desafiar os valores de limpeza, saúde e civilidade estabelecidos, os catadores não vivenciam um processo de *desfiliação*, isto é, não há um corte fundamental nas relações entre o grupo e a sociedade. Ao contrário, os entrevistados frequentam as mesmas escolas que os moradores dos bairro que moram, participam das mesmas atividades de lazer, dos mesmos valores e normas sociais. Não formam bandos ou gangues com regras de condutas, práticas e hábitos próprios, nem buscam formar uma "comunidade" diferenciada. Como não há qualquer marcador físico ou cultural que os identifique como *bagulhadores*, moradores do *lixão*, basta mentir sobre o endereço e sobre a atividade que desempenham, e sair para o bairro mais próximo para se livrarem do estigma de "*come lixo*" - expressão pela qual frequentemente se auto-denominam os informantes - e cruzar a fronteira entre os "incluídos" e os "excluídos".

A experiência da exclusão, portanto, não se reduz a uma questão meramente econômica, de ausência de bens materiais, avaliada apenas em termos de consumo, de nível de vida ou de educação. Ela corresponde igualmente a um estatuto social específico, inferior e desvalorizado, constituindo-se num parâmetro de avaliação social que marca profundamente a identidade daqueles que a experienciam. Às desigualdades objetivas é preciso acrescentar às desigualdades mais subjetivas ligadas ao mal-estar sentido pela perda das marcas identitárias tradicionais.

Como diz Paugam:

"(...) le problème essentiel pour une partie importante des individus est celui de la menace de perdre la place qu'ils occupent dans la société, c'est-à-dire le lien fragile qui les relie aux autres épreuve d'autant plus douloureuse qu'elle est vécue le plus souvent comme une expérience individuelle. La question n'est pas celle d'une frange de la population qu'il serait possible d'opposer au reste, mais plutôt celle de la remise en question au moins partielle du processus de construction identitaire que avait permis à des groupes sociaux de se protéger et de s'organiser dans la lutte collective en fonction à un avenir prévisible et partagé (...)" ¹⁷.

¹⁷ Ver PAUGAM, Serge. *Les sciences sociales face à l'exclusion*, in PAUGAM, Serge. *Op. cit.*, 1996, p. 571.

A N E X O

LEVANTAMENTO DAS CONDIÇÕES DE VIDA DOS BAGULHADORES DO LIXÃO DE PEIXINHOS (OLINDA)

Questionário aplicado por:

Data da aplicação:

I Identificação do sujeito

1. Nome/Apelido: _____

2. Localização da casa: _____

3. Idade: _____

4. Sexo:

☐ Masculino

☐ Feminino

5. Estado civil atual:

☐ Solteiro

☐ Casado

☐ Viúvo

☐ Outro

6. Nível de escolaridade:

☐ não lê, não escreve e não assina o nome

☐ não lê, não escreve, mas assina o nome

☐ lê, escreve e não frequenta a escola

Frequentou a escola até a série _____

7. Tipo racial:

☐ Branco

☐ Negro

8. Religião

☐ Católica

☐ Protestante

☐ Espírita

☐ Outra (especificar) _____

☐ Não tem religião

9. Que documentos possui?

☐ Certidão de Nascimento

☐ Carteira de Identidade

☐ Carteira de Trabalho

☐ CPF

☐ Reservista

☐ Título de Eleitor

☐ Nenhum documento

II Procedência e Situação Familiar

1. Onde você nasceu? _____
2. Antes de vir morar aqui no lixão onde você vivia? _____
3. Há quanto tempo vive aqui _____
4. Por que você veio morar aqui? _____

5. Quantos filhos você teve? _____
6. Desses, quantos estão vivos? _____
 - Menos de 7 anos _____
 - 7 a 12 anos _____
 - 13 a 18 anos _____
 - Mais de 18 anos _____
7. Fora mulher (marido) e filhos tem outros parentes que moram em sua casa?
 () Sim () Não

 - *Obs.:* Em caso afirmativo perguntar:
 - 7.1. Quem? (especificar natureza do parentesco)

() pai/mãe	() genro/nora
() sogro/sogra	() enteado (a)
() tio/tia	() outros parentes
() sobrinho (a)	() sem parentesco
() neto (a)	

III Informações acerca da moradia

1. A casa onde mora é
 () própria () alugada () cedida () emprestada () ocupada
2. Tem algum documento

	Sim	Não
da casa	()	()
do terreno	()	()
3. Quantos cômodos tem sua casa? _____
4. Quantas pessoas, incluindo as crianças, vivem na sua casa? _____

5. Que acha da qualidade de sua moradia?

- () boa () mais ou menos
() ruim () outra (especificar) _____

6. Na sua opinião quais os principais problemas de quem vive nessa área?

- () falta energia elétrica
() falta água
() falta assistência médica
() outros (especificar) _____

7. Acha que esses problemas podem ser resolvidos por vocês mesmos ou seria necessário ajuda de fora?

- a) () podem ser resolvidos por nós mesmos
b) () seria necessário ajuda de fora
c) () os dois (nós mesmos com ajuda de fora)

Obs.: Se a resposta for b ou c, perguntar:

7.1. Na sua opinião o que deve ser feito para solucionar esses problemas?

7.2. Você já foi pessoalmente ou com outros *bagulhadores* falar sobre esses problemas com:

- () Prefeitura () Secretaria de Ação Social
() Igreja () Outros (especificar) _____

PARA OBSERVAÇÃO DO ENTREVISTADOR:

	Sim	Não
1. A casa tem energia elétrica?	()	()
2. Tem abastecimento de água?	()	()
- Obs.: Em caso <u>negativo</u> , perguntar		
2.1. Como é feito o abastecimento d'água?	_____	
3. Tem esgoto sanitário?	()	()
4. Tem fossa?	()	()
5. O entorno da casa é pavimentado?	()	()
6. Possui iluminação pública?	()	()
7. Qual o tipo de material usado na construção das casas?		
() tijolo () plástico () papelão		
() madeira () outros		

IV Trabalho/Ocupação

1. Na sua família quantas pessoas trabalham (inclusive você)? _____

2. Quantas pessoas, dessas que trabalham, são *bagulhadoras*? _____

2.1. Trabalham no lixo

() em tempo integral () trabalham fora do *lixão*

3. Você poderia falar algo a respeito de sua ocupação principal? O que você faz para ganhar a vida?

4. Aqui no *lixão* você trabalha

a) () por conta própria

b) () é empregado

c) () faz "gancho"

- Obs.: Se a resposta for b, perguntar:

4.1. Tem carteira assinada?

() Sim () Não

4.2. Quanto ganha por mês? _____

5. Há quanto tempo trabalha como *bagulhador*?

() Nesta área

(1) 3 meses ou menos

() Noutras áreas

(2) 6 meses

() _____ (Onde)

(3) 1 a 2 anos

(4) 2 a 4 anos

(5) 4 a 6 anos

6. Na sua atividade de *bagulhador*:

6.1. Você trabalha quantos dias por semana? _____

6.2. Quantas horas por dia? _____

7. Em que você trabalhava antes de se tornar *bagulhador*? _____

8. Exerce essa atividade atualmente? () Sim () Não

9. O que você fazia antes era melhor? () Sim () Não

10. Por quê? _____

11. Por quê você se tornou *bagulhador*?

() reside próximo à área do *lixão*

() pais/parentes são *bagulhadores*

() não tem condições de exercer outro tipo de atividade

() Outra (especificar) _____

12. Nesta atividade os acidentes são frequentes?

() Sim

() Não

13. Por quê? _____

14. Quais os tipos de acidentes mais frequentes?

15. Usa algum equipamento de proteção?

() Sim

() Não

- Obs.: Em caso afirmativo, perguntar:

15.1 Que tipo de equipamento você usa?

Sim

Não

botas

()

()

luvas

()

()

máscaras

()

()

outro (especificar) _____

16. Quais as dificuldades que encontra no seu trabalho e o que deve ser feito para solucionar estas dificuldades, na sua opinião?

Dificuldades

O que deve ser feito para solucionar

17. Quais as vantagens de se trabalhar como *bagulhador*?

18. Quais as desvantagens de se trabalhar como *bagulhador*?

19. Informações sobre a atividade produtiva:

Produção/ Armazenamento/ Comercialização (especif)	Tipo de material <i>bagulhado</i>										
	Papelão	Preço (Kg)	Metal (Kg)	Preço (Kg)	Vidro (Kg)	Preço (Kg)	Plástico (Kg)	Preço (Kg)	Madeira (Kg)	Preço (Kg)	Outros (Kg)

1. Produção diária

2. Condições

de armazenamento

- em saco plástico

. na área

. fora da área

- sem acondicionamento

. na área

. fora da área

3. Comercialização

- diretamente à indústria

- atravessador

- outra (especificar)

V Educação

1. Quais as escolas que ficam próximas dessa área do lixo? _____

2. Você tem quantos filhos entre 5 anos e 18 anos? _____ (nº de filhos nessa faixa)

3. Desses, quantos frequentam a escola? _____

- *Obs.:* Se menor que o número de filhos da resposta anterior, perguntar:

3.1. Por quê não frequentam a escola?

- ☐ porque é doente
- ☐ porque é burro
- ☐ porque a escola é longe
- ☐ porque não tem a série dele

VI Atenção à saúde

1. A quem procura quando precisa de atendimento médico (pessoas ou instituições)

Atendimento médico lixão	Aqui mesmo no lixão	Fora do
-----------------------------	---------------------	---------

- doença
- acidente
- durante a gravidez
- por ocasião do parto

2. Quais as doenças mais comuns na sua família? _____

3. Dessas, qual a mais frequente? _____

4. Na sua opinião, porque essa doença é tão frequente? _____

5. Como você consegue comida aqui nessa área? _____

6. Onde você vai comprar comida? _____

7. Sua família recebe algum tipo de assistência alimentar? ☐ Sim ☐ Não

VII Sociabilidade

1. Você diria que, de uma maneira geral, seus vizinhos são:

- ☐ ótimos ☐ bons ☐ mais ou menos ☐ ruins

2. Você bate papo com seus vizinhos:

- ☐ todo dia ☐ de vez em quando ☐ nunca

3. Existe algum lugar onde você se reúne para, por exemplo, jogar futebol, dominó, dançar? () Sim () Não

- Obs.: Em caso afirmativo, perguntar:

3.1 Onde? _____

VIII Associativismo

1. Você faz parte de alguma associação?

- | | |
|-----------------------------|-------------------------------|
| () sindicato | () partido político |
| () associação de moradores | () associação religiosa |
| () clube | () outra (especificar) _____ |

2. Você conhece, aqui ou em outra área, alguma associação que reúna os *bagulhadores*? () Sim () Não

- Obs.: Em caso afirmativo, perguntar:

2.1. Qual? _____

2.2. O que ela faz? _____

3. Aqui nesta área vocês já tentaram se reunir e organizar alguma associação para reunir os *bagulhadores*? () Sim () Não

4. Você gostaria de participar de alguma associação de *bagulhadores*?
() Sim () Não

5. Por quê? _____

6. Na sua opinião o que deve fazer uma associação de *bagulhadores*?

BIBLIOGRAFIA

- ABRANCHES, S.H. **Política social e combate à pobreza: a teoria da prática**, in ABRANCHES, S.H; SANTOS, W.G. & COIMBRA, M.A. *Política social e combate à pobreza*. Rio de Janeiro:Jorge Zahar Ed., 1987.
- ACOT, Pascal. **História da ecologia**. Rio de Janeiro:Campus, 1990.
- ADORNO, Sérgio. **A gestão filantrópica da pobreza urbana**, in *São Paulo em Perspectiva*, vol. 4, nº 2. São Paulo:Fundação SEADE, 1990.
- ALVES, Júlia Falivene. **Métropoles - cidadania e qualidade de vida**. São Paulo:Moderna, 1992.
- ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo/Brasília:Martins Fontes/Unb, 1982.
- AZEVEDO, Aluisio. **O cortiço**. São Paulo:Moderna, 1993.
- BACHA, Edmar. **Política econômica e distribuição de renda**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1978.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. 4a ed. Rio de Janeiro:Nova Fronteira, 1984.
- BAVA, Silvio Caccia & Laura Mullahy. **Tornando as cidades do Brasil mais habitáveis: as ONG e a reciclagem dos resíduos humanos**, in *Revista Desenvolvimento de Base*, v. 17, nº 1. EUA/São Paulo:Fundação Interamericana/Instituto de Estudos e Pesquisas, 1993.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo:Companhia das Letras, 1986.
- BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. 3a ed. Rio de Janeiro:Edições Graal, 1989.
- BORGES, Angela & DRUCK, Maria da Graça. **Crise global, terceirização e a exclusão do mundo do trabalho**, in *Caderno CRH*, nº 19. Salvador:Centro de Recursos Humanos/UFBA, 1993.
- BOUGET, Denis & NOGUES, Henry. **Observatório Europeu das políticas de luta contra as exclusões sociais. Relatório consolidado. Relatório apresentado à Comissão das Comunidades Europeias**. Paris/Recife/ Brasília:IRFED/TGI/UNB, 1992.

- BRESCIANI, Maria Stella. **A cidade das multidões, a cidade aterrorizada**, in PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro:Ed.UFRJ, 1994.
- BRUSCHINI, Cristina. **Mulher e trabalho: uma avaliação da década - 1975/1985**. São Paulo:Nobel/Conselho da Condição Feminina, 1985.
- BUARQUE, Cristóvam. **O colapso da modernidade brasileira e uma proposta alternativa**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1991.
- _____. **O que é apartação?** São Paulo:Brasiliense, 1993.
- CALDEIRA, Teresa Pires R. **A política dos outros - o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos**. São Paulo:Brasiliense, 1984.
- CAMPOS, Maria Christina S. de Souza. **A associação da fotografia aos relatos orais na reconstrução histórico-sociológica da memória familiar**, in Cadernos CERU. São Paulo: CERU, Coleção Textos nº 3, 1992.
- CARDOSO, Adauto. **A utopia em construção: modernidade, ecologia e urbanização**, in PIQUET, Rosélia & RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Brasil, território da desigualdade: descaminhos da modernização*. Rio de Janeiro:Jorge Zahar Ed./Fundação José Bonifácio, 1991.
- CARVALHO, Valéria Landim. **O Serviço Social e o setor informal**, in *Revista Serviço Social e Sociedade*, ano X, nº 32, maio/ago, 1990.
- CASTEL, Robert. **Les métamorphoses de la question sociale - une chronique du salariat**. Paris:Fayard, 1995.
- CHESNEAUX, Jean. **Modernidade-mundo**. Petrópolis:Vozes, 1995.
- CHEVALIER, Louis. **Classes laborieuses et classes dangereuses**. Paris:Plon, 1958.
- CODO, Wanderley *et alii*. **Indivíduo, trabalho e sofrimento - uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis:Vozes, 1993.
- COLLIER, John. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo:EPU, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.
- CORREA, Mariza. **Morte em família**. Rio de Janeiro:Edições Graal, 1983.
- COSTA, Idalina F. S. **De lixo também se vive: origem e reprodução de comerciantes e catadores do lixo**. Recife:FUNDAJ/Ed. Massangana, 1986.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, São Paulo:Papirus, 1994.

- DURHAM, Eunice Ribeiro. **Família e casamento**, in *Anais do Terceiro Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. São Paulo:ABEP, 1982.
- _____. **A sociedade vista da periferia**, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 3, vol. 1, São Paulo:ANPOCS, junho, 1986.
- EICHEMBERG Silva, Luiz Carlos (Coord.). **O que mostram os indicadores sobre a pobreza na década perdida. Texto para Discussão**. Rio de Janeiro:IPEA, agosto, 1992.
- ETAPAS. **Miséria Urbana - uma radiografia da Região Metropolitana do Recife**. Recife, 1991.
- FIDEM. **Síntese do estudo de viabilidade técnico-financeira do sistema metropolitano de limpeza urbana do município do Recife**. Recife:FIDEM, 1982.
- FIDEM/ATEPE/UFPE. **Aterro Sanitário Intermunicipal da Região Metropolitana do Recife - Estudos Preliminares**. Recife:FIDEM/ ATEPE/UFPE, 1995.
- FIGUEIREDO, Paulo Jorge Moraes. **Sociedade do lixo - os resíduos, a questão energética ea crise ambiental**. 2a ed. Piracicaba:Editora UNIMPE, 1995.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia de grupo e análise do ego**. Rio de Janeiro:Imago, 1976.
- FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. 3a ed. Rio de Janeiro:Forense/Universitária, 1980.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro:Zahar Editores, 1978.
- _____. **Estar lá, escrever aqui**, in *Revista Diálogo*, nº 3, vol. 22, 1989.
- GEREMEK, Bronilaw. **Os filhos de Caim - vagabundos e miseráveis na literatura européia, 1400-1700**. São Paulo:Companhia das Letras, 1995.
- GROZ, André. **Saindo da sociedade do trabalho assalariado**, in *São Paulo em Perspectiva*, vol. 9, nº 3. São Paulo:Fundação SEADE, jul-set, 1995.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São.Paulo:Edições Loyola, 1993.
- HARRIS, Nathaniel. **A arte de Toulouse-Lautrec**. Rio de Janeiro:Ao Livro Técnico S/A., 1987.
- HOBBSAWN, E. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1979.
- HOGAN, Daniel Joseph. **A qualidade ambiental urbana: oportunidades para um novo salto**, in *São Paulo em Perspectiva*, vol. 9, nº 3. São Paulo:Fundação SEADE, jul-set, 1995.
- HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 21a ed. Rio de Janeiro:Guanabara, 1986.

- IBGE. **Anuário Estatístico**, 1991.
- IBGE. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico - PNSB**, 1989.
- JAGUARIBE, Hélio *et alii*. **Brasil: reforma ou caos**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1986.
- KONDER, Leandro. **Um olhar filosófico sobre a cidade**, in PECHMAN, Robert Moses (Org.). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro:Ed.UFRJ, 1994.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia histórica**. São Paulo:Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- KOWARICK, Lúcio & ANT, C. **Cem anos de promiscuidade: o cortiço na cidade de São Paulo**, in KOWARICK, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1988.
- KOWARICK, Lúcio *et alii*. **São Paulo: crise e mudança**. São Paulo:Brasiliense, 1990.
- KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1979.
- LAVELL, Allan. **Ciências sociales y desastres naturales en América Latina: un encuentro inconcluso**, in MASKREY, Andrew (org.). *Los desastres no son naturales*. Colômbia:LA RED/IIDG, 1993.
- _____. **Degradación ambiental, riesgo y desastre urbano - problemas y conceptos: Hacia la definición de una Agenda de Investigación**. Mimeo. Colômbia, s/d.
- LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. São Paulo:Edições Roger Delraux, 1994.
- LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família leitura da fotografia histórica**. São Paulo:Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- LÈVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis:Vozes/EDUSP, 1976.
- LEWIS, Oscar. **La vida: una familia puertorriqueña en la cultura de la pobreza: San Juan y Nueva York (Introducción)**. México:Editorial Joaquim Martins S.A., 1975
- LIMA, Marcos Costa & RANDS, Alexandre. **Setor informal da economia urbana da Região Metropolitana do Recife**. Mimeo. Recife, 1995.
- LIMA, Tânia Cristina. **Os catadores de lixo da zona sul do Recife - reciclagem alternativa do lixo urbano**. Recife:FUNDAJ, dezembro, 1988.
- LOPES, Juarez Brandão & GOTTSCHALK, Andréa. **Recessão, pobreza e família: a década mais do que perdida**, in *São Paulo em perspectiva*. São Paulo:Fundação SEADE, vol, 4,nº 2, abri/jun, 1990.

- MACEDO, Carmen Cinira. **A reprodução da desigualdade: o projeto de vida familiar de um grupo operário**. São Paulo:Vértice, 1985.
- MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular - introdução à fotografia**. Rio de Janeiro/São Paulo: FUNARTE/Brasiliense, 1984.
- MACHADO, Lia Zanotta. **Família, honra e individualismo**, in OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Anuário Antropológico/85*. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, 1986.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço, cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo:Brasiliense, 1984.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo:Ed. Abril, 1978.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa:Edições 70, 1988.
- MARTINS, Paulo Henrique. **Carochas contra profetas: os economistas e a desarticulação do imaginário desenvolvimentista no Brasil**. Mimeo. Recife, s. d.
- _____. **A morte dos mitos brasileiros: imaginário e desenvolvimento**. Mimeo. Recife, 1993.
- MARTINS, Paulo Henrique. **Contra o feitiço patrimonial: a alforria das cidades**. Mimeo. Recife, 1993.
- _____. **República patrimonial e modernização conservadora**. Mimeo. Recife, 1994.
- MATTELART, Armand. **Comunicação-mundo: história das idéias e das estratégias**. Petrópolis:Vozes, 1994.
- MELO, Mário Lacerda. **Metropolitização e subdesenvolvimento: o caso do Recife**. Recife:Universidade Federal de Pernambuco, 1978.
- MICELI, Sérgio. **Imagens negociadas**. São Paulo:Companhia das Letras, 1994.
- MONTALI, Lília. **Família e trabalho na conjuntura recessiva**, in *São Paulo em perspectiva*, vol. 5, nº 1. São Paulo:Fundação SEADE, jan/mar, 1991.
- MOTTA, Roberto & SCOTT, Parry. **Sobrevivência e fonte de renda: estratégias das famílias de baixa renda no Recife**. Recife:Editora Massangana/SUDENE, 1983.
- MORAES, Cel. João de Melo. **Topônimos do município de Olinda**. *Separata da Revista Brasileira de Geografia*, nº 3, Ano XXIV, jul-set de 1962. Rio de Janeiro:IBGE/Conselho Nacional de Geografia, 1962.

- MOURA, Alexandrina Sobreira de. **Terra do mangue: invasões urbanas no Recife**. Recife:FUNDAJ/Editora Massangana, 1990.
- NASCIMENTO, Elimar P. **Projetos nacionais e exclusão social**, in *Planejamento e políticas públicas*. Brasília:IPEA, 1993.
- NASCIMENTO, Elimar P. **Hipóteses sobre o problema da nova exclusão social no Brasil**. Mimeo. Brasília, 1994.
- _____. **A exclusão social na França e no Brasil: situações (aparentemente) invertidas, resultados (quase) similares?**, in DINIZ, E., LOPES J. S. e PRANDI, R. (Org.). *O Brasil no rastro da crise: partidos, sindicatos, movimentos sociais, Estado e cidadania no curso dos anos 90*. São Paulo:Hucitec, 1994.
- _____. **Exclusão: a nova questão social**, in *Revista PROPOSTA*, nº 61, ano 22. Rio de Janeiro:FASE, jan, 1994.
- NEVES, Delma Pessanha. **Nesse terreiro galo não canta. Estudo do caráter marifocal de unidades familiares de baixa renda**, in OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Anuário Antropológico/83*. Rio de Janeiro/Fortaleza:Tempo Brasileiro/UFC, 1985.
- NEVES, Margarida de Souza. **O povo na rua**, in PECHMANN, Robert Moses. *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro:Ed.UFRJ, 1994.
- OGATA, Maria Gravina. **Os resíduos sólidos na organização do espaço e na qualidade do ambiente urbano: uma contribuição geográfica ao estudo do problema na cidade de São Paulo**. Rio de Janeiro:IBGE, 1983
- OLIVEIRA, Francisco de. **O flanco aberto da economia**, in *São Paulo em Perspectiva*, vol. 2, nº 3. São Paulo:Fundação SEADE, jul-set., 1988.
- ONU. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro:FGV, 2a ed., 1987.
- PAES, José Paulo. **Samba, estereótipos, desforra**, in SCHARZ, Roberto (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo:Brasiliense, 1983.
- PAUGAM, Serge. **La disqualification sociale - essai sur la nouvelle pauvreté**. 3a ed. Paris:PUF, 1994.
- _____. **La constitution d'un paradigme**, in PAUGAM, Serge (Dir). *L'exclusion, l'état des savoirs*. Paris:La Découverte, 1996.
- _____. **Les sciences sociales face à l'exclusion**, in PAUGAM, Serge (Dir). *L'exclusion, l'état des savoirs*. Paris:La Découverte, 1996.
- _____. (Dir.). **L'exclusion, l'état des savoirs**. Paris:La Découverte, 1996.

- PECHMAN, Robert Moses. **A invenção do urbano: a construção da ordem na cidade**, in PIQUET, Rosélia & RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Brasil, território da desigualdade: descaminhos da modernização*. Rio de Janeiro:Jorge Zahar Ed./Fundação José Bonifácio, 1991.
- PERLMAN, Janice. **O mito da marginalidade - favelas e política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1977.
- PREBISCH, R. **Interpretação do processo de desenvolvimento econômico**, in *Revista Brasileira de Economia*, ano 5, nº 3, março, 1951.
- QUIJANO, Aníbal. **Modernidad, identidad y utópia en America Latina**, in Cadernos de sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul:Programa de Pós-Graduação em sociologia, vol. I, nº 1, maio/jul, 1989.
- RODRIGUES, José Albertino (org.). **Émile Durkheim: sociologia**. São Paulo:Ática, 1984.
- ROLNIK, R. **São Paulo, início da industrialização: o espaço e a política**, in KOWARICK, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1988.
- RUDÉ, George. **A multidão na história - estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra, 1730-1848**. Rio de Janeiro:Editora Campus, 1991.
- SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**. São Paulo:UNESP/Brasiliense, 1990.
- SACHS, Ignacy. **Espaços, tempos e estratégias de desenvolvimento**. São Paulo:Vértice, 1986.
- SADER, Eder & PAOLI, Maria Célia. **Sobre "classes populares" no pensamento sociológico brasileiro (Notas de leitura sobre acontecimentos recentes)**, in DURHAM, Eunice Ribeiro *et alii*. *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1986.
- SAMAIN, Etienne. **Para que a antropologia consiga tornar-se visual**. Mimeo, 1993.
- _____. **Bronislaw Malinowski e a fotografia antropológica**, in REIS, Elisa, ALMEIDA, Maria H.T. de & FRY, Peter. *Ciências sociais hoje - Anuário de antropologia, política e sociologia*. São Paulo:Hucitec/ANPOCS, 1995.
- SANTOS, Milton. **A metrópole: modernização, involução e segmentação**, in PRETECELLE, E. & VALLADARES, E. (org.) *Reestruturação urbana: tendências e desafios*. São Paulo:Nobel/IUPERJ, 1990.
- SARTI, Cynthia Andersen. **Família patriarcal entre os pobres urbanos**. Trabalho apresentado no XIII Encontro Anual da ANPOCS. Mimeo. Caxambu, 1989.

- SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho - um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo:Cortez, 1995.
- SCOTT, Parry R. **O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico**, in *Cadernos de Pesquisa*, nº 73. São Paulo, maio, 1990.
- SCHNAPPER, Dominique. **L'épreuve de chômage**. Paris:Galimard, 1981.
- _____. **Intégration et exclusion dans les sociétés modernes**, in PAUGAM, Serge (Dir). *L'exclusion, l'état des savoirs*. Paris:La Découverte, 1996.
- SENNET, Richard. **O declínio do homem público - as tiranias da intimidade**. São Paulo:Cia. das Letras, 1988.
- SEPLAN/FIDEM. **Caracterização da Pobreza na Região Metropolitana do Recife - Versão Preliminar**. SEPLAN/FIDEM:Recife, 1995.
- SOARES, Maria Suzana Arrosa. **(Re)Pensando a modernidade Latino-Americana**, in *Cadernos de Sociologia*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul:Programa de Pós-Graduação em sociologia, vol. 1, nº 1, maio/jul, 1989.
- SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. Rio de Janeiro:Arbor, 1981.
- SOUZA, Nelson Mello. **Modernidade: desacertos de um consenso**. Campinas, São Paulo:Editora da UNICAMP, 1994.
- SPOSATI, Aldaiza. **A vida urbana e a gestão da pobreza**. São Paulo:Cortez, 1988.
- TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. **A propagação do discurso ambientalista e a produção estratégica da dominação**, in *Espaço e Debates*, nº 35. São Paulo:NERU, 1992.
- TASCHEN, Benedikt. **Van Gogh - 1853/1890. Visão e realidade**. Tradução de Maria Odete Gonçalves-Koller. Koln Benedikt Taschen Verlag GmbH, 1990.
- TELLES, Vera da Silva. **A pobreza como condição de vida: família, trabalho e direitos entre as classes trabalhadoras urbanas**, in *São Paulo em perspectiva*, vol. 4, nº 2. São Paulo:Fundação SEADE, abri-jun, 1990.
- _____. **Cidadania inexistente: incivilidade e pobreza. Um estudo sobre trabalho e família na Grande São Paulo**. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia:FFLCH/USP, 1992.
- _____. **Pobreza e cidadania - dilemas do Brasil contemporâneo**, in *Caderno CRH* nº 19. Salvador:FFCH/UFBA. Salvador, jul-dez, 1993.
- THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1987.

VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro:Zahar Editores, 1967.

VIOLA, Eduardo. **O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo a ecopolítica**, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo:ANPOCS, fevereiro, 1987.

WACQUANT, Loic J. D. **Proscritos da cidade**, in *Novos Estudos CEBRAP*, nº 43, novembro de 1995.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo:Livraria Pioneira Ed., 1985.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo:Cia. das Letras, 1989.

WOORTMAN, Klaas. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro/CNPq, 1987.

XIBERRAS, Martine. **Les théories de l'exclusion**. Paris:Meridiens Klincksieck, 1993.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**. São Paulo:Brasiliense, 1989.

- Jornais e Revistas

Diário de Pernambuco, Vida urbana, 24.04.94, p. B-2.

Jornal do Commercio, 21/04/94, Cidades, pp. 1-2;

Jornal do Commercio, 22/04/94, Cidades, p. 3.

Jornal do Commercio, 17.04.94, p. 1 e 20.

Jornal do Commercio, 19.11.95, Cidades, p. 6.

Jornal do Commercio, Geral, p. 20, 17.04.94.

Revista ISTOÉ, nº 1315, 14/12/94.

DOAÇÃO	BC / PIU
ENTIDADE	
VALOR	40,00
DATA	25/04/97

39
AUGET